

TEMAS INTERDISCIPLINARES NORTEADORES NO ÂMBITO DO ENSINO, DA PESQUISA E EXTENSÃO DO PET/CDSA-GESTÃO PÚBLICA, POLÍTICA E CIDADANIA DO CDSA/UFCG

VOLUME 2

FABIANO CUSTÓDIO DE OLIVEIRA
ORGANIZADOR



TEMAS INTERDISCIPLINARES NORTEADORES NO ÂMBITO DO ENSINO, DA PESQUISA E EXTENSÃO DO PET/CDSA-GESTÃO PÚBLICA, POLÍTICA E CIDADANIA DO CDSA/UFCG

VOLUME 2

FABIANO CUSTÓDIO DE OLIVEIRA
ORGANIZADOR



Conselho Editorial

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva - UNIDAVI
Prof. Dr. Astor João Schönell Júnior - IFFAR
Prof. Dr. Alan Ricardo Costa - UFRR
Prof. Dr. Allan Diêgo Rodrigues Figueiredo - UESPI
Profa. Dra. Andréia Bulaty - UNESPAR
Profa. Dra. Carla da Conceição de Lima - UFVJM
Prof. Dr. Camilo Darsie de Souza - UNISC
Profa. Dra. Clarice Caldeira Leite - UFRGS
Profa. Dra. Cecilia Decarli - UFRGS
Prof. Dr. Carlos Adriano Martins - UNICID
Prof. Dr. Christian Dennys Monteiro de Oliveira - UFCE
Profa. Dra. Dayse Marinho Martins - UFMA
Prof. Dr. Deivid Alex dos Santos - UEL
Prof. Dr. Dioni Paulo Pastorio - UFRGS
Prof. Dr. Douglas Manoel Antonio de Abreu Pestana dos Santos - FASESP
Profa. Dra. Elane da Silva Barbosa - UERN
Profa. Dra. Elen Gomes Pereira - IFBA
Profa. Dra. Francielle Benini Agne Tybusch - UFN
Prof. Dr. Francisco Odécio Sales - IFCE
Prof. Dr. Francisco Ricardo Miranda Pinto - UFCAT
Prof. Dr. Gilvan Charles Cerqueira de Araújo - UCB
Prof. Dr. Ismar Inácio dos Santos Filho - UFAL
Prof. Dr. Leonardo Bigolin Jantsch - UFSM
Profa. Dra. Liziany Müller Medeiros - UFSM
Profa. Dra. Marcela Mary José da Silva - UFRB
Prof. Dr. Mateus Henrique Köhler - UFSM
Prof. Dr. Michel Canuto de Sena - UFMS
Profa. Dra. Mônica Aparecida Bortolotti - UNICENTRO
Prof. Nilton David Vilchez Galarza - UPLA
Prof. Dr. Olavo Barreto de Souza - UEPB
Prof. Dr. Rafael Nogueira Furtado - UFABC
Prof. Dr. Roberto Araújo da Silva Vasques Rabelo - UNISANTOS
Prof. Dr. Rodrigo Toledo - USCS
Prof. Dr. Rodolfo Rodrigues de Souza - UERJ
Prof. Dr. Sidnei Renato Silveira - UFSM
Prof. Dr. Thiago Ribeiro Rafagnin - UFOB
Prof. Dr. Tomás Raúl Gómez Hernández - UCLV

Editor Chefe: Ivanio Folmer

Bibliotecária: Aline Grazielle Benitez

Projeto gráfico e Diagramação: Gabriel Eldereti Machado

Imagem capa: www.canva.com

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Temas interdisciplinares norteadores no âmbito do ensino, da pesquisa e extensão do PET/CDSA-gestão pública, política e cidadania do CDSA/UFCG [livro eletrônico] : volume 2 / organização Fabiano Custódio de Oliveira. -- Santa Maria, RS : Arco Editores, 2025.
PDF

Vários autores.

Bibliografia.

ISBN 978-65-5417-459-6

1. Cidadania 2. Divulgação científica 3. Ensino – Metodologia 4. Extensão universitária 5. Gestão pública 6. Interdisciplinaridade na educação 7. Pesquisa científica I. Oliveira, Fabiano Custódio de.

25-268037

CDD-378.001

Índices para catálogo sistemático:

1. Interdisciplinaridade : Ensino superior : Educação 378.001

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129



10.48209/978-65-5417-459-6

Esta obra é de acesso aberto.

É permitida a reprodução parcial ou total desta obra, desde que citada a fonte e a autoria e respeitando a Licença Creative Commons indicada.



EPÍGRAFE

A ciência que não dialoga com a sociedade é silêncio; a extensão que não escuta é monólogo. Que nossas ideias caminhem com os pés no chão e olhos no futuro.

APRESENTAÇÃO

O Programa de Educação Tutorial (PET) é um programa acadêmico que contempla os três pilares da universidade: ensino, pesquisa e extensão. Foi criado para apoiar atividades acadêmicas que integram o ensino, a pesquisa e a extensão, através de suas ações, no contexto acadêmico e nas comunidades, fora dos muros da instituição.

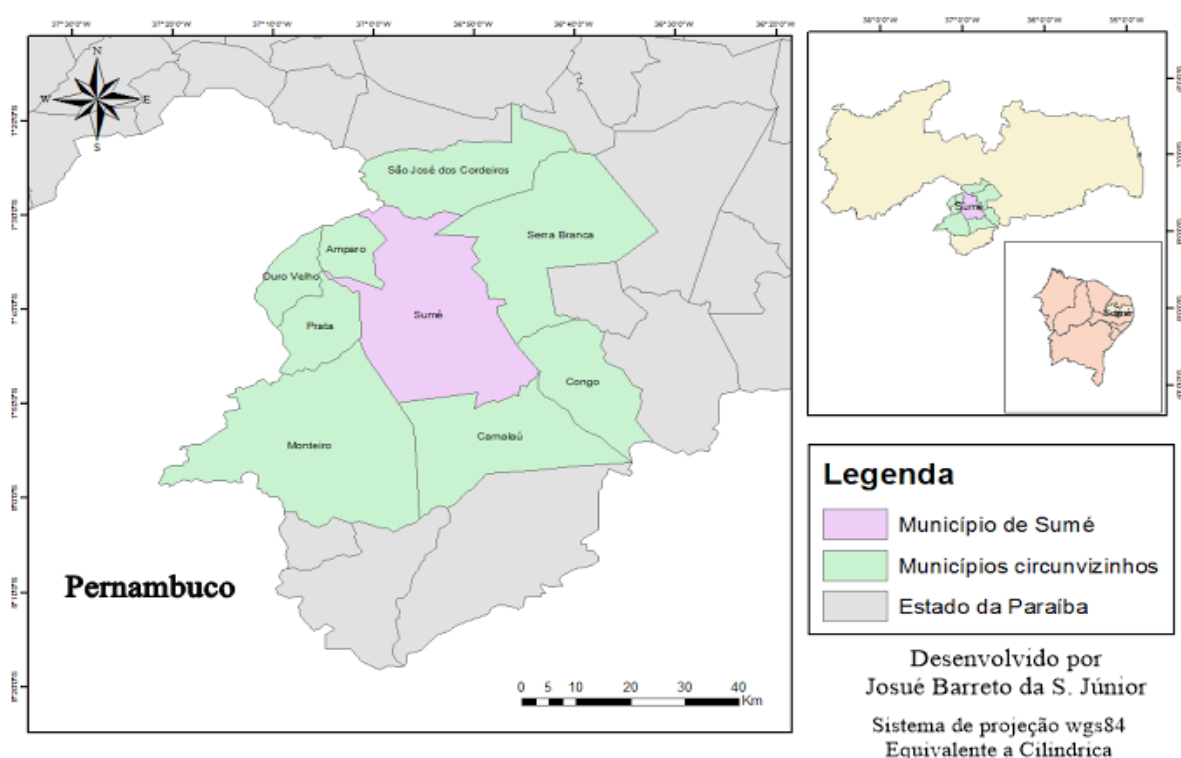
Formado por grupos tutoriais de aprendizagem, o PET propicia aos alunos participantes (entre 12 e 18 componentes), sob a orientação de um tutor, a realização de atividades extracurriculares que complementem a formação acadêmica do estudante e atendam às necessidades do próprio curso de graduação.

Dessa forma, O PET atua dentro da universidade com o intuito de potencializar a formação do aluno da graduação, garantindo mecanismos para desenvolver a sensibilização dos discentes com as dimensões do ensino, da pesquisa e extensão, promovendo atividades ligadas ao processo de ensino e aprendizagem, produção de conhecimento e atividades junto às comunidades

De acordo com Silva (2015)¹, o grupo PET/CDSA-Gestão Pública, Política e Cidadania surgiu em 10 de dezembro de 2010 integrado ao projeto de expansão das Instituições Federais de Ensino Superior com o intuito de potencializar as atividades de Ensino, Pesquisa e Extensão dos cursos de graduação em Gestão Pública, Ciências Sociais e Educação do Campo, no Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido (CDSA) da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). Estamos localizados no município de Sumé (Mapa 1), na região geográfica Imediata de Sumé, no interior do Estado da Paraíba.

¹ SILVA, José Irivaldo Alves O. (Org). **Metodologia e práticas: experiências no Semiárido Brasileiro**. Cachoeirinha: Everprint Indústria Gráfica, 2015.

Mapa 1 – Localização do Município de Sumé - PB



Fonte: Josué Barreto da S. Júnior.

O PET/CDSA-Gestão Pública, Política e Cidadania é um grupo interdisciplinar; o mesmo é composto por alunos das Unidades Acadêmicas, UAE-DUC², UACIS³ e UAGESP⁴. Essas Unidades Acadêmicas abrigam o único PET do Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido-CDSA, pertencendo a um dos grupos PETs da UFCG, que tem o papel primordial na promoção do diálogo com os cursos dessas unidades, onde são desenvolvidos projetos visando ao aprimoramento do processo de ensino-aprendizagem nos cursos supracitados, com atividades e grupos de ensino, pesquisa, extensão e estudos que impulsionam a aprendizagem, dinamizam a participação do discente no mundo acadêmico e propiciam o contato do mesmo com a comunidade em atividades de extensão.

Entre as ações de Ensino, Pesquisa e Extensão de fluxo contínuo que estamos desenvolvendo desde 2023, destaca-se o grupo de Ensino e Pesquisa

² Unidade Acadêmica de Educação do Campo - UAEDUC

³ Unidade Acadêmica de Ciências Sociais - UACIS

⁴ Unidade Acadêmica de Gestão Pública - UAGESP

intitulado “O PETIANO PESQUISADOR”. O objetivo desse grupo é incentivar os(as) alunos(as) petianos(as) a realizarem pesquisas bibliográficas e de campo sobre temas relevantes em Gestão Pública, Ciências Sociais e Educação do Campo. Essas pesquisas são fundamentadas nos métodos científicos e pautadas em demandas sociais da sociedade contemporânea, sob uma perspectiva interdisciplinar.

Dessa forma, este e-book, intitulado “**Temas Interdisciplinares Nortea-
dores no Âmbito do Ensino, da Pesquisa e Extensão do PET/CDSA – Ges-
tão Pública, Política e Cidadania do CDSA/UFCG – Volume 2**”, é fruto do trabalho desse grupo de ensino e pesquisa, que tem como objetivo apresentar ao leitor textos, resumos expandidos, artigos, resenhas e relatos de experiência escritos pelos petianos sobre temas emergentes e interdisciplinares. Essas produções fortalecem as atividades de ensino, pesquisa e extensão, contribuindo para o processo formativo do petiano no âmbito da universidade.

Nesse sentido, esta obra representa uma continuidade do e-book lançado em 2024, com o mesmo título, agora como volume 2. A publicação apresenta novos autores e reúne os seguintes textos interdisciplinares: O tripé da formação acadêmica: ensino, pesquisa e extensão na formação dos petianos; A importância da pesquisa no contexto acadêmico; Trajetórias e experiências de graduados do curso de Licenciatura em Ciências Sociais da UFCG/CDSA; Reflexões sobre evasão escolar: ponderações acerca da Escola Firmo Santino, localizada na comunidade quilombola Caiana dos Crioulos, em Alagoa Grande-PB; Repensar o currículo na educação básica: novos sujeitos, novas abordagens sociais em sala de aula; Ensinar e aprender por meio dos recursos didáticos nas escolas do campo: possibilidades e desafios; Mapeamento dos recursos didáticos utilizados nas aulas de Ciências Humanas e Sociais em duas escolas cidadãs integrais técnicas no Cariri paraibano; A utilização de recursos didáticos por professores de Sociologia do ensino médio no Cariri paraibano e Educação Ambiental na educação básica: um relato de experiência de uma ação do PET/CDSA – Gestão Pública, Política e Cidadania.

Os textos estabelecem uma relação entre campo científico (da formação) e o campo profissional (do trabalho) que ajudarão aos futuros Tecnólogos em

Gestão Pública e os Licenciados em Ciências Sociais e Educação do Campo a estarem preparados para o mundo do trabalho.

É importante ressaltar o empenho, dedicação e compromisso das autoras e autores petianos: Italo Tauan, Jackson Emanuel, Tainá Carvalho, Yanna Maria, Emersom Sousa, Brenda Tamires , Ingrid Gabriele, Michely Maria, Mylena Vicente, Vinicius Matheus, Maria Simone, Millena Martins, Mônica Alves, Raiane Silva, Luciana Severina, Maria do Socorro e da professora Karla Alexandra, na elaboração do presente e-book.

Optou-se pelo formato digital para esta publicação por proporcionar um acesso fácil e democrático à comunidade interna e externa do CDSA/UFCG, incluindo discentes, docentes, coordenadores de cursos, gestores do CDSA e da UFCG, profissionais da educação básica e demais interessados nas discussões aqui apresentadas.

Uma boa leitura para tod@s!

Prof. Dr. Fabiano Custódio de Oliveira
TUTOR DO PET-CDSA/UFCG-GESTÃO PÚBLICA, POLÍTICA E CIDADANIA

SUMÁRIO

Capítulo 1

O Tripé da Formação Acadêmica: Ensino, Pesquisa e Extensão na Formação dos Petianos.....12

Italo Tauan Batista Gomes
Jackson Emanuel Brito de Oliveira
Tainá Carvalho da Silva
Yanna Maria Pachêco Gonzaga
Fabiano Custódio de Oliveira
doi: 10.48209/978-65-5417-459-0

Capítulo 2

A Importância da Pesquisa no Contexto Acadêmico.....18

Emerson Sousa Lopes
Brenda Tamires Oliveira de Araújo
Ingrid Gabriele Lima da Silva
doi: 10.48209/978-65-5417-459-1

Capítulo 3

Trajetórias e Experiências de Graduados do Curso de Licenciatura em Ciências Sociais da UFCG/CDSA.....24

Vinícios Matheus Dos Santos Farias
Jordana Dourado de Brito
Michely Maria Vieira Sousa
Mylene Vicente da Silva
Fabiano Custódio de Oliveira
doi: 10.48209/978-65-5417-459-2

Capítulo 4

Reflexões sobre Evasão Escolar:ponderações acerca da Escola Firmo Santino da Comunidade Quilombola, Localizada na Caiana dos Crioulos, Alagoa Grande-PB.....32

Maria Simone da Silva Santino
Karla Alexandra Dantas Freitas Estrela
doi: 10.48209/978-65-5417-459-3

Capítulo 5

Repensar o Currículo na Educação Básica: Novos Sujeitos, Novas Abordagens Sociais em Sala de Aula.....60

Luciana Severina da Silva
Raiane Silva Lima
Fabiano Custódio de Oliveira
doi: 10.48209/978-65-5417-459-4

Capítulo 6

Ensinar e Aprender Através dos Recursos Didáticos nas Escolas do Campo: Possibilidades e Desafios.....67

Maria Simone da Silva Santino

Milena Martins da Silva

Mônica Alves Feitosa

Fabiano Custódio de Oliveira

doi: 10.48209/978-65-5417-459-5

Capítulo 7

Mapeamento dos Recursos Didáticos Utilizados nas Aulas das Ciências Humanas e Sociais em Duas Escolas Cidadãs Integrais Técnicas no Cariri Paraibano.....92

Mylena Vicente da Silva

Michele Maria Vieira Sousa

Raiane Silva Lima

Elielma Trajano de Melo

Fabiano Custódio de Oliveira

doi: 10.48209/978-65-5417-459-7

Capítulo 8

A Utilização de Recursos Didáticos por Professores de Sociologia do Ensino Médio do Cariri Paraibano.....109

Vinícios Matheus Dos Santos Farias

Maria do Socorro Soares de Almeida Filha

Luciana Severina da Silva

Fabiano Custódio de Oliveira

doi: 10.48209/978-65-5417-459-8

Capítulo 9

Educação Ambiental na Educação Básica: Um Relato de Experiência de uma Ação do PET/CDSA Gestão Pública, Política e Cidadania.....120

Vinícios Matheus Dos Santos Farias

Rafael Freitas da Silva

Fabiano Custódio de Oliveira

doi: 10.48209/978-65-5417-459-9

Sobre o Organizador.....132

Sobre as Autoras e os Autores.....134

CAPÍTULO 1

O TRIPÉ DA FORMAÇÃO ACADÊMICA: ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO NA FORMAÇÃO DOS PETIANOS

Italo Tauan Batista Gomes

Jackson Emanuel Brito de Oliveira

Tainá Carvalho da Silva

Yanna Maria Pachêco Gonzaga

Fabiano Custódio de Oliveira

Doi: 10.48209/978-65-5417-459-0

O conhecimento é a principal ferramenta que diferencia o ser humano de outras espécies, ele é essencial para o nosso desenvolvimento e evolução, permitindo que possamos agir de maneira estratégica. Mesmo quando aparece de forma limitada ou distorcida, como no senso comum ou na ideologia, o conhecimento continua sendo indispensável para a história da humanidade.

A educação desempenha um papel central nesse processo, pois é por meio dela que o conhecimento é criado, organizado, conservado e transmitido. No ensino superior, esse papel se torna ainda mais evidente, especialmente nas universidades, onde a pesquisa e a produção de conhecimento são fundamentais.

A pesquisa está presente em toda a estrutura universitária e precisa ser organizada de maneira sistemática. Por isso, universidades comprometidas com a produção de conhecimento devem investir na formação contínua de seus professores como pesquisadores, além de oferecer infraestrutura adequada e recursos financeiros para apoiar o desenvolvimento dos seus estudos. Esse investimento pode incluir incentivos à pós-graduação, programas de iniciação científica e exigências acadêmicas, como a elaboração de Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC).

Além disso, tanto a pesquisa básica quanto a aplicada devem ter relevância. Isso significa que é importante escolher temas de estudo que possam trazer benefícios concretos para a sociedade, especialmente para a comunidade próxima à universidade. A pesquisa, quando alinhada às necessidades sociais,

contribui para o desenvolvimento da comunidade por meio das atividades de extensão, garantindo que o conhecimento gerado tenha um impacto positivo na realidade das pessoas.

Na prática, tem-se, no país, a implementação de escolas superiores que não estão equipadas adequadamente para o desenvolvimento da prática de pesquisa. Desse modo, objetiva-se um sistema educativo passivo, mecânico e com pouca efetividade na formação de seus estudantes. O repasse de informações, técnicas e habilidades preestabelecidas, de forma passiva, evidencia o equívoco em que está assentado o sistema educativo deste país.

É fundamental entender que sentido da educação superior perpassa algumas dimensões: científica, profissional e política. Na atual conjuntura em que está inserida a educação brasileira, tal sistema não profissionaliza, de fato; apenas garante, burocraticamente, a legitimação do estudante como profissional. No entanto, apenas na prática, no chão da sala de aula, experimentando todas as vicissitudes a que for submetido, o estudante amadurecerá, sem dúvida, intelectual e pedagogicamente. A educação, intrinsecamente ligada às condições históricas da sociedade em que está inserida, com todas as suas peculiaridades e determinações, exigirá do professor e do aluno variadas demandas. Hoje, em uma época de complexa divisão social do trabalho, numa dinâmica marcada pelas múltiplas distinções de classes, exige-se do profissional um alto grau de habilidades, capacidade de resolução de problemas e flexibilidade criativa.

Desse modo, o ensino superior, na presente conjuntura política, econômica e social em que se encontra o país, não consegue suprir uma formação de qualidade ímpar, desempenhando o papel de instituição social com pouca penetração na concretude das relações da sociedade civil. Por outro lado, na contramão do que se espera, a escola, enquanto mecanismo de reprodução social, garante a manutenção de uma estrutura que violenta cotidianamente a população mais pobre, além de inserir, de forma massificada e burocrática, no mercado produtivo, mão de obra alienada e desqualificada.

Portanto, nesses moldes, o esperado é o fracasso do sistema educativo. A educação não é um produto acabado, mas um processo que precisa ser pensado e repensado constantemente. Faz-se urgente a prática da pesquisa no interior

dos centros universitários, pois só assim, ao se repensar a metodologia na qual se concretiza o processo educativo, haverá a possibilidade de mudança. A pouca valorização da pesquisa no âmbito acadêmico deve ser considerada também pelo prisma da própria política educacional vinda do Estado, que pouco oferece para o fortalecimento dessa prática nas universidades públicas. Daí a necessidade de lidar com o conhecimento como algo a ser ativamente construído por meio da pesquisa e validado pela competência técnico-científica.

Para que o ensino tenha eficácia e qualidade, é necessário que seja apoiado por uma pedagogia de cunho crítico e investigativo. Desse modo, ao se tratar do processo de condução do ensino nas universidades e escolas, é essencial que ele ocorra com uma postura investigativa, não passiva e cristalizada, mas que acompanhe as demandas reais da sociedade, engajando os profissionais em formação e ensinando-os a pesquisar, analisar e desenvolver senso crítico.

Nesse sentido, é fundamental evidenciar como a extensão entra como ponte e alicerce para as vivências e experiências fora do ambiente universitário, possibilitando assim o exercício da investigação, pois é através dela que ocorre a quebra do muro que nos separa e impede de ter um contato direto com a sociedade e suas concretas questões sociopolíticas. Além disso, é também a partir dela que o aluno se torna um agente social ativo e não apenas um passivo detentor de conhecimentos teóricos. Isso se dá visto que, ao sair da sala de aula e dos laboratórios para ir de encontro com as comunidades, o estudante lida com o dia a dia do povo e, conseqüentemente, com as circunstâncias e singularidades que nem o ensino e nem a pesquisa, por si só, conseguem dar conta.

De fato, a extensão é o que complementa a formação do estudante do ensino superior, é ela que propicia que ele mergulhe na realidade social, o tirando do comodismo das interpretações supérfluas ou limitadas sobre a mesma, e construindo na sua consciência outras possibilidades de reflexão e intervenção no meio em que se vive. É de suma importância que as práticas de extensão se estabeleçam de forma legítima, pois só assim elas conseguirão alcançar seu propósito final, auxiliando os trabalhos de pesquisa, qualificando as práticas de ensino e, principalmente, capacitando indivíduos políticos, como afirma Severino(2014):

“É que se espera do ensino superior não apenas o conhecimento técnico-científico, mas também uma nova consciência social por parte dos profissionais formados pela Universidade. A formação universitária, com efeito, é o *locus* mais apropriado, especificamente destinado para esta tomada de consciência. Só a pedagogia universitária, em razão de suas características especiais, pode interpelar o jovem quanto ao necessário compromisso político. Esta interpelação se dá pelo saber, eis que cabe agora ao saber equacionar o poder.”(Severino, 2014, p.29)

E é por essa razão que a Universidade tem por objetivo fomentar atividades extensionistas, seja através das disciplinas ministradas nos cursos que são ofertados por ela, seja por programas instituídos nacionalmente e voltados também para a extensão, como exemplo o Programa de Educação Tutorial (PET) e Programa de Bolsas de Extensão (PROBEX), seja ainda por outras ações que se desenvolvam de forma independente, mas com a mesma finalidade de estreitar os caminhos entre a academia e a coletividade.

Tendo em vista tudo que foi abordado, entende-se que o ensino, a pesquisa e extensão são complementares e não isolados, portanto, um só tem total eficácia se estiver em concordância com os demais.

A pesquisa é fundamental, uma vez que é dela que parte a busca pelo conhecimento. O conhecimento uma vez adquirido é palco para o ensino, pois ensina-se aquilo que se aprende, de igual forma a extensão complementa a tríade, uma vez que o conhecimento não deve ser retido, deve ser tido como um produto da sociedade.

Já que o conhecimento não deve ser retido, é necessário que ocorra a sua universalização, tornando-o reconhecido academicamente para que possa, com efeito, fazer parte do ensino. Consequente, quando o conhecimento vira ensino, é necessário que ele volte para onde foi tirado: a sociedade. Não basta pesquisar, desenvolver, estudar e torná-lo conhecimento científico, a extensão necessita que o conteúdo seja parte do meio social. O estudo passa a servir não somente a quem o pesquisou, mas de forma pedagógica investe na formação do aprendiz e do pesquisador.

A universidade, enquanto instituição, metodologicamente divide os três aspectos, mas na prática isso não deve acontecer, afinal, como afirma o autor:

“Não haveria o que ensinar nem haveria ensino válido se o conhecimento a ser ensinado e socializado não fosse construído mediante a pesquisa; mas, não haveria sentido em pesquisar, em construir o conhecimento novo, se não se tivesse em vista o benefício social do mesmo a ser realizado através da extensão, direta ou indiretamente.” (Severino, 2014, p.31)

A extensão, no aguardo de seus resultados, exige da universidade seus retornos, tornando assim os pesquisadores mais do que meros replicadores de informações e conteúdos, os torna seres sociais, uma vez que seus estudos e pesquisas devem ser pensados para impactar o meio social em que se vive.

É desprezível a pesquisa feita sem cunho extensionista, não é um favor ou uma boa ação pensar na sociedade como co-participante da pesquisa, muito menos compensatório. A sociedade é participante ativo de toda e qualquer pesquisa, portanto é necessário que ela tenha acesso ao que foi pesquisado.

Severino(2014) destaca, também, que a extensão não é algo solto ou encaixado, mas deve ser algo pensado, algo sistemático e eficaz:

“Toda instituição de ensino superior tem que ser extensionista, pois só assim ela estará dando conta da formação integral do jovem universitário, investindo-o pedagogicamente na construção de sua nova consciência social.” (Severino, 2014, p.32)

O ensino, pesquisa e extensão deve ser palco de transformações sociais, de caminhos de renovação e mudanças. Deve-se estar ligado aos três eixos das práticas humanas: do fazer, do poder e do saber, levando a participação formativa dos universitários no mundo da produção, no mundo da política e no mundo da cultura. Somente assim a universidade estará então cumprindo seu papel enquanto agente de pesquisa, ensino e extensão na sociedade.

É por meio deste importante diálogo articulado que o graduando poderá verdadeiramente objetivar-se, interiorizando as dimensões que caracterizam a prática universitária: a dimensão científica, a dimensão profissional e a dimensão ético-política. Daí a suma importância do Programa de Educação Tutorial (PET) nesse processo de construção do conhecimento, uma vez que sintetiza a mediação de que o estudante necessita entre ensino, pesquisa e extensão, possibilitando-lhe um real amadurecimento intelectual, político e social.

Desse modo, é central a discussão acerca da implementação de programas extensionistas nas universidades públicas. Apesar dos avanços alcançados, a carência de grupos de pesquisa, programas de bolsas e de outros movimentos que integrem os universitários além da sala de aula é fortemente sentida nas instituições de ensino brasileiras. O alargamento das possibilidades institucionais que favoreçam a permanência e o fortalecimento do movimento estudantil, em contato direto com a sociedade civil, deve ser encarado como uma política pública e, como tal, alcançar todo o território nacional e o povo brasileiro. Somente assim teremos uma educação engajada, crítica e transformadora.

REFERÊNCIA

SEVERINO, Antônio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico** [livro eletrônico]. -- 1. ed. - São Paulo: Cortez, 2014.

CAPÍTULO 2

A IMPORTÂNCIA DA PESQUISA NO CONTEXTO ACADÊMICO

Emerson Sousa Lopes

Brenda Tamires Oliveira de Araújo

Ingrid Gabriele Lima da Silva

Doi: 10.48209/978-65-5417-459-1

O objetivo deste resumo expandido é compreender a importância da pesquisa no contexto acadêmico, tendo como base a obra *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*, de Antônio Carlos Gil (2010), com atenção aos tipos e às etapas dos modelos de pesquisa existentes. Partindo dessa premissa, foram considerados aspectos relevantes na definição do tema proposto, principalmente no que diz respeito à importância da pesquisa no Estado brasileiro.

Pode-se definir a pesquisa como um processo formal e sistemático de desenvolvimento do método científico. Seu objetivo fundamental é descobrir respostas para problemas por meio da aplicação de procedimentos científicos (GIL, 2010). A literatura acadêmica constitui um amplo sistema de comunicação entre as comunidades de diversas áreas do conhecimento e de diferentes países, que atuam em conjunto para promover o progresso da ciência e da história humana (PEREIRA et al., 2019).

A relevância do estudo no ambiente acadêmico é fundamental para o desenvolvimento intelectual e profissional dos estudantes. Por meio da pesquisa, é possível adquirir conhecimentos que contribuem para a compreensão de conceitos e teorias, permitindo a construção de uma base sólida em seus campos de interesse. Além disso, a prática acadêmica promove o desenvolvimento de competências essenciais, como o pensamento crítico, a capacidade de análise, a resolução de problemas, a comunicação e a habilidade investigativa, indispensáveis para o sucesso tanto na trajetória acadêmica quanto na vida profissional.

A pesquisa também contribui para a formação de um mercado competitivo. O estudo aprofundado capacita os estudantes a se destacarem em um

mercado de trabalho cada vez mais competitivo, no qual a especialização e o domínio técnico são altamente valorizados. O aprendizado contínuo e a busca por novas informações permitem que os profissionais se adaptem às transformações e inovações do mercado.

O progresso individual e intelectual do estudante amplia horizontes e proporciona acesso a novas ideias, pontos de vista e culturas, promovendo o enriquecimento do conhecimento intelectual e cultural, bem como a ampliação da participação na sociedade. O desenvolvimento social, por meio da pesquisa, é essencial para o avanço coletivo, uma vez que possibilita descobertas fundamentadas e eficazes, contribuindo significativamente para o progresso da sociedade.

De acordo com Gil (2010), a busca pela sabedoria é um traço inerente ao ser humano. Desde os primórdios da sociedade, a curiosidade nos impulsiona a explorar o mundo ao nosso redor, a questionar o desconhecido e a buscar respostas para os enigmas da vida. Nesse contexto, a pesquisa se apresenta como uma ferramenta fundamental, servindo como um meio que orienta o caminho das descobertas e contribui para a produção de conhecimento prático e teórico.

A pesquisa é um processo organizado e rigoroso de busca por informações, com o objetivo de compreender melhor determinado assunto ou dificuldade. Em sua essência, representa um diálogo estruturado com a complexidade da realidade social. Por meio da metodologia científica, propõe-se a desvendar os caminhos das interações humanas, das estruturas sociais e dos fenômenos que moldam a vida coletiva.

Assim, a pesquisa, impulsionada pela curiosidade humana, constitui um elo fundamental entre a busca pelo conhecimento e a complexa estrutura da realidade social. Mais do que descrever fenômenos, a pesquisa visa à construção do saber e à transformação da realidade, buscando resultados que promovam melhorias e um futuro mais justo. Sua finalidade é compreender determinado objeto de estudo, seja de forma prática ou teórica, e pode ser classificada em dois tipos: pesquisa pura e pesquisa aplicada.

Segundo Gil (2010), o universo da pesquisa é amplo e complexo, abrangendo diversas formas de abordagens e metodologias. A pesquisa pode ser clas-

sificada em três níveis: exploratória, descritiva e explicativa. A escolha do nível adequado dependerá do tema que se pretende investigar.

A pesquisa científica constitui um instrumento fundamental para a construção do conhecimento, sendo classificada em diferentes tipos, conforme seus objetivos e metodologias. Entre essas categorias, destacam-se a pesquisa exploratória, a pesquisa descritiva e a pesquisa explicativa, cada uma com características específicas que as tornam adequadas a distintos contextos investigativos.

- **Pesquisa Exploratória:** tem como principal finalidade proporcionar maior familiaridade com o problema investigado. Essa modalidade de pesquisa é especialmente útil em contextos nos quais há escassez de informações sobre o tema, permitindo ao pesquisador a formulação de hipóteses e o direcionamento de estudos futuros. Utilizam-se, com frequência, métodos como levantamento bibliográfico, entrevistas abertas e análise de casos análogos. Trata-se de uma abordagem qualitativa que visa ampliar a compreensão inicial do fenômeno, servindo como base para investigações mais aprofundadas.

- **Pesquisa Descritiva:** tem como objetivo detalhar e caracterizar um fenômeno, apresentando suas principais propriedades e organizando as informações de forma sistemática. Diferentemente da pesquisa exploratória, a pesquisa descritiva parte de um conhecimento prévio sobre o tema e baseia-se em hipóteses previamente definidas. São comuns, nesse tipo de abordagem, os levantamentos realizados por meio de questionários, observações sistemáticas e análises estatísticas de dados. Essa modalidade é frequentemente aplicada em estudos de mercado, censos populacionais e diagnósticos organizacionais, fornecendo uma visão estruturada da realidade investigada.

- **Pesquisa Explicativa:** caracteriza-se por sua abordagem aprofundada, tendo como objetivo principal identificar as causas e os efeitos dos fenômenos analisados. Seu foco reside na relação de causa e consequência, sendo amplamente utilizada para a formulação, o teste de hipóteses e a validação de teorias. Para atingir tais objetivos, emprega métodos experimentais, estudos longitudinais e análises estatísticas avançadas. Esse

tipo de pesquisa apresenta impacto relevante em áreas como as ciências sociais, ciências naturais e engenharia, por possibilitar a compreensão dos fatores que influenciam determinados eventos, bem como a previsão de comportamentos futuros.

Além dos tipos de pesquisa citados por Gil (2010), existem ramificações específicas de cada uma delas, que envolvem diferentes variáveis e métodos, como, por exemplo, a pesquisa científica bibliométrica e a elaboração do “estado da arte”. A escolha do tipo de pesquisa a ser adotado depende dos objetivos do estudo e do nível de profundidade da análise pretendida.

A pesquisa exploratória abre caminhos para novas descobertas; a descritiva estrutura e apresenta dados de forma detalhada; enquanto a explicativa busca compreender as relações de causa e efeito. Cada uma dessas abordagens desempenha um papel essencial no desenvolvimento do conhecimento científico, contribuindo para a evolução das diversas áreas do saber.

Gil (2010) ressalta que o tema ou fenômeno específico que um pesquisador escolhe investigar é denominado objeto de pesquisa. Esse objeto constitui o foco principal do estudo e pode apresentar ampla variação, dependendo da área de conhecimento e dos objetivos propostos. O tema de estudo pode consistir em um problema, uma questão, um acontecimento, um grupo social, uma teoria ou qualquer outro elemento que o pesquisador deseje analisar e compreender com maior profundidade.

De acordo com Clark e Castro (2003), a investigação pode ser segmentada em três fases: elaboração, implementação e divulgação. O método científico está relacionado à relação de causa e efeito, elaborando uma explicação e apresentando os caminhos que conduziram aos resultados obtidos. Assim, a pesquisa é dividida em etapas, o que torna inviável fornecer um esquema único que descreva todos os estágios do processo investigativo.

Clark e Castro (2003) também destacam que não é possível estabelecer um modelo que indique, de maneira absolutamente exata e sistemática, os passos a serem seguidos durante o processo de investigação. Não há uma teoria suficientemente abrangente para isso, o que leva diferentes autores a definir e sequenciar as etapas da pesquisa de forma bastante diversa.

No Brasil, a pesquisa científica abrange uma ampla variedade de áreas do conhecimento, incluindo ciências sociais, saúde, tecnologia, meio ambiente, entre outras. O país conta com diversas instituições de ensino superior e centros de pesquisa, como universidades e institutos especializados, que desempenham um papel fundamental no avanço do saber.

A atividade investigativa no Brasil destaca-se por sua diversidade e abrangência, contemplando campos como ciências exatas, biológicas, humanas, sociais e aplicadas. O sistema nacional de pesquisa é sólido, sendo composto por instituições de reconhecida excelência, como a Universidade de São Paulo (USP), a Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e a Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), entre outras.

Além disso, o Brasil participa de parcerias internacionais e investe em projetos voltados à resolução de questões tanto locais quanto globais, promovendo, assim, o intercâmbio científico e o desenvolvimento sustentável.

A investigação científica é fundamental para o progresso da humanidade e deve ser sempre orientada por princípios éticos. Existem técnicas específicas para a realização de uma pesquisa classificada como científica, a qual deve ser conduzida com métodos apropriados e validados. É imprescindível que a comunidade científica seja informada sobre todas as pesquisas realizadas, independentemente dos resultados obtidos, sejam eles positivos ou negativos.

O Brasil possui um grande potencial para o desenvolvimento da pesquisa científica, contando com universidades e institutos de elevado padrão, além de uma biodiversidade rica, que oferece oportunidades únicas para a investigação. No país, os principais financiadores da pesquisa são os governos, por meio de políticas públicas e fomento à ciência.

Em síntese, a aprendizagem no contexto acadêmico transcende a simples aquisição de conhecimento, configurando-se como um processo de transformação que contribui para a formação integral do indivíduo, impulsiona o avanço científico e social, e auxilia na construção de um futuro mais justo e promissor.

REFERÊNCIAS

CLARK, O. A. C.; CASTRO, A. A. A pesquisa. *Pesquisa Odontológica Brasileira*, São Paulo, v. 17, n. 5, p. 68, maio 2003. DOI: 10.1590/S1517-74912003000500011. Disponível em: DOAJ. Acesso em: [21/03/2025].

GIL, Antonio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

PEREIRA, R. S. et al. Metanálise como instrumento de pesquisa: uma revisão sistemática dos estudos bibliométricos em Administração. *Revista de Administração Mackenzie – RAM*, São Paulo, v. 20, n. 2, 2019. Disponível em: [coloque o link, se disponível]. Acesso em: [21/03/2025].

CAPÍTULO 3

TRAJETÓRIAS E EXPERIÊNCIAS DE GRADUADOS DO CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS SOCIAIS DA UFCG/CDSA

Vinícios Matheus Dos Santos Farias

Jordana Dourado de Brito

Michely Maria Vieira Sousa

Mylena Vicente da Silva

Fabiano Custódio de Oliveira

Doi: 10.48209/978-65-5417-459-2

INTRODUÇÃO

Um dos princípios básicos do conhecimento sociológico é fazer com que as pessoas desnaturalizem fenômenos sociais a partir de uma análise crítica e consciente sobre o ambiente em que estão inseridas. O olhar sociológico do cientista social lhe permite compreender a realidade objetiva dos fatos, por meio da incorporação de instrumentos teórico-metodológicos que estimulam a sua vigilância intelectual (OCNEM, 2006).

Esta pesquisa tem como objeto de estudo os estudantes egressos do curso de licenciatura em Ciências Sociais da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), no Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido (CDSA), campus Sumé, Paraíba. Tendo em vista que, a partir do olhar e da experiência deles, podemos identificar a contribuição profissional e pessoal da oferta deste curso que está inserido no cariri paraibano, onde há forte presença de famílias com perfil socioeconômico de classe baixa (Silva, 2018).

Pesquisas anteriores como a de Silva (2018), Silva (2016) e Lima *et. al.* (2021) evidenciam que os maiores obstáculos encontrados pelos egressos desse curso é a falta de concurso público para essa área. Como não há uma exigência

de que as aulas de sociologia no ensino médio sejam ministradas por professores formados da área, muitas vezes os docentes que são designados para ministrar a disciplina são formados em outras áreas. Os autores também evidenciam que há uma desvalorização dos conhecimentos e das pesquisas sociológicas como elementos fundamentais para o desenvolvimento de políticas públicas adequadas aos contextos em que elas serão implantadas. Os resultados dessas pesquisas mencionadas a cima deixam claro que o mercado de trabalho de um licenciado em Ciências Sociais é escasso e muito competitivo, visto que, há poucas vagas sendo ofertadas nos concursos públicos, dificultando ainda mais a vida de um cientista social formado.

Desta forma, o grupo PET Gestão Pública, Política e Cidadania realizou essa pesquisa que tem por objetivo apresentar as percepções dos egressos sobre o processo formativo do curso de licenciatura em Ciências Sociais do Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido. Além disso, também buscamos: 1) Traçar um panorama sobre os campos de atuação em que se encontram os egressos do curso; 2) Compreender as motivações que levaram esses jovens a ingressar no curso de licenciatura em Ciências Sociais; 3) Descobrir as contribuições da graduação no campo profissional e na vida pessoal; e 4) Entender quais foram as dificuldades encontradas para eles adentrar no mercado de trabalho, após a conclusão do curso.

Além disso, esse trabalho também foi apresentado no XXIII Encontro Nordestino dos Grupos do Programa de Educação Tutorial, que tinha como tema central “Identities e Territórios: Desvendando desafios locais, inspirando mudanças globais”, que ocorreu entre os dias 13 a 15 de Outubro de 2024, na Universidade Federal de Alagoas - UFAL, na cidade de Maceió-AL, nordeste brasileiro. Esse evento tinha o intuito de divulgar as ações de Ensino, Pesquisa e Extensão executadas dentro dos grupos PET, além disso, também tinha como meta refletir sobre mudanças produzidas pelos petianos em seus contextos locais de atuação.

METODOLOGIA

Para a realização do presente estudo utilizou-se uma metodologia qualitativa, através da pesquisa bibliográfica/documental, aplicação de questionário e análise de dados a partir dos relatos deixados durante o período de aplicação do questionário. Para Goldenberg (2004) pesquisas qualitativas permitem que os pesquisadores possam se aprofundar em determinadas questões subjetivas e particulares a partir da condição individual de cada sujeito. Além disso, os questionários podem ser estruturados de uma maneira que permite observar como as pessoas se portam diante de determinado assunto e permite uma compreensão mais aprofundada sobre contextos socioeconômicos individuais de cada pessoa que se dispôs a responder o questionário.

O questionário foi criado em formato online, com perguntas abertas e fechadas e aplicado através do *Google Forms*. Tal escolha deu-se em virtude da proporção geográfica em que se encontram os egressos do curso de Ciências Sociais, tornando mais viável a aplicação do mesmo nesses moldes. A busca pelos egressos correu pelas redes sociais, telefone e utilizamos do método bola de neve, onde colhemos indicações de outros egressos. Na análise dados buscamos observar a frequências de respostas semelhantes para poder compreender a realidade da vida desses egressos e os dilemas encontrados após a conclusão do curso.

RESULTADOS E DISCUSSÕES: VIVÊNCIAS DOS EGRESSOS DO CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS SOCIAIS (CDSA/UFCG)

O curso de licenciatura em Ciências Sociais da UFCG, no âmbito do CDSA, é destinado à formação de cientistas sociais e, sobretudo, à formação de professores de sociologia para a educação básica. De acordo com seu Projeto Pedagógico do Curso (2012), a introdução dessa graduação no campus de Sumé se justifica por conta da inclusão obrigatória da disciplina de sociologia em 2008 para os alunos do ensino médio e pela falta de professores formados na área naquela época. Além disso, também era necessária uma graduação que estudasse estruturas sociais, processos políticos, econômicos e culturais que se

integravam ao modo de vida dos cidadãos do cariri ocidental paraibano.

É importante ressaltar que apesar da graduação se voltar para uma licenciatura, o curso oferece disciplinas que vão além do fazer pedagógico. Pensar em um licenciado de sociologia trabalhando em locais fora do chão das escolas e das universidades pode parecer uma desconfiguração, tendo em vista que esses profissionais recebem o diploma de professores de sociologia no ensino médio. No entanto, é importante esclarecer que existe um leque de opções maiores de atuações, levando em consideração a ampla formação que este curso oferece.

O profissional formado em Ciências Sociais na UFCG-CDSA também pode realizar pesquisas, uma vez que esse curso trabalha constantemente com o processo de sistematização do conhecimento humano, por meio de grupos de extensão e de pesquisa. É relevante perceber que existe um mercado de trabalho que demanda a experiência de um sociólogo. Empresas e outras instituições demandam regularmente funções que um licenciado em Ciências Sociais tem a capacidade de desempenhar, com seu olhar e percepção crítica a respeito dos fenômenos socioeconômicos, socioculturais e sociopolíticos e educacionais permite o desenvolvimento, aplicação e análise de dados em pesquisas de mercado.

Quando questionados sobre as motivações para ingressar no curso de Ciências Sociais, os egressos destacaram “a localização do campus”, “opção disponível em Sumé”, e o “desejo por um diploma do ensino superior”. Esse dado indica o quanto à existência de um campus situado em cidades do interior possibilita a continuidade dos estudos da população de menor renda per capita; outro fato é o do “curso ser ofertado no período noturno”, uma vez que isso facilita a vida do estudante que também precisa trabalhar enquanto estuda. Além das questões supracitadas, dos 30 respondentes, 17 relatam que ingressaram no curso de Ciências Sociais por se identificarem com o campo do conhecimento. Quando não diretamente com a disciplina de sociologia, mas por ter familiaridade com a área das Ciências Humanas e Sociais aplicadas.

Em relação às contribuições da graduação no campo profissional, dos 30 respondentes, 28 afirmaram que a graduação teve contribuição na vida profissional e destacam que ela foi fundamental para o desempenho no trabalho

atual. Já em relação à vida pessoal, todos destacam que o curso foi importante, destacando o crescimento intelectual e humano, formação cívica e política do cidadão, relações de amizade estabelecidas, formação do senso crítico e melhoria da atuação profissional enquanto professor.

Apesar dos aspectos positivos, dos 30 egressos respondentes, 23 deixa claro que um dos maiores problemas que se enfrenta hoje após conclusão deste curso é a falta de oportunidade no mercado de trabalho. No que tange a atuação na área em que se formaram, além disso, os dados revelam um receio bastante debatido por alunos que cursam esta graduação, que é o pouco espaço de mercado oferecido ao docente de sociologia, discurso esse que também é apontado no trabalho de Gondim (2002).

Outro dado que reforça esse discurso é que em um universo de 30 participantes da pesquisa, apenas 05 pessoas atuam como professores de sociologia. Os demais afirmaram que estão na condição de desempregados, cursando pós-graduação (ou fazendo outras graduações) e exercendo outras ocupações como trabalhos autônomos, trabalhos em estabelecimentos de terceiros, estudando para concurso, conselheiro tutelar, professores de educação infantil, gestora escolar, secretaria de saúde, professor da rede privada, coordenadora de vigilância sanitária, orientador social - coordenador SCFV, monitora de ensino infantil, empresária, professor (a) de filosofia. Conforme é pontuado por Silva (2018), o que mais se tem hoje são profissionais formados que estão trabalhando fora das suas áreas de formação. O curso de licenciatura de Ciências Sociais da UFCG-CDSA busca formar categoricamente professores de sociologia para o ensino médio, mas, na prática, grande parte de seus egressos acabam atuando efetivamente em outros campos, seja em áreas de gestão e secretarias educacionais, ou começando seu próprio negócio.

Quando questionados sobre as motivações que levaram os egressos a escolherem o trabalho que possuem hoje, de um universo com 26 respondentes, 10 mencionam que sua decisão foi condicionada por não haver oportunidade de emprego para um cientista social no mercado e por buscarem uma estabilidade financeira (08 menções). É válido destacar, porém, que o curso não só forma professores de sociologia para o ensino médio, mas também pesquisadores que

podem optar por seguir a carreira acadêmica em um mestrado e doutorado, ampliando ainda mais o campo de oportunidades de trabalho (PPC, 2012).

Além disso, quando questionados sobre a maior dificuldade encontrada após concluir o curso, 23 egressos apontaram o ingresso no mercado de trabalho, em virtude da falta de oportunidade ou vaga de emprego para professores de sociologia nas escolas. Lima et. al. (2021) relatam que o problema dos egressos de Ciências Sociais não é a falta de campo de trabalho em si, visto que a sociologia ainda é uma disciplina obrigatória no currículo. Mas, essa falta de oportunidade nas escolas é resultado da migração de professores de outras áreas do conhecimento para ministrar essa disciplina, com a finalidade de completar as cargas horárias exigidas pelas secretarias de educação.

A falta de concurso público para área também é uma reclamação recorrente. 06 egressos mencionam que sentem falta de um concurso público e ainda falam que quando acontecem, as vagas ofertadas são mínimas em comparação com outras áreas. Essa pauta da falta de concurso para professores de sociologia e de Ciências Sociais no ensino médio é uma recorrente durante os estágios supervisionados nas escolas, visto que durante esses estágios os alunos percebem que boa parte dos professores que assumem esse componente curricular no ensino médio é de outras áreas.

De acordo com os resultados encontrados na pesquisa e corroborados por Lima et. al. (2021), reforçamos algo que já é muito discutido nos laboratórios do curso. Por mais que a sociologia seja uma disciplina obrigatória no currículo, ela ainda é muito negligenciada e desvalorizada em sua prática em sala de aula no ensino médio. É notório que mesmo que o curso ofereça uma ampla gama de oportunidades, no sentido de preparar seus estudantes para trabalharem em muitas situações, a perspectiva de empregabilidade de um licenciado em Ciências Sociais ainda é muito escassa. Como alternativa para fugir do desemprego, boa parte dos egressos teve que abrir seu próprio negócio (08 egressos), outros optaram por seguir a carreira acadêmica (07 egressos), e há ainda os que migraram para pós-graduações em outras áreas (05 egressos).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa buscou analisar a atual situação dos egressos de Ciências Sociais, no intuito de identificar como a formação nesta licenciatura influenciou suas vidas e quais os maiores desafios após a conclusão do curso. Com base nos resultados obtidos, foi possível perceber que parte dos egressos optou por ingressar no curso inicialmente em virtude da identificação com área do conhecimento, questões geográficas de localização do campus e por a vocação para a docência.

Os dados também evidenciam que a maioria dos egressos respondentes da pesquisa não atua em sua área de formação. Sendo assim, é possível notar que há um déficit de oportunidades de trabalho para os cientistas sociais, principalmente por que há baixo índice de vagas em concursos públicos.

Por fim, cumpre-se dizer que a licenciatura em Ciências Sociais do campus de Sumé- PB tem a preocupação de formar docentes que estejam aptos a atuar dentro e fora da sala de aula, visto que este curso dispõe de uma grade curricular equilibrada entre as discussões de teoria e prática. Diante disso, a pesquisa realizada com os egressos do curso mostra que a graduação foi fundamental tanto na vida profissional quanto na vida pessoal. Entretanto, a pesquisa também revela que apesar das contribuições, esses egressos encontram dificuldades para atuar na sua área de formação, destacando principalmente a falta de oportunidades de empregos para os docentes de sociologia, pois há uma desvalorização acerca da importância da sociologia na vida dos indivíduos.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Gustavo Cravo de. **Sociologia no ensino médio: uma trajetória político institucional (1982-2008)**. Dissertação de Mestrado – Programa de Pós-Graduação em Ciência Política, Universidade Federal Fluminense, Niterói-RJ, 2014.

BRASIL. **Orientações Curriculares Nacionais Para o Ensino Médio; Ciências humanas e suas tecnologias / Secretaria de Educação Básica**. – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2006.

COSTA, Leomir Souza. **Formação de professores de ciências sociais/sociologia: subsídios para o debate.** Em Tese, UFSC, Florianópolis –<http://dx.doi.org/10.5007/1806-5023.2015v12n2p187>– ISSN: 1806-5023, p. 187 à 203. v. 12, n. 2, ago./dez., 2015.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais** / Mirian Goldenberg. – 8ª ed. – Rio de Janeiro: Record, 2004.

GONDIM, Sônia Maria Guedes. Perfil profissional e mercado de trabalho: relação com formação acadêmica pela perspectiva de estudantes universitários. **Estudos de Psicologia (Natal)**, v. 7, p. 299-309, 2002.

LIMA, Maria Helena Costa Carvalho de A.; SILVA, Nandhara Bezerra da.; ELISBÃO, Edneide. **Formando-se na contramão: a licenciatura em Ciências Sociais sob a perspectiva de estudantes egressos.** 7º ENCONTRO NACIONAL SOBRE O ENSINO DE SOCIOLOGIA NA EDUCAÇÃO BÁSICA; GT 15: Políticas públicas e a formação docente em ciências sociais: Limites e possibilidades; Belém, Pará, 2021.

PROJETO PEDAGÓGICO DO CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS SOCIAIS.

SUMÉ – PARAÍBA, 2012. Disponível em: <https://www.cdsa.ufcg.edu.br/>.

SILVA, Andreza de Oliveira. **Acesso, permanência e formação dos estudantes de Licenciatura em Ciências Sociais da UFCG/CDSA.** / Andreza de Oliveira Silva. Sumé - PB: [s.n], 2016.

SILVA, Edmilson Cardoso da. **Formados(as) : dilemas e desafios dos egressos do Curso de Ciências Sociais da UFCG Campus de Sumé - PB / CDSA.** / Edmilson Cardoso da Silva. - Sumé - PB: [s.n], 2018.

CAPÍTULO 4

REFLEXÕES SOBRE EVASÃO ESCOLAR: PONDERAÇÕES ACERCA DA ESCOLA FIRMO SANTINO DA COMUNIDADE QUILOMBOLA, LOCALIZADA NA CAIANA DOS CRIoulos, ALAGOA GRANDE-PB

Maria Simone da Silva Santino

Karla Alexandra Dantas Freitas Estrela

Doi: 10.48209/978-65-5417-459-3

INTRODUÇÃO

Tanto a evasão escolar quanto o fracasso escolar são problemas recorrentes de ordem nacional e que englobam diversos fatores atingindo todos os níveis de ensino da educação no Brasil. Muitos jovens abandonam as escolas para ingressar no mercado de trabalho, pois a prioridade para eles não é a educação, mas a própria sobrevivência, tendo como base que o Brasil é um dos países mais desiguais em distribuição de renda, e isso faz com que se agrave cada vez mais nas comunidades do campo, onde o acesso se torna mais difícil.

Nessa perspectiva, este trabalho busca abordar algumas questões fundamentais para compreender os fatores que ainda acarretam evasão escolar na Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Firmo Santino da Silva, Localizada na comunidade Remanescente Quilombola Caiana dos Crioulos, Município de Alagoa Grande – PB, considerando que há pouco mais de vinte anos a comunidade não tinha escola em seu território e este fato servia de justificativa para o nível insuficiente de escolaridade da maioria da sua população.

É extremamente relevante pesquisar sobre esta temática, em busca de respostas para promover uma boa execução de estratégias que possam proporcionar novos horizontes no processo de aprendizagem aos alunos quilombolas, considerando que a escola tradicionalmente apresenta apenas

conteúdos curriculares colonialistas que diferem da realidade social e cultural vivenciada no quilombo.

A motivação para esta pesquisa surgiu da necessidade de compreender quais os métodos que podem ser executados para estabelecer um novo olhar para os cidadãos que passaram por esse processo de evasão e porquê? Que elementos são tensionadores do processo de evasão?

Para tanto realizamos uma pesquisa qualitativa, através de uma entrevista com aplicação de um questionário semiestruturado direcionado, para professores e gestores, para compreendermos, através de suas percepções, quais fatores ainda tencionam a permanência dos alunos na escola localizada em seu território, levando-os ao abandono, objetivo central dessa pesquisa.

A evasão escolar na Caiana dos Crioulos como produto da negação de direitos

Por ser um problema complexo, que envolve diversos fatores, a evasão escolar deve ser problematizada e refletido sob muitos ângulos para que medidas assertivas sejam tomadas para minimizar as causas que ainda levam alunos a abandonarem a escola. De acordo com as pesquisas de Pereira & Dias (2020), as causas de evasão escolar nas escolas públicas estão ligadas a elementos sociais da comunidade escolar, como: uso de entorpecentes, violência, falha na acessibilidade, plano pedagógico que não condiz com as necessidades e dificuldades dos alunos, assim como, e principalmente, fatores socioeconômicos e familiares. Muitos familiares necessitam que seus filhos entrem no mercado de trabalho mais cedo para contribuir com o sustento da família o que, consequentemente, compromete o desempenho escolar.

Neste contexto, Lopes (2010) ressalta que, para a minimização de alguns problemas referentes à evasão, é necessária uma ação firme dos poderes públicos, principalmente em relação aos gestores escolares, que precisam assegurar um bom ensino e aprendizagem, elencando que, desempenho ruim também é um fator de evasão. Mas, oposto a isso, há alunos que evadem por não se sentirem “desafiados e estimulados”.

Assim, o desempenho e aprendizado do aluno, depende da relação entre a família e a escola, para que o aluno se sinta pertencente a um lugar acolhedor, que zela pela sua educação e pelo seu desenvolvimento integral como cidadão crítico, que luta pelos seus direitos, embora nem sempre é essa realidade que alunos quilombolas encontram nas escolas.

Trazendo para a realidade em foco, é importante salientar que há bem pouco tempo, por falta de conhecimento e visão sobre direitos e a possibilidade de reivindicar políticas públicas, a comunidade Caiana dos Crioulos, localizada na cidade de Alagoa Grande, brejo paraibano, vivenciou a carência de diversos serviços que fizeram diferença para o desenvolvimento social, financeiro e cultural de sua comunidade.

Não havia, sequer, até início dos anos 2000, uma instituição escolar instalada neste território. O acesso à educação não era acessível para todos pois, por ser uma comunidade tradicional, que carrega costumes, tradição e cultura, as pessoas tinham receio de receber pessoas que vinham de fora, principalmente alguns políticos, o que foi mudando ao longo do tempo.

Diante dessa cisma, alguns pais, por não terem tido acesso ao ensino, de alguma forma acabavam negando a oportunidade e o direito dos filhos e filhas de estudar, argumentando que estes tinham que ajudar no trabalho. Para alguns pais, bastavam os conhecimentos passados de geração em geração, privando suas crianças e jovens da vivência escolar, fazendo-os se adaptarem ao trabalho braçal (no caso dos homens) e cuidando tanto da roça e da casa (quando mulheres).

Antes dos anos 2000, o único local que havia para estudar era uma casa onde, hoje em dia, funciona o posto de saúde e, por não ter um lugar estruturado para o ensino, alguns estudavam debaixo de uma árvore, por isso, as lacunas encontradas eram notórias, pois o local de estudo, tanto a casa quanto a árvore, ficavam perto de uma estrada, dificultava muito o processo de aprendizagem dos alunos, dado o barulho e o movimento.

Segundo a fala de uma moradora do Quilombo Caiana dos Crioulos, o local onde a Escola Firmo Santino está localizada, era a casa de um senhor conhecido por Vicente Belo, onde também funcionava uma casa de farinha. Com

seu falecimento, o prefeito da época, dialogando com os moradores de Caiana, ao ver a necessidade de ter uma escola de qualidade no Quilombo, comprou o terreno e implantou a escola.

Para a escolha do nome houve uma consulta com a população através da qual foi escolhido homenagear Firmo Santino, mestre da banda de pífano e uma grande liderança no Quilombo. O mesmo era conhecido na comunidade como Tio Firmo, que tem associado à sua figura um papel de autoridade, pois ele sempre ia em busca do melhor para a comunidade, visando sempre as questões culturais, mantendo vivas nossas crenças, costumes e tradições, fazendo todos e todas lembrarem nossos antepassados e ancestrais que lutaram e resistiram em busca de mudanças para as futuras gerações. Tio Firmo representava força política, através do desempenho como presidente da Associação dos Moradores de Caiana articulando todo povo.

Foi a partir das iniciativas de tio Firmo e de outros líderes passados como: Edinalva Rita, do restaurante *Rita de Chicó*; Severina Luzia, conhecida por Cida de Caiana, presidente da Associação dos Moradores de Caiana e coordenadora do grupo de Ciranda e Coco de roda *Desencanta da parede*; Dona Edite Mestra de Cultura e curandeira dentre outros, que Caiana dos Crioulos foi reconhecida como Quilombo em 2005, e foi conquistando seu espaço de fala nos lugares externos em busca de parcerias que visem a melhoria da comunidade, desenvolvendo projetos que levem ao crescimento administrativo do que é produzido pelos moradores, focando na valorização cultural do Quilombo.

A partir da inauguração da escola houve uma grande melhoria na educação, pelo fato da comunidade, enfim, ter direito a uma sede própria para todos os alunos, tanto da Caiana dos Crioulos, quanto das comunidades vizinhas estudarem.

Inicialmente a instituição atendia apenas o ensino fundamental (anos iniciais), rompendo barreiras que eram encontradas pelos pais antigamente, de não deixar seus filhos estudarem fora, pois com a chegada da Escola Firmo Santino da Silva, em 2001, atendendo o ensino fundamental anos iniciais e finais, era possível estudar na comunidade.

Imagem 1 – Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Firmo Santino da Silva



Fonte: Daiane Silva Lima.

A fundação da escola em nosso território foi um marco na vida da comunidade, pois agora as crianças, jovens e adolescentes têm acesso ao ensino com mais facilidade, já que o acesso é ofertado exatamente na própria comunidade, tem o sentido de ir em busca do ensino fundamental anos finais, na cidade de Alagoa Grande – PB, onde os moradores podem estudar o ensino fundamental completo, algo que antes do ano 2000, não era possível.

No entanto, as dificuldades ainda existem para os que precisam cursar o ensino médio. Diariamente ainda precisam se deslocar para a cidade e esperar transporte por longas horas até conseguir voltar à comunidade. E, nos dias em que não há aula, têm que esperar uma manhã inteira de vulnerabilidade pelas ruas até que o ônibus chegue.

Neste sentido, reafirmamos que a evasão escolar se constitui num problema social para essa comunidade, o que acaba comprometendo tanto a educação, quanto o desenvolvimento do indivíduo como ser social e criativo, que pode trilhar seu próprio mérito.

A evasão escolar como fator social na Caiana dos Crioulos

Na realidade específica da comunidade quilombola Caiana dos Crioulos, não é raro identificar estudantes que não se sentem acolhidos em seu próprio território, porque boa parte dos professores atuantes na escola não são oriundos da própria comunidade, não conseguindo, por isso, muitas vezes, tecer afinidade e construir um laço que contemple o processo de formação da comunidade discente.

Em alguns casos, diante das experiências observadas, percebe-se que os professores que vem da cidade para ensinar em escolas públicas no campo, acabam limitando a capacidade dos indivíduos, por causa da percepção deturpada de que os alunos do campo são menos capazes, atrasados, sem ao menos problematizar e refletir sobre a real desestruturação no processo de aprendizagem e isso, acaba desvalorizando os conhecimentos prévios desses indivíduos que são passados de geração em geração.

Nesse sentido, é pertinente elencar que grande parte dos docentes que vão lecionar na comunidade não são orientados, para não dizer formados, para atuar vislumbrando as necessidades específicas de uma escola no campo e do campo, o que também contribui para o desinteresse dos alunos pela escola e sua proposta padronizada de educação.

Um bom professor, não é aquele que apenas transmite conhecimentos, e sim o que visa facilitar o aprendizado dos alunos, mediando conforme as particularidades de cada um, rompendo paradigmas, e proporcionando para essas escolas públicas, em particular a Escola Municipal de Ensino Fundamental Firmo Santino da Silva, uma metodologia que possa enriquecer, ainda mais, o processo de aprendizagem dos alunos do Campo, resgatando os saberes geracionais e culturais da comunidade, utilizando-se deles para incrementar sua prática.

Além da formação insuficiente de professores para lecionar numa realidade camponesa, na Caiana dos Crioulos, destaca-se outro motivo que leva à evasão: a dificuldade financeira, que é um fator extremamente pesado, porque os jovens se sentem na responsabilidade de cuidar da família e acabam optando

por desistir de estudar e ir em busca de oportunidades de emprego, tendo que migrar para outras cidades e até mesmo para outros estados.

A educação do campo, é constituído por sujeitos sociais que integram as realidades camponesas, que almejam vincular o processo de vida no campo com os pressupostos educacionais, podendo aliar a escola com a vida dos indivíduos, procurando promover os pressupostos da cotidianidade rural e os processos educativos formais, fermentando ações que possam valorizar a cultura e o contexto do campesinato.

Se a escola, por si só não promove a acolhida a realidade campesina e suas especificidades desde a formação inicial dos sujeitos, estes crescem com a percepção de que nada no campo prospera e que só há possibilidade de crescimento e sustento fora do campo

As desigualdades socioeconômicas que acometem a população negra são decorrentes do racismo estrutural e desse processo civilizatório realizado pela supremacia Branca, que continua desvalorizando nossa identidade, cultura e história do povo preto, impactando também no processo de socialização de crianças e jovens. Mesmo após a abolição da escravidão, seus reflexos repercutem na sociedade brasileira até hoje por meio do racismo estrutural, intrínseco em diversos setores da sociedade, incluindo nos espaços educativos de ensino formal, responsáveis pela reprodução da repressão, do bullying, da inferiorização e de um contínuo desconhecimento das origens brasileiras.

Segundo Sílvia Almeida (2019):

[...] O racismo é sempre estrutural, ou seja, de que ele é um elemento que integra a organização econômica e política da sociedade. Em suma, o que queremos explicitar é que o racismo é a manifestação normal de uma sociedade, e não de um fenômeno patológico ou que expressa algum tipo de anormalidade (Almeida, 2019, p.15).

É fato que desigualdade social, provavelmente, sempre vai existir na sociedade, por isso a formação continuada dos educadores é fundamental para a elaboração de propostas metodológicas antirracistas, visando a garantia de equidade para que todos os grupos raciais e étnicos gozem do mesmo nível de oportunidades, culminando em um acesso universal a escolas que atendam à

diversidade. Um dos documentos orientadores no combate ao racismo é a aplicabilidade da lei n. 10.639/2003, direcionado a gestores educacionais, “Contribuições para implementação da lei 10.639/2003”.

O que se objetiva é a construção de representações sociais positivas que encarem as diferentes origens culturais de nossa população como um valor e, ao mesmo tempo, a criação de um ambiente escolar que permita que nossa diversidade se manifeste de forma criativa e transformadora na superação dos preconceitos e discriminações étnicos - raciais (Parecer n. 03/2004) (Brasil, 2004, p.30).

Assim, considerando vários problemas sociais que decorrem da falta de políticas públicas e educacionais voltadas para as comunidades do campo, sobretudo, quilombolas, consideramos que grande parte dos(as) jovens camponeses(as), preferem optar pela desistência, especialmente, por não receberem incentivo para alcançar seus objetivos, a ter um olhar para um futuro melhor através da educação, não tendo direito à escolha, a não ser evadir e buscar o sustento próprio e o de sua família.

METODOLOGIA

Esta pesquisa foi realizada de forma qualitativa, desenvolvida com gestores e professores da Escola Municipal de Ensino Fundamental Firmo Santino da Silva, localizada no Quilombo Caiana dos Crioulos. Nossa amostra contou com: 2 professores (um quilombola e um não quilombola), o diretor da escola e a vice-diretora, oriundos da comunidade, que atuam em prol do desenvolvimento do processo escolar de todos os envolvidos.

Essa pesquisa é de cunho qualitativo e para a coleta desses dados utilizamos como instrumento de pesquisa uma entrevista semiestruturada, a partir de um questionário, realizada de forma presencial, no mês de dezembro de 2023, foram indagados: o gestor, a gestora adjunta e 02 professores. O trato com os dados das entrevistas foi feito através de análise crítica e reflexiva alinhando dados revelados pelos participantes e fontes documentais da escola como o Projeto Político Pedagógico e relatórios finais do ano letivo que apontaram o desempenho geral dos alunos.

ANÁLISE DOS DADOS

A referente pesquisa, como já foi dito, traz como objetivo geral investigar, a partir das percepções de professores e gestores, quais fatores tencionam a permanência dos alunos na Escola Municipal de Ensino infantil e Fundamental Firmo Santino da Silva, localizada no Quilombo Caiana dos Crioulos, município de Alagoa Grande-PB).

De acordo com o PPP, a escola tem a capacidade para atender 250 alunos nos turnos manhã e tarde. Desde sua criação oferece o ensino fundamental e oferece, atualmente, também educação infantil (Pré-escolar I e II). Cada nível de ensino tem sua sala e professor específico por conteúdo e ano. As salas de aulas são compostas por crianças, jovens e adolescentes, a depender dos níveis. A maioria deles é negra de ambos os sexos, filhos de agricultores pouco escolarizados ou alfabetizados.

Os alunos residem na comunidade remanescente quilombola Caiana dos Crioulos, e em outras comunidades, tais como: Caiana do Agreste, Paquevira, Serra do Balde, Sapé de Julião, e também as comunidades rurais das cidades circunvizinhas a Alagoa Grande-PB, como: Massaranduba, Matinhas e Alagoa nova, especificamente nas seguintes comunidades: Engenhoca de Matinhas Embira I e Embira II que, apesar de ser rurais, não são quilombolas.

Inicialmente, pensávamos que o índice de evasão escolar na escola local do quilombo era muito alta, mas ao fazermos um levantamento dos últimos dados da escola (sem considerar os anos da pandemia de COVID 19), obtivemos as seguintes informações de fluxo:

Quadro 1 – Fluxo Escolar na Escola Municipal Firmo Santino da Silva:
Evolução do Número de Alunos (2018-2023)

Ano	Nº inicial de alunos	Nº final de alunos	Transferidos	Reprovados	Evadidos
2018	190	182	04	29 (15%)	06 (3%)
2019	187	179	00	10 (6%)	08 (4,5%)
2022	167	155	10	13 (8,4%)	03 (1,9%)
2023	175	173	00	16 (9,2%)	02 (1,2%)

Fonte: Elaboração própria.

Fizemos um levantamento do fluxo de alunos de 2 anos antes da pandemia e 2 anos depois da pandemia, para visualizar os principais índices. Observamos que no ano de 2018, o número inicial de alunos era 190 alunos, finalizando com 182, pois 04 alunos foram transferidos, 29 (15%) foram reprovados, e 06 (3%) foram evadidos. Em 2019, o número inicial foi 187 e depois 179, não havendo alunos transferidos, tendo reprovação de 08 alunos (4,5%) e 10 (6%) reprovados.

Pós pandemia, no ano de 2022, de acordo com os dados, observamos que o número de matriculados deu início com 167 estudantes, finalizando com 155, porque 10 alunos desses foram transferidos, 13 (8,4%) foram reprovados, contabilizando no total de 03 (1,9%) evadidos. Já em 2023 foram matriculados 175 alunos, finalizando com 173, nenhum aluno transferido, tendo uma reprovação de 16 (9,2%) de alunos, se evadindo 02, (1,2%) de estudantes.

Mesmo após constatação de que o número de evasões era menor do que imaginávamos, nos inquieta a razão pela qual ainda recorre o problema numa comunidade que, até o ano 2000 não tinha, sequer uma escola em seu território. Por que os alunos continuam desistindo de estudar quando desfrutam de uma escola próxima de casa e que demonstra desenvolver um trabalho pedagógico eficaz e condizente com os costumes e a cultura da comunidade. Se antes dos anos 2000, o problema para essa evasão era o difícil acesso ao ensino, por causa do deslocamento para estudar na cidade, porque mesmo tendo uma escola na comunidade, ainda existem alunos que evadem?

O que dizem os gestores?

Antes de iniciarmos as reflexões sobre o que responderam os gestores, consideramos necessário descrevê-los para uma melhor visualização sobre sua representatividade e local de fala: O gestor da escola há 8 anos, um homem negro, 34 anos de idade, mora na Zona Urbana, residente de Alagoa Grande –PB, formado em Licenciatura em letras e cursando pedagogia na UEPB. Vamos identificá-lo como G1.

A gestora adjunta é uma mulher negra, 39 anos, formação, terminando pedagogia. Quilombola, residente no Quilombo Caiana dos Crioulos, também

agricultora, faz parte da associação dos moradores de Caiana, participa do grupo de mulheres e atua como gestora adjunta na escola Firmo Santino da Silva, há 8 anos. Ela será identificada como G2.

Iniciamos as entrevistas com os gestores da escola indagando sobre quais as razões, sob a ótica deles, levam os alunos a abandonarem a escola. Ambos responderam conforme suas percepções:

O abandono ocorre na questão da evasão escolar, o motivo abrangente é o trabalho, ou seja, a questão econômica. Com isso, são mais os adolescentes, o fundamental II dos anos finais que se estendem do sexto ao nono ano. O motivo que delegam é a procura por emprego, de procurar um meio de sobrevivência, de arrecadar e de conseguir dinheiro, então, esse número não é nem tanto aqui, mas, como nível nacional diminuiu bastante. No ensino Fundamental II já tem diminuído, nossos adolescentes já têm diminuído bastante. Como por exemplo: esse ano no fundamental II, tivemos 4 alunos que abandonaram a escola. Sendo que foram matriculados 80 alunos no fundamental I e 95 alunos no fundamental II, dando num total de 175 alunos ao todo que estão matriculados na Escola Firmo Santino. (G1)

Os gestores também destacaram que a cultura local e a estrutura socioeconômica influenciam diretamente na permanência dos alunos na escola. A maioria das famílias depende da agricultura e de trabalhos informais, e os jovens, ao atingirem certa idade, frequentemente sentem a pressão para contribuir com a renda familiar. Essa realidade é um desafio para a educação, pois, mesmo quando há motivação para estudar, as condições econômicas e a necessidade de trabalho podem prevalecer. Além disso, o acesso a atividades extracurriculares e apoio educacional é limitado, o que pode levar os alunos a se sentirem desmotivados e menos propensos a continuar seus estudos. Essa combinação de fatores cria um cenário em que o abandono escolar se torna uma opção viável para muitos.

Bom! Eu como aqui da comunidade vejo mais isso decorrente aos alunos que estudam ao fundamental I e até mesmo do 5 ao 6 ano. Pois, quando chega no sexto ano em diante, a idade vai avançando, a dificuldade e o meio de trabalho aqui na comunidade, é muito ruim. Pois, sabemos que por mais que a zona rural tenhamos benefícios, também tem outros que atrapalham. Por isso, tem o trabalho e a mão de obra, onde alguns saem e abandonam a escola em busca de uma condição de vida melhor. (G2)

É possível perceber que ambos têm percepções claras e concisas, pois, cada um faz indagações conforme sua visão de se sentir da comunidade e até mesmo de ser pertencente a comunidade. Com isso, observa-se a grande preocupação da gestão escolar com os alunos e até mesmo com a comunidade.

É pertinente destacar que a questão geradora que leva os alunos se evadirem remete as questões econômicas. Percebe-se que a maior causa é a necessidade financeira, a falta de oportunidades, que se remete a falta de políticas públicas que infelizmente são bem escassas, mesmo a educação sendo direito de todos, mais falta subsídios de recursos didáticos para por esse ensino de qualidade em prática, fornecendo com isso, uma melhor qualidade de vida para seus educandos. Na resolução nº 8, de 20 de novembro de 2012¹, no conselho Nacional de educação frisa nas competências dos sistemas de ensino no regime de colaboração consta que compete ao Estado:

prover as escolas de quilombolas e escolas que atendem estudantes oriundos dos territórios quilombolas de recursos financeiros, técnicos e pedagógicos e matérias, visando o pleno atendimento da educação básica.

Percebemos que mesmo sendo oficial essa competência, percebe-se que ainda se encontra delimitada no contexto escolar, pois, normalmente esses recursos costumam ser concedidos no tempo de eleições. E querendo ou não acaba dificultando o progresso dos cidadãos.

Em seguida, perguntamos quais as principais queixas dos professores em relação aos alunos. Direccionamos essa pergunta aos os gestores porque são responsáveis direto pela instituição e é através de sua organização e planejamento que a base escolar, composta por todos os componentes Gestor, adjunta, professores (as), funcionários e alunos, se estrutura, com base nisso, toda dificuldade ou reclamações, tanto dos professores, quanto dos alunos, passa pela direção, em busca de uma solução.

Diante dessa questão obtivemos respostas bem sucintas:

Em relação aos alunos a principal queixa é a falta de compromisso para com as atividades escolares, como por exemplo: Chega em casa e não tem continuidade, além do que é estudado na escola. Então falta isso, aquela continuidade aquela responsabilidade, aquela cobrança principalmente

¹ Documento não paginado.

te dos pais, esse é um dos motivos, é uma das queixas maiores entre os professores, é essa falta de continuidade. Com isso, o professor faz um planejamento diário e quando os alunos chegam no outro dia, os alunos não trazem as atividades e não assimilam mais o que foi passado no dia anterior. Porque falta aquela continuidade da família para com o aluno fora do recinto escolar. (G1)

Nesse contexto, os gestores ressaltaram que a falta de motivação dos alunos é um reflexo de uma série de fatores, incluindo a desvalorização do ensino em um ambiente onde muitos jovens veem seus colegas abandonando a escola em busca de emprego imediato. Além disso, a ausência de apoio familiar e a escassez de perspectivas de futuro na comunidade contribuem para esse desinteresse. Os gestores notaram que, para muitos alunos, a relação entre educação e sucesso profissional não é claramente estabelecida, o que resulta em uma visão pessimista sobre o valor dos estudos. Essa percepção gera um ciclo vicioso, onde a falta de empenho nas atividades escolares é alimentada pela crença de que o aprendizado não traz recompensas tangíveis, tornando a tarefa do professor ainda mais desafiadora.

Uma delas é que os alunos de hoje não têm mais aquela vontade de aprender. Eles ver o que acontece com os outros que saem e abandonam a escola, sem nada, achando que os estudos não estão dando dinheiro. Tentamos mostrar para eles que se eles estudarem e buscarem condições melhores de emprego lá fora, eles não vão saber que é totalmente diferente. Tanto dentro da comunidade, como em outros lugares que estão vendo, acham que os estudos não levam muito adiante. Devido a isso, os professores reclamam, porque estão ensinando e os alunos não querem, e isso acaba dificultando. (G2)

Diante das falas, podemos nos questionar sobre o porquê da falta de continuidade no processo de ensino e aprendizagem? Percebe-se que de alguma forma a defasagem recai para a família por não fornecer o acompanhamento devido.

Mas, devemos questionar, também, qual o nível de escolaridade de alguns pais? Pois bem, sabemos que existe uma grande desigualdade no convívio educacional, pois, alguns pais não tiveram oportunidade de estudar, geralmente por falta de condições sociais e econômicas. Com isso, é importante ressaltar

a seguinte indagação: Na opinião de ambos porque no pensamento dos alunos, os estudos não dão dinheiro?

Essa tese criada na cabeça de muitos, provém de diversos fatores, tais como, a falta de autoestima e impaciência na educação, geram a desmotivação do aluno para com a escola. Uma frase que uso para com nossos alunos, é que os estudos é o único tesouro que eles podem adquirir e que ninguém pode tirar deles. Muitos pensam em acelerar o processo educacional para entrar no mercado de trabalho, os jovens sem uma experiência apta, acabam se decepcionando ao abandonar os estudos. (G1)

Essa realidade é ainda mais complexa quando consideramos que muitos pais, devido à sua própria trajetória educacional limitada, podem não conseguir transmitir aos filhos a importância dos estudos como um caminho para melhores oportunidades. Essa falta de compreensão é reforçada pelo contexto socioeconômico da comunidade, onde o acesso à educação de qualidade e a informações sobre o mercado de trabalho são restritos. Muitos alunos, ao observarem seus pais enfrentando dificuldades financeiras, concluem que o esforço acadêmico não traz recompensas imediatas, resultando em uma percepção de que os estudos são desnecessários. Assim, a visão distorcida sobre a relação entre educação e prosperidade é perpetuada, dificultando ainda mais a motivação dos jovens para permanecer na escola e investir no seu futuro.

Entender a mente humana é um pouco difícil, porém a realidade que muitos ver é o que leva alguns a tirar essa conclusão. (G2)

Na Comunidade Quilombola Caiana dos Crioulos, a realidade das famílias são que grande parte são analfabetos, por isso se torna difícil para eles acompanharem diretamente o aprendizado dos filhos, tendo apenas a alternativa de colaborar cobrando a frequência à escola, por exemplo, ou com outros ensinamentos, que partem do senso comum, com seus saberes populares que, assim como os saberes científicos aprendidos na escola, serão essenciais para o desenvolvimento do processo de aprendizagem dos alunos, procurando motivá-los a aprender com os mestres e professores que carregam uma grande perspectiva de vida referente a Educação.

Diante dessa percepção, percebe-se que os saberes do cotidiano, carregados pelos estudantes, são fundamentais no processo de adaptação tanto dos alu-

nos, quanto dos professores no convívio escolar, pois é através dessa ligação de saberes que todos os estudantes se sentirão pertencentes ao contexto educacional. Assim como os saberes do cotidiano, os saberes docentes são primordiais nesse processo de aprendizagem.

Podemos observar a diferença entre as falas do G1 e do G2 e, isso, a nosso ver, está associado ao local de fala de cada um. G1 respondeu à questão a partir de uma visão mais teórica, na parte mais estrutural, onde direciona em quem está a responsabilidade de dar continuidade ao processo de aprendizagem dos alunos/filhos.

Percebe-se, que o papel educacional, interliga o coletivo, pois ambos devem trabalhar juntas observando o desempenho dos alunos, procurando compreender os motivos que está dificultando a aprendizagem do mesmo. Já o G2, por ser oriunda da comunidade e por saber a realidade de grande parte da comunidade, por conhecer as dificuldades e os obstáculos, se coloca no lugar dos alunos, pois grande parte das dificuldades que os alunos passam hoje em dia, ela, como oriunda da comunidade, também passou por diversas dificuldades, inclusive questões referentes a transporte para poder ter acesso a uma educação de qualidade.

Então, se pararmos para analisar, será que os alunos não querem mesmo aprender? Será que os mediadores estão procurando meios de motivá-los a querer se desenvolver? Essas são questões que indaga diversas hipóteses, tanto dos alunos, quanto dos próprios professores. Com isso, é importante salientar que o corpo docente e toda comunidade externa, devem trabalhar em conjunto em prol do bom desenvolvimento dos alunos, buscando meios estratégicos que possam proporcionar motivação para os estudantes procurarem se sentir apto daquele lugar, se sentirem aptos de ter o direito e o mesmo acesso que muitos cidadãos têm, tendo recursos adequados para seu processo de ensino e aprendizagem.

O fato de os estudantes envolvidos não lembrarem de mais nada da aula anterior no dia seguinte, será que não é a forma e o método usado na aula para explicar o conteúdo? São questões como essas que fazem uma gestão escolar e toda comunidade escolar, pensar em novas táticas de renovar seus planejamentos diários, além disso, os fazem pensar, se as estratégias e os métodos utiliza-

dos estão adequado e adaptados para todos os alunos ou não, considerando a questão quilombola.

De acordo com Freitas e Olga (2007) cada estudante tem sua especificidade, que aprende de formas diferentes e no seu determinado tempo. Para um avanço positivo com os alunos mais ativos, precisa-se de que ambos se coloquem sempre no lugar do outro, trabalhando em conjunto revendo sempre suas práticas constantemente as adaptando com os recursos atuais, adequado ao processo de aprendizagem de cada estudante. Adiante, perguntamos como a gestão da escola colabora para que o processo de aprendizagem aconteça da melhor forma.

A gestão junto com a equipe técnica pedagógica, estamos ali não para cobrar, não para exigir, mais para monitorar o papel, o serviço dos professores, daquele professor que leciona na sua série, com sua respectiva disciplina. Estamos lá para monitorar e orientar se for necessário, orientamos e pedimos ajuda a equipe técnica pedagógica que está sempre disposta a ajudar nessa relação, para seguirmos com o planejamento pedagógico.
(G1)

Essa abordagem colaborativa e de apoio é fundamental, especialmente em contextos onde os alunos enfrentam diversas dificuldades relacionadas ao seu ambiente de vida. A gestão escolar deve estar atenta às especificidades de cada aluno e às características da comunidade em que a escola está inserida. Compreender as realidades dos estudantes permite que os educadores adaptem suas estratégias de ensino e proporcionem um ambiente mais inclusivo e motivador. Além disso, o diálogo constante entre gestão e professores pode facilitar a identificação de barreiras no processo de aprendizagem, permitindo que soluções criativas e contextualizadas sejam implementadas. Dessa forma, a escola se torna um espaço mais acolhedor e relevante, contribuindo para o desenvolvimento educacional e emocional dos alunos.

A gente tenta buscar. Mesmo sabendo que por mais que a gente tente, sabemos que temos umas barreiras. Tentamos buscar novas formas, principalmente buscamos envolver coisas do cotidiano dos alunos, trazendo para dentro da escola, proporcionando meios que possa aumentar o interesse deles. Sabemos que a aprendizagem da zona rural é diferente da zona urbana. Por mais que o ensino tenha que se igualar, sabemos que tem umas dificuldades que com isso o processo de ensino para eles vai ser mais lento. (G2)

Observamos que G1 continua se detendo a uma posição mais teórica da função de gestão, focando na parte de organização do que fazer para solucionar determinada situação. Que meios podemos utilizar para seguir como está planejado e prescrito no planejamento de uma gestão escolar.

A fala do G2, por sua vez, embora seja bem concisa, emerge sua visão sobre a realidade. Percepções essas que se concentram sobre como foi seu processo de ensino e como ela basicamente enxerga o cotidiano do quilombo, estando no cargo de gestora adjunta na própria comunidade, consciente da tamanha desigualdade em muitas situações, principalmente quanto aos recursos ao acesso à educação.

Essa falta de recursos voltado para o processo de aprendizagem, em alguns momentos agrava nos alunos, pois, o sentimento de não pertencimento no processo de construção da aprendizagem deixa a desejar, por causa que até a forma de ensino é limitada. Em especial no Quilombo caiana dos crioulos, por causa que, mesmo quando passa, não é com todas as propostas e conceitos que são aplicados nas escolas da zona urbana. Porém, só se dar conta que os conteúdos aplicados eram limitados quando chega numa universidade ou quando está dando reforço para os alunos da atualidade.

Os conteúdos curriculares previstos para escolas do campo, quilombolas e indígenas deveriam ser sistematizados de forma igualitária, dando a mesma prioridade de formar cidadãos capacitados a solucionar qualquer situação, assim como os estudantes da zona urbana que tem acesso a materiais que contribuem no desenvolvimento escolar dos educandos.

De acordo com a Dissertação de Luciene Tavares, “A formação dos professores deve estar em consonância com todas essas pautas. Quanto a formação dos professores do quilombo, devemos ter em perspectiva que se trata de pensar em um trabalho coletivo, mas que contemple suas especialidades”.

O currículo da educação quilombola deverá considerar os aspectos gerais apontados nas diretrizes curriculares nacionais gerais para a educação básica, bem como as singularidades das comunidades quilombolas explicitados nessas diretrizes (Brasil, 2012, p. 439).

Percebe-se que mesmo cada disciplina tendo suas especificidades, o professor deve planejar suas aulas incluindo aspectos do contexto em que está inserido. Pois, será a partir dessa aproximação de conhecimento científico e cultural que os alunos irão se adaptar ao ensino.

O que dizem os professores?

Podemos identificar P1 (professor 1) é homem negro, oriundo do Quilombo, nascido e criado na comunidade, 37 anos, formado em Pedagogia, atua como professor de História há 6 meses na escola inserida no quilombo. Além disso, ele também é professor de Capoeira e Maculelê, promovendo apresentações nos eventos que ocorrem na comunidade, como no “Vivenciando Caiana”, que ocorre frequentemente, momentos que valorizam nossa luta e resistência.

A P2 é uma mulher negra, moradora da zona urbana, 52 anos, formada em Pedagogia e Psicopedagogia e atua há 25 anos no Quilombo Caiana dos Crioulos, onde atua desde então, atualmente, leciona na educação infantil. Segundo Baggi (2010), “A evasão escolar independente das causas para seu acontecimento, seja em instituições de ensino público ou privado, é um fenômeno social complexo que provoca graves consequências sociais, acadêmicas e econômicas”. Em vista disso, Lopes (2010) ressalta que, para a amenização de alguns problemas, referente a evasão, é necessária uma ação firme dos poderes públicos, principalmente em relação aos gestores escolares, que precisam assegurar um bom ensino e aprendizagem. Desempenho ruim também é um fator de evasão; oposto a isso, há alunos que evadem por não se sentirem “desafiados e estimulados”.

Inicialmente perguntamos aos professores se eles têm formação específica para abordar questões étnicos raciais em sala de aula, e ambos responderam que não têm formação específica, mas carregam vivências e experiências, que ajudam na promoção de novos conhecimentos para seus alunos por meio do que eles desenvolveram no decorrer de sua prática na educação, abordando temáticas que façam com que os alunos conheçam toda trajetória de luta e resistência em busca de nossos direitos.

De acordo com Silva (2018):

Uma escola situada em uma comunidade quilombola, com sujeitos quilombolas, necessita de um professor que saiba como trabalhar, valorizando o contexto social na qual a escola está inserida e é por ela influenciada.

A lei nº 11.645/2008, que incluí no currículo oficial da rede de ensino, a obrigatoriedade da temática “História e Cultura afro-brasileira e indígena” possibilita pensar na formação dos professores que tiveram em sua educação básica pouco ou quase nenhuma informação sobre essa temática, não basta apenas pensar no fazer, é necessário informar, refletir e contextualizar o processo histórico-social e político que determina os saberes a serem trabalhados e ensinados lembrando que ainda é encontrado em muitos livros de história, como em diversos textos publicados, o termo “Negros escravos” e não negros escravizados. Torna-se necessário pensar numa formação não apenas para os professores que trabalham em áreas quilombolas ou campesinas, mas também para os que atuam em outros espaços escolares objetivando formar os professores para que saiba trabalhar essa temática, valorizando-a e refletindo-a um contexto situado.

A profissão “professor” assume uma multiplicidade de faces, na sua relação com as crianças e os jovens, ele não é um mero informante, mas um formador. Dependendo de suas posturas e de suas atitudes, ele pode levar seus alunos a se perceberem como pessoas, como agentes em sua própria vida e na vida da coletividade, ou simplesmente como receptores de uma cultura social e escolar que nada lhes diz, muitas vezes, alheia descolada de sua realidade e que não encontra ressonância em seu ambiente cultural mais imediato (Falsarella, 2004 p. 48).

Percebe-se que o professor é mediador e além disso o professor tem um papel muito forte na vida dos educandos, pois os mesmos se espelham em seus professores os levando como exemplo. Conforme essa abordagem os estudantes terão uma bagagem forte de resistência desenvolvendo cada vez mais sua identidade e seu protagonismo pessoal, social e profissional, pois, o educando deve se posicionar diante de algumas situações.

Adiante, procurando compreender a causa da evasão escolar na escola, perguntamos: Na sua opinião, quais as razões que levam os alunos a abandona-

rem a escola?

Olha mesmo, dependendo da idade, são muitas. Uma é a questão trabalhista, ou seja, questão do trabalho. Os jovens da comunidade, quando chega determinada idade, tem que sair para a zona urbana, mais precisamente para o Rio de Janeiro e São Paulo, enfim, quando muito jovem, ou seja, no Pré-adolescência. Os jovens não se sentem acolhidos, pois é algo que acontece, não se sentem acolhidos e causa algo que acaba descartando e saindo da escola. Esse é um dos motivos, sendo um processo doloroso para o professor que está ali acompanhando, ver seu aluno desistir. Chegando até ser doloroso e triste demais, mas enfim, é uma realidade entre outros fatores que faz e causa essa evasão.

(P1)

Esse papel de mediador é crucial, pois os professores não apenas transmitem conhecimento, mas também influenciam a formação da identidade dos alunos. Quando os educadores se tornam referências, os alunos tendem a valorizar mais sua educação e a lutar por um futuro melhor. No entanto, essa relação é fragilizada quando os estudantes enfrentam dificuldades externas, como a necessidade de trabalhar para ajudar suas famílias, o que, muitas vezes, os leva a priorizar a renda imediata em detrimento da educação. Além disso, a falta de apoio emocional e um ambiente escolar acolhedor pode fazer com que muitos alunos se sintam isolados e desmotivados, contribuindo para sua decisão de abandonar a escola. Compreender essas dinâmicas é essencial para que a escola possa implementar estratégias que ajudem a reter os alunos e a reforçar seu compromisso com a educação.

Acho que as principais dessas razões são econômicas, pois o custo de vida, as políticas públicas que não existem, a ausência de políticas públicas, que você ver os alunos sonhando em completar uma idade, e possa ir embora, que possa trabalhar, que possa ganhar seu sustento. Então, se tivesse alguma coisa voltada para a comunidade, algum incentivo, algum projeto, acho que mudaria essa realidade. Até porque você olha e percebe que a vontade de quem está lá é voltar, mas infelizmente não tem o que fazer, voltar para quê? Fazer o quê? São questionamentos que muitos fazem.

(P2)

Assim como os gestores, os professores também mencionam a questão econômica como um dos fatores que levam os alunos a evadirem. Frisando que os alunos desistem de estudar, para ir em busca de emprego, em busca

de melhores condições financeiras para o sustento de todos de seu convívio familiar.

Por mais que o trabalho seja um ponto forte dessa evasão, a falta de interesse dos alunos em estudar, também, é um dos fatores, pois os alunos necessitam de motivação e de novas propostas de vida, pois o que falta como foi mencionado pela professora é: Trazer alguma proposta voltada para a comunidade, como: Projetos, novos incentivos que vise no seu protagonismo, momento de palestras sobre temáticas que desperte o interesse dos envolvidos, entre outros métodos.

As políticas públicas poderiam ser iguais para todos, desenvolvendo nosso espaço, disponibilizando oportunidades para esses jovens em sua própria terra Natal, usando suas habilidades e criatividade os tornando empreendedores ou administradores a partir dos estudos, pois, essa evasão é tão constante por conta da desigualdade existente na sociedade. Apesar da educação, ser direito de todos, os recursos oferecidos ainda são bem escassos na prática, onde a qualidade está apenas no papel. Mas, na prática é outro nível, totalmente inferior e acaba causando essa lacuna imediata de pessoas que se evadem, em busca de melhores condições de vida.

Em vista de todas as indagações, é fundamental interligar a pedagogia da alternância nesse esquema que abrange o trabalho e o ensino. A importância de saber lidar com os dois meios, os usando para seu benefício profissional e pessoal.

A pedagogia da alternância surge como uma proposta educacional para o campo, como possibilidade de uma formação com jovens do meio rural centrada na partilha e na interação entre todos os sujeitos envolvidos no processo de ensino e aprendizagem remetendo a uma perspectiva sistemática de mundo na qual nós percebemos ao mundo, “porque o nosso mundo faz parte da nossa visão de mundo, que faz parte do nosso mundo”. (Morin, 2001, p.205).

A educação da alternância aborda aspectos que nos emitem oportunidades de conhecer ainda mais as vivências no campo e nos remete a questões que tragam a realidade dos alunos para dentro da sala de aula, possibilitando estratégias de envolver nas atividades e nos conteúdos propostos, questões do

cotidiano, contemplando novas formas do aluno se sentir inserido e reconhecido, para que assim possa se encontrar e se identificar com o que está sendo ensinado, nesse processo de ensino e aprendizagem.

Assim, essa perspectiva educacional molda-se como um encontro pedagógico no qual, ao mesmo tempo, em que o/a estudante se aproxima de si e da família/comunidade com um olhar mais observador e com o sentimento de pertencimento, de descobertas e de valorização, também possibilita o integrar-se ao campo familiar/comunitário para:

partilhar saberes e conhecer outros, criando e recriando a espiral evolutiva do processo de conhecer, na qual o próprio movimento da alternância potencializa interrogações, experiências, vivências, transformações: aprendizagens (Vergutz, 2013, p.76).

Conforme essa abordagem, observa-se que esse processo de tempo escola e tempo comunidade é primordial, pois, é uma forma de fazer a junção dos saberes científicos que aprendemos e adquirimos na escola, quanto aos saberes populares, onde os saberes científicos é identificado pelos saberes que aprendemos na instituição escolar e os saberes populares é aquele que aprendemos, adquirimos e trazemos da comunidade, através da vivência do estudante.

Portanto, essa estratégia contribui para o processo de reconhecimento de cada indivíduo, aprendendo a valorizar suas vivências que nos emitem muitas contribuições a partir de sua aprendizagem, acompanhando todo planejamento que está sendo desenvolvido no seu cotidiano, fazendo análises de seu convívio na comunidade, apresentando e promovendo uma constante troca de conhecimento entre a escola e a comunidade, reaproveitando todas as informações que contribua para o processo de construção de ensino e aprendizagem.

Perguntamos, em seguida, quais as principais dificuldades que os professores encontram nos alunos em relação ao conteúdo proposto.

A dificuldade que encontrei é a questão da atenção, a falta de atenção, as conversas paralelas, uma porque realmente, pré-adolescentes é aquela coisa não param quietos, ou seja, é o momento das descobertas e quando tem um, dois, três que tire a atenção de um, isso vai virando uma bola de neve. Então, a falta de atenção é o que mais chama atenção em uma determinada aula e em um determinado assunto. (P1)

Esse enfoque é fundamental, pois permite que os alunos se sintam valorizados e reconhecidos em suas particularidades. Ao promover um ambiente em que suas experiências são consideradas, os educadores conseguem engajar os alunos de maneira mais efetiva. Contudo, os desafios enfrentados em sala de aula, como a falta de atenção e a distração, são sinais de que o contexto familiar e social dos alunos também impacta seu desempenho. Muitos estudantes podem não ter o apoio necessário em casa para reforçar o que foi aprendido, o que contribui para a dificuldade em reter informações. Portanto, é crucial que a escola não apenas ensine conteúdos, mas também busque maneiras de envolver as famílias nesse processo, criando uma rede de apoio que estimule a continuidade do aprendizado fora do ambiente escolar. Assim, a parceria entre escola e família se torna um elemento-chave para o sucesso acadêmico e o desenvolvimento integral dos alunos.

Acho que essa dificuldade é comum no geral. Mas, em algumas situações achamos e até mesmo dizemos: aqui é diferente, pois você explica, os alunos interagem, eles estão afiados. Mas, passam o final de semana, parece que esquecem, parece que passam uma borracha. Mas, acho que tem muita coisa envolvida, inclusive, do incentivo em casa, a ajuda em casa para fazer as atividades, que nem todas as crianças não tem, algumas por não saber ler, aí diz que não tem como ajudar e não tem como fazer. Com isso, falo sempre para a mãe se interagir com o filho (a), perguntando se tem tarefa e perguntando o que ele viu na aula e como foi a aula. Isso ajuda eles a meche com a memória e vai lembrando, vai falando e desenvolvendo a fala e aos poucos vai se adaptando. Percebemos que as vezes, tem crianças que chegam com as coisas exatamente como foi para casa, que as bolsas não foram nem abertas, já ocorreram muitos casos assim. Em todas as atividades coloco uma observação, perguntando o que houve? Estou triste! como uma forma de motivar os alunos a fazerem as atividades, para quê assim, possam se desenvolver constantemente. (P2)

As falas históricas dos entrevistados enfatizam a referente atualidade de como está ocorrente a situação dos estudantes na escola, focalizando nas principais queixas que querendo ou não é papel tanto dos professores quando dos alunos, tornarem as aulas mais dinâmica e mais participativa. A observação de incentivo usado pela professora através do diário de classe, pois os estudantes se sentem pertencentes daquela construção. Esse meio estratégico faz com que o ensino seja motivacional, pois há momentos que os alunos só precisam de um apoio para se desenvolver.

É importante destacar que o diário de Classe mencionado pela professora é uma estratégia que foi fundamental para meu desenvolvimento, pois através desse diário de Classe pude desenvolver minhas habilidades e criatividade e além disso, pude desenvolver minha escrita. Pois no meu ensino fundamental I, essa foi a forma que consegui de me expressar, pois com o ensino tradicional dos mais velhos, da criança só escutar e não responder, não interagir, acabou deixando meu aprendizado consequentemente vago, pois a forma que eu tinha de me expressar foi através desse diário de Classe, onde tive a oportunidade de falar através da escrita e dessa forma a professora tinha a certeza, de como estava meu processo de aprendizagem, através desses relatos de como foi a aula ou do que acontecia diariamente tanto na escola, quanto no meu convívio familiar e essa era a realidade de muitos alunos.

Tudo isso foi mudando e os estudantes tiveram mais liberdade de interagir e se questionar do porquê algo estava acontecendo e a partir daí as aulas foram se tornando mais atrativas e mais participativas, pois naquele momento percebemos que o diálogo é fundamental para o desenvolvimento de ambos, tanto dos estudantes, como também dos professores que fundamenta aquele espaço educacional.

Portanto, para não perder a concentração dos alunos, reavaliar sua prática, remanejar sua tática e adaptar suas aulas, além de seu planejamento, analisar as ideias dos alunos, de como seria uma aula diferente, que seja atrativa e que relacione o conteúdo ao cotidiano dos alunos.

Finalmente, questionamos os docentes sobre como as aulas são planejadas e desenvolvidas.

Então, eu planejo semanalmente e desenvolvo na sala de aula mesmo, no dia. Mas, é semanalmente, embora tenha professores que façam mensalmente. Eu aprendi a fazer semanalmente, então gosto de fazer semanalmente. (P1)

Essa evolução nas aulas reflete uma mudança significativa na abordagem pedagógica, onde a interação e o questionamento se tornam elementos centrais para o aprendizado. O diálogo não apenas estimula a curiosidade dos alunos, mas também permite que os professores adaptem suas práticas de ensino para melhor atender às necessidades da turma. Quando os educadores se

comprometem a ouvir e considerar as ideias dos alunos, criam um ambiente mais dinâmico e responsivo. Isso, por sua vez, pode levar a uma maior motivação e interesse por parte dos alunos, tornando o processo de aprendizagem mais significativo. A flexibilidade na elaboração do planejamento, que envolve tanto a definição de conteúdo quanto a escolha de metodologias, é essencial para que as aulas se tornem verdadeiramente relevantes e conectadas ao cotidiano dos estudantes. Essa sinergia entre planejamento e prática pedagógica é fundamental para garantir que todos os alunos se sintam envolvidos e valorizados em sua jornada educacional.

Nós temos uma equipe pedagógica. Onde geralmente nos sentamos no início do bimestre. Então, já selecionamos os conteúdos a serem trabalhados, o que vamos trabalhar? Como por exemplo: na educação infantil, vamos trabalhar o que? Quais são os conteúdos a serem trabalhados? E a partir daí desenvolvemos o planejamento. Diante disso, meu planejamento é feito em casa. Mas, temos um acompanhamento pedagógico, onde nos reunimos a cada dois meses e elencamos os conteúdos a serem trabalhados, de modo que todo município trabalhe igual. A partir daí cada professor tem sua metodologia e põe em prática em sua sala de aula. Gosto de trabalhar com atividades lúdicas, que chamem a atenção das crianças, o que não é difícil. Sou apaixonada pelo que faço e amo meus pequenos. (P2)

De acordo com a fala dos professores o planejamento semanalmente é primordial, mesmo havendo mudanças durante os dias, pois, um bom planejamento é flexível. P2 enfatizou a questão da organização geral, para a escolha dos conteúdos e preparação das aulas. Mas, diante de suas falas anteriores, dá para captar e perceber que seu planejamento, visa uma prática que acolhe as necessidades e dificuldades dos alunos, pois busca meios e novos métodos para passar as temáticas para ambos de uma forma que facilite e ajude no seu processo de construção, pois a melhor tática para uma aula provedora é enxergar as dificuldades e necessidades, aprendendo a lidar com elas em cada planejamento, inclusive, através de recursos didáticos que além de deixar a aula mais atrativas, facilita no desenvolvimento dos alunos com o assunto proposto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da análise dos dados e falas levantadas pelos gestores e coordenadores da escola Firmo Santino, percebemos a evasão escolar ainda ocorre por causa da falta de oportunidades e de políticas públicas para a comunidade, ou seja, a questão econômica, por isso, os jovens se sentem no dever de trabalhar para sua sobrevivência e de sua família, procurando meios de vida, através do trabalho braçal.

Assim, para que haja um melhor aproveitamento do ensino na comunidade quilombola Caiana dos Crioulos, é essencial que sejam instaladas políticas públicas educacionais que formem os professores para atuarem nestes territórios específicos e atraiam os educandos, oferecendo oportunidades para crescer através dos estudos, seja através de cursos técnicos que os ensinem como empreender na própria comunidade, ou aprendendo a administrar seu negócio com o que é produzido na comunidade, mas sempre valorizando seus paradigmas culturais e ancestrais.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, S. **Racismo estrutural**. São Paulo: Pólen Livros, 2019.

BAGGI, C. A. dos S. **Evasão e Avaliação institucional**: uma discussão bibliográfica. 2010.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola**.

CNE/CEB Nº: 16/2012- Ministério da Educação/Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão (MEC/SECADI), Secretaria de Educação Básica (MEC/SEB) e Conselho Nacional de Educação/Câmara de Educação Básica (CNE/CEB) / DF. RELATORA: Nilma Lino Gomes. PROCESSO Nº: 23001.000113/2010-81.-2012.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional**. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, p. 27.833, 23 dez. 1996.

BRASIL, **Resolução Nº 1, de 17 de junho de 2004**, do Conselho Nacional de Educação/Conselho Pleno/DF (CNE/CP/DF).

RELATORA: Nilma Lino Gomes. PROCESSO Nº: 23001.000113/2010-81.-2012.

FALSARELLA, Ana Maria. **Formação Continuada e Prática de sala de aula: os efeitos da formação continuada na atuação do professor.** – Campinas, SP: Autores Associados, 2004. - (coleção formação de professores).

FREITAS, Olga. Equipamentos e materiais didáticos. / Olga Freitas. Brasília: Universidade de Brasília, 2007.132 p. **Dissertação** (Mestrado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica de Campinas, São Paulo, 2010. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObra-Form.do?select-action=&coobra=203975>. Acesso em: 20 abr. 2024.

LIMA, Luciene Tavares da Silva. **Memória e saberes de Caiana dos Crioulos na formação de professores: Modos e formas de aprender na Educação Escolar Quilombola:** UFPB Campina Grande, 2021.

LOPES, N. Como combater o abandono e a evasão escolar. **Revista Nova Escola.** Disponível em: <http://gestaoescolar.abril.com.br/aprendizagem/como-combaterabandonono-evasao-escolar-falta-alunos-abandono-acampanhamento-frequencia5551821.shtml>. Acessado em: 18 fev. 2024.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO CONCELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO CÂMARA DE EDUCAÇÃO BÁSICA. Resolução N* 8, de 20 de novembro de 2012. Pedagógico, Projeto Político. Estado da Paraíba, Prefeitura Municipal de Alagoa Grande. Secretaria Municipal da Educação Infantil e Ensino Fundamental Firmo Santino da Silva. Caiana dos Crioulos. Alagoa Grande- CEP: 58.388-000, Lei Municipal 707/2001- INEP: 25117130, CNPJ: 05.100.472/0001-30, 2012, p. N.P.

PEREIRA, Rosiléia Castro et al. As principais causas da evasão escolar: uma análise com estudantes do 6º ano do ensino fundamental da rede pública de ensino. **Anais VII CONEDU** - Edição Online Campina Grande: Realize Editora, 2020. Disponível em <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/68044>. Acesso em: 27 abr. 2024.

SANTINO, Maria Simone da Silva. Reflexões sobre a evasão escolar: ponderações a cerca da escola Firmo Santino da Comunidade Quilombola Caiana dos Crioulos Alagoa Grande-PB. / Maria Simone da Silva Santino. - 2024.

SILVA, Maria Roseane Galvão da. **Formação da identidade docente na perspectiva da educação escolar quilombola: por uma escola diferenciada**, 2018. SILVA, T. G. Protagonismo na adolescência: a escola como espaço e lugar de desenvolvimento humano. Dissertação (Mestrado em Educação) –Programa de Pós Graduação em Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2009. p. 142.

VERGUTZ, Cristina Luísa Bencke. Aprendizagens na Pedagogia da Alternância da Escola Família Agrícola de Santa Cruz do Sul. **Dissertação** (Mestrado em Educação) –UNISC, Santa Cruz do Sul, 2013, p. 174. Revista da ABPN • v. 10, Ed. Especial - Caderno Temático: História e Cultura Africana e Afro-brasileira – lei 10.639/03 na escola • maio de 2018, p.435-464 DOI: 10.31418/21772770.

CAPÍTULO 5

REPENSAR O CURRÍCULO NA EDUCAÇÃO BÁSICA: NOVOS SUJEITOS, NOVAS ABORDAGENS SOCIAIS EM SALA DE AULA¹

Luciana Severina da Silva

Raiane Silva Lima

Fabiano Custódio de Oliveira

Doi: 10.48209/978-65-5417-459-4

No início do texto, Arroyo (2014) apresenta diversas perguntas, entre as quais podemos destacar: “O Ensino Médio está sendo repensado, resignificado, onde?” Ele mesmo responde, afirmando que essa resignificação ocorre na prática das escolas, nas salas de aula, na criatividade dos professores e no material didático que cada docente cria e incorpora. Assim, há um currículo na Educação Básica sendo reinventado na prática escolar. Mas quem são os sujeitos responsáveis por essa reinvenção do currículo? São os protagonistas da ação educativa: os próprios docentes e os jovens e adultos educandos. A transformação do Ensino Médio ocorre por meio da reinvenção dos currículos, que modificou as concepções de como se ensina e de como se aprende. O que isso significa? No passado, era evidente que os professores ocupavam o lugar de detentores do saber, enquanto os alunos eram tratados como meros ouvintes. Contudo, atualmente, percebe-se que o papel do estudante é tão relevante quanto o do docente.

Quando as escolas, os coletivos docentes e até as Diretrizes Curriculares do CNE se propõem a repensar os currículos do ensino médio, buscam identificar as práticas inovadoras que estão sendo realizadas nas escolas, em diversas áreas do conhecimento. Dessa forma, o autor destaca que o currículo não deve ser tratado como um campo estático, ou seja, sem movimento, mas como um território de disputa, no qual o conhecimento é negociado na sociedade. É fundamental abordar o currículo como um espaço de saberes e incertezas.

¹ Resumo expandido do texto ARROYO, Miguel G. **Repensar o ensino médio: por quê?** In: DAYRELL, Juarez; CARRANO, Paulo; MAIA, Carla Linhares (orgs.). *Juventude e ensino médio: sujeitos e currículos em diálogo*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014. p. 53-74.

Outro fator importante para essa mudança, destacado por Arroyo (2014), é a questão das novas identidades docentes e do protagonismo juvenil. Os professores são diferentes em termos de gênero, origem social e racial, trazendo consigo saberes, visões de mundo e reflexões sobre si mesmos. Além disso, os anos se passaram, e as formas de adquirir conhecimento foram se transformando ao longo do tempo. Atualmente, as pessoas estão mais informadas do que antigamente; ou melhor, os indivíduos de hoje se posicionam e fazem questionamentos sobre o que acontece ao seu redor. Essa realidade também se reflete no contexto escolar.

Os professores, por exemplo, trazem diversas experiências sociais e questionamentos ao campo do conhecimento. São produtores de saberes. Como profissionais, discutem em coletivos de área, reinventam e enriquecem o conteúdo do currículo oficial. Dessa forma, podemos perceber que os professores não são apenas mediadores do que o currículo apresenta, mas também buscam inovar, enriquecendo até mesmo o próprio currículo. Isso ocorre porque um profissional que é capaz de se adaptar ao ambiente em que está inserido terá mais oportunidades no futuro, já que será reconhecido por agregar valor e promover mudanças significativas no contexto em que atua.

Assim como os professores, os jovens estudantes que chegam à escola também são diferentes, provenientes de diversas origens sociais, raciais, étnicas, rurais e periféricas. Como garantir seus direitos ao conhecimento, à cultura, aos valores e à formação plena? Que ensino e que currículo atenderão a essa demanda?

Essas questões ampliam a consciência profissional, levando à reflexão sobre como ser educadores comprometidos e como assegurar o direito desses estudantes ao acesso ao conhecimento — e a quais conhecimentos. Nesse contexto, os coletivos docentes, em parceria com os alunos, incorporam novas dimensões do saber, que organizam e interpretam de forma sistemática as experiências sociais e as reflexões sobre essas vivências, tanto dos jovens e adultos quanto dos próprios professores.

Torna-se evidente que tanto mestres quanto estudantes têm o direito de se reconhecer, de interpretar suas vivências coletivas e de refletir sobre suas

condições, sejam elas docentes, juvenis, sociais, raciais, de gênero, rurais ou culturais. Suas histórias, como integrantes de diferentes coletivos, devem ser aprofundadas e valorizadas no currículo escolar.

Além disso, é preciso reconhecer que os jovens estão cada vez mais desinteressados em aprender sobre temas que não têm relevância para os contextos nos quais estão inseridos. Por isso, é essencial conectar os conteúdos escolares às realidades e necessidades dos estudantes, garantindo um aprendizado significativo e transformador.

A tradição das diretrizes curriculares tem sido parte das leis, com dois princípios centrais: implementar os currículos considerando os estudantes como destinatários e os professores como simples mediadores. No entanto, tanto nas diretrizes da Educação Básica quanto do Ensino Médio, essa visão tem mudado. Os estudantes deixam de ser tratados como meros destinatários, e os professores deixam de ser vistos apenas como mediadores. Essa transformação é muito significativa, pois agora ambos são reconhecidos como atores e sujeitos da ação educativa, participando ativamente nos processos de produção do trabalho e nas culturas que lhes são inerentes.

Essa mudança permite que os estudantes, sejam adolescentes, jovens ou adultos, se percebam como membros ativos de suas unidades de ensino, deixando de ser apenas espectadores no processo de aprendizado, meramente “copiando e colando”. No entanto, é importante reconhecer que existem limites para tantas propostas inovadoras. Esses limites incluem as condições materiais e físicas das escolas, as condições de trabalho, os salários, o número de alunos por sala e a carga horária dos docentes. A inovação curricular encontra estímulo nas autorias e na criatividade dos professores, mas também enfrenta barreiras nos aspectos mencionados.

O projeto educativo deve estar alinhado com as necessidades e realidades dos educandos. Quando os sujeitos envolvidos na educação são diversos, a docência e os currículos também precisam refletir essa diversidade. O conteúdo ensinado deve se adaptar aos alunos, considerando que, em uma sala de aula, não há um único perfil de estudante. Existem diferenças significativas, seja no contexto de origem de cada aluno, seja na forma como cada um aprende.

Os currículos precisam reconhecer e valorizar essa diversidade. Por exemplo, ao ensinar um jovem a gerenciar uma empresa, é válido questionar: seus colegas de classe terão as mesmas oportunidades que ele? A resposta, evidentemente, é não, pois as condições sociais variam amplamente, especialmente dentro de uma sala de aula. Por isso, é fundamental construir currículos inclusivos e equitativos, capazes de atender às necessidades de todos os estudantes.

Esses novos jovens que chegam ao ensino médio, assim como os jovens-adultos que ingressam no período noturno ou na EJA (Educação de Jovens e Adultos), trazem novas questões: que tipo de ensino médio oferecer? Inovador? Tradicional? E os currículos? Devem ser os mesmos ou diferentes? Essas são algumas das perguntas que emergem, mas sabemos que, devido à trajetória desses novos perfis, o que ensinar não pode ser exatamente igual. É necessário adequar o currículo para garantir que esses alunos tenham o direito de conhecer, ler e compreender seu lugar na sociedade, não apenas como ouvintes, mas também como agentes ativos na construção de novos caminhos.

Os educandos são diferentes, e, com isso, a escola, a docência, os currículos, as didáticas e o processo de ensinar e aprender também se transformam. O que isso significa? Com o passar do tempo, essas mudanças fizeram com que as pessoas compreendessem que, para conquistar algo, era necessário lutar. Em busca de seus direitos, surgiu a pressão sobre o Estado e os governantes, pois são eles que detêm o poder de decisão.

No entanto, Arroyo (2014) destaca que os governantes, ao pensarem sobre as escolas públicas e seus professores, tratam esses coletivos como marginais e excluídos. Ainda assim, nas últimas décadas, a população tem exercido maior pressão sobre o Estado, reivindicando políticas públicas mais democráticas e igualitárias. Esse movimento resultou em políticas inclusivas, com o objetivo de reduzir a marginalidade, a pobreza e as desigualdades sociais.

Para Arroyo (2014), repensar o ensino implica repensar os parâmetros curriculares. É necessário prepará-los e adequá-los a um modelo que inclua, como uma disciplina, as vivências relacionadas ao que significa ser um jovem popular. Nesse sentido, é importante destacar que essa inclusão está direcionada ao fator do “Nós”, no qual todos precisam ter acesso a esse conhecimento.

Ou seja, trata-se de entender e reconhecer aquilo que não deveria prevalecer no convívio social. Nesse contexto, podemos citar a desigualdade social no ambiente escolar, especialmente entre as escolas públicas e privadas.

É evidente a diferença no nível de escolaridade entre estudantes de diferentes realidades, algo que pode ser observado em situações como um vestibular. As chances acabam sendo menores para um aluno de escola pública periférica em comparação com um aluno de escola particular. Isso ocorre, sobretudo, devido à desigualdade no ensino, que é completo e abrangente para uns, enquanto é limitado e precário para outros.

É nesse contexto que o texto nos convida a refletir: como transformar esse modelo desigual? Surge então a questão: seria o poder público o principal responsável? Em grande medida, sim. As instituições ainda demonstram fragilidade em abordar esse problema de forma coletiva e efetiva.

Ainda prevalece uma visão de distanciamento em relação aos “outros”, sem um compromisso genuíno com mudanças estruturais. Essa realidade resulta em jovens menos críticos, incapazes de estabelecer conexões entre teoria e prática em seu dia a dia; jovens que, nas relações sociais, exibem autoritarismo e uma necessidade de se afirmar superiores; e jovens inseguros quanto ao que esperar do futuro.

Assim reflete Arroyo (2014) ao destacar as representações que se têm dos Outros – crianças, adolescentes, jovens e adultos populares – na sociedade, nas escolas e nas universidades (quando lutam para chegar até elas). Essas representações são extremamente negativas, pois são pensadas, medidas e classificadas com base em concepções construídas tendo como padrão de referência o Nós. Quando a mídia e até as escolas apresentam os resultados das avaliações oficiais, tornam-se explícitos os padrões de classificação, hierarquização e inferiorização dos Outros em comparação ao Nós: os alunos do Norte e Nordeste, das zonas rurais e periferias, apresentam resultados piores do que os alunos do Sul e dos centros urbanos; os alunos das escolas públicas têm resultados inferiores aos das escolas privadas. Entre os universitários, os cotistas apresentam desempenho pior. Já os não cotistas, jovens de escolas privadas que sempre ocuparam o ensino superior por terem passado no vestibular por mérito, servem

como parâmetro para reforçar a ideia da inferioridade dos cotistas – alunos pobres, negros e provenientes de escolas públicas – que ingressam “sem mérito, pelas portas dos fundos” em um lugar de excelência que nunca lhes pertenceu.

Arroyo (2014) nos convida a refletir: que ensino devemos reinventar? Será que não existe uma solução para que essas representações sejam equiparadas a outras? Esses questionamentos nos levam a compreender que a educação ainda necessita de ajustes para adequar os parâmetros do conhecimento às realidades das escolas públicas. O ensino continua sendo altamente hierarquizado e muitas vezes distante do contexto real dos adolescentes. Trata-se de um modelo de ensino escasso ou, talvez, desinteressado em abordar os valores sociais que permeiam nossa sociedade.

O objetivo aqui não é transformar o aluno da educação básica diretamente em um cientista social, mas garantir a ele o direito de conhecer as desigualdades sociais e as diversidades culturais presentes em seu cotidiano. Essa proposta ganha relevância porque, naturalmente, esses temas são frequentemente abordados em exames como o ENEM ou em concursos públicos, e os alunos de escolas públicas muitas vezes não estão adequadamente preparados. Essa realidade ainda é visível, em grande parte, pela falta de atenção e de um ensino comprometido com as necessidades desse público.

Se a escola, os currículos e a docência não conseguirem desconstruir essas representações inferiorizadas, é necessário, ao menos, que não as reforcem nem as ocultem. Os adolescentes, jovens e adultos das classes populares, trabalhadores que chegam à escola, têm o direito de acessar conhecimentos aprofundados sobre a construção e a reprodução histórica dessas representações sociais. O direito ao conhecimento dessa história deve ser um dos componentes do currículo.

Onde esses conhecimentos podem ser construídos? Com quais currículos? Em quais situações? Por meio de quais didáticas? Constantemente nos questionamos até encontrarmos respostas para tais perguntas. Segundo Arroyo (2014), é necessário promover uma preparação adequada, com oficinas e estudos voltados para essa finalidade.

É fundamental que os docentes estejam dispostos a superar as diferenças, o que também depende da atuação coletiva dos educadores, unidos em um

objetivo comum para avaliar os parâmetros necessários. Além disso, é essencial a participação do poder público nesse processo.

A união é o caminho para organizar cada aspecto e alcançar resultados. Não depende apenas de uma pessoa, mas de todos. É nesse esforço coletivo que se encontra a mudança e a força para enfrentar e superar esse problema.

O autor levanta questões que merecem dias de estudo ou devem estar presentes no currículo: quem define os conteúdos desses princípios? Seríamos nós, enquanto cidadãos, humanos, justos e sujeitos de direitos, definindo para os outros – aqueles ainda não cidadãos, não humanos, desprovidos do direito de ter direitos? A maioria das políticas públicas é elaborada do ponto de vista do nós para os outros, os que ainda não têm direitos, os que não são cidadãos, os desiguais. Quando se propõe a construção de currículos, é necessário adotar uma postura crítica não apenas em relação aos resultados, mas também aos próprios princípios, juízos e valores que os fundamentam. Sobretudo, é imprescindível uma postura crítica em relação a quem os define e para quem são destinados (Arroyo, 2014).

Ao final do texto, Arroyo (2024) ressalta a importância de termos clareza sobre para qual público os currículos devem ser construídos e quem necessita desses conhecimentos. É fundamental refletir sobre esse público e garantir a eles o acesso a uma educação de qualidade, que seja também historicamente embasada nas representações que compõem nossa sociedade. Além disso, é essencial proporcionar a compreensão das lutas, como o direito à escola, e o significado que tudo isso tem na construção do conhecimento. Assim, cria-se a possibilidade de formar alunos críticos e sensatos, capazes de pensar e agir de maneira consciente. Dessa forma, é possível encontrar caminhos para o avanço como pessoas, seres humanos, jovens e adultos.

REFERÊNCIA

ARROYO, Miguel G. **Repensar o ensino médio: por quê?** In: DAYRELL, Juarez; CARRANO, Paulo; MAIA, Carla Linhares (orgs.). *Juventude e ensino médio: sujeitos e currículos em diálogo*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014. p. 53-74.

CAPÍTULO 6

ENSINAR E APRENDER ATRAVÉS DOS RECURSOS DIDÁTICOS NAS ESCOLAS DO CAMPO: POSSIBILIDADES E DESAFIOS

Maria Simone da Silva Santino

Milena Martins da Silva

Mônica Alves Feitosa

Fabiano Custódio de Oliveira

Doi: 10.48209/978-65-5417-459-5

INTRODUÇÃO

A educação é fundamental para o processo de aprendizagem e a inserção do indivíduo no convívio social. É através do direito à educação que os cidadãos aprendem a sobreviver na sociedade, tendo consciência de seus direitos.

Diante disso, é importante destacar que o ensino é essencial na vida dos indivíduos, e é por meio dele que os alunos desenvolvem sua criatividade e aprendem novas estratégias para resolver problemas no espaço em que estão inseridos. Além disso, o cidadão tem a oportunidade de adquirir novos conhecimentos e enxergar possibilidades para alcançar seus objetivos.

Para uma melhor aprendizagem do discente em determinado tema, é necessário que o professor compreenda as dificuldades de cada aluno, para que, dessa forma, possa promover meios que contribuam para o desenvolvimento de cada pessoa envolvida na construção do conhecimento.

Nesse sentido, o Grupo PET-CDSA - Gestão Pública, Política e Cidadania, através de seu grupo de pesquisa, iniciou discussões com leituras de textos, livros, dissertações e artigos sobre a importância da utilização de recursos didáticos nas escolas do campo como mediação no processo de ensino-aprendizagem. Nesse debate, levantamos as seguintes perguntas:

- Quais recursos didáticos os professores das escolas do campo utilizam em sala de aula?
- Como esses recursos são utilizados na mediação da atividade docente?
- De que forma esses recursos didáticos contribuem para o processo de ensino-aprendizagem nas escolas do campo?

Essas questões nortearam nossa pesquisa, que teve como objetivo realizar um mapeamento dos recursos didáticos utilizados em duas escolas do campo, identificando sua importância, inserção e aplicação no contexto escolar.

Nossa pesquisa está inserida no âmbito da pesquisa qualitativa. De acordo com Denzin e Lincoln et al. (2006, p. 17), a pesquisa qualitativa envolve o estudo e a coleta de uma variedade de materiais empíricos – estudo de caso, experiência pessoal, introspecção, história de vida, entrevista, artefatos, textos e produções culturais, textos observacionais, registro de campo, históricos interativos e visuais – que descrevem momentos significativos, rotineiros e problemáticos na vida dos indivíduos. Portanto, os pesquisadores dessa área utilizam uma ampla variedade de práticas interpretativas interligadas, com a esperança de compreender melhor o assunto em estudo.

Diante disso, é pertinente destacar que a pesquisa qualitativa busca compreender o “como”, preocupando-se em entender os fenômenos a partir dos símbolos ou significados atribuídos a eles. Além disso, esse método observa o objeto de estudo à luz de sua subjetividade, envolvendo-se no fenômeno estudado. Ou seja, não se preocupa com a neutralidade, mas sim com a objetividade.

“O método qualitativo é adequado aos estudos da história, das representações e crenças, das relações, das percepções e opiniões, ou seja, dos produtos das interpretações que os humanos fazem durante suas vidas, da forma como constroem seus artefatos materiais e a si mesmos, sentem e pensam” (Minayo, 2008, p. 57).

Tivemos como participantes professores de duas escolas do campo: a Escola Municipal de Ensino Infantil e Fundamental Firmo Santino da Silva, localizada no Quilombo Caiana dos Crioulos, município de Alagoa Grande-PB, e a Escola José Bonifácio Barbosa de Andrade, município de Sumé-PB, pois essas

instituições foram fundamentais no nosso processo de formação no ensino infantil e fundamental.

Para a coleta de dados, foi elaborado e aplicado um questionário no Google Forms. Cinco professores responderam de forma online, contribuindo com suas experiências e concepções para a pesquisa.

A análise das respostas dos participantes de ambas as escolas foi realizada de forma crítica e reflexiva, sendo os dados apresentados em quadros que revelaram as percepções dos professores sobre a utilização de recursos didáticos em suas aulas.

Ressaltamos que essa pesquisa é de suma importância, pois, através dos dados coletados, todos os leitores – sejam professores, alunos ou outros profissionais – terão uma visão ampla do quanto os recursos didáticos são essenciais para o processo de aprendizagem dos alunos do campo.

A IMPORTÂNCIA DA UTILIZAÇÃO DE RECURSOS DIDÁTICOS NAS ESCOLAS DO CAMPO

A Educação do Campo é uma modalidade de ensino que busca atender às necessidades e especificidades das comunidades camponesas, promovendo uma formação que valoriza o saber local e as práticas culturais dessas populações. Assim, a utilização de recursos didáticos nesse contexto é essencial para tornar o ensino mais significativo e contextualizado para os diferentes sujeitos do campo, formados por pessoas que vivem e têm suas lutas e saberes nesse meio, como os trabalhadores rurais, sejam eles camponeses, quilombolas, integrantes de nações indígenas e todos os tipos de assalariados vinculados à vida e ao trabalho no meio rural.

Nesse contexto, considerando a diversidade dos sujeitos do campo presentes nas salas de aula das escolas, os recursos didáticos são utilizados pelos professores para auxiliar no processo de ensino-aprendizagem de seus alunos em relação aos temas discutidos e propostos. Esses recursos servem como motivação, despertando maior interesse pelo conteúdo ministrado e facilitando a compreensão dos temas abordados (Souza, 2007).

Diante dessa concepção, é pertinente salientar que o recurso didático facilita o processo de compreensão dos estudantes. Quando o professor explica o conteúdo e utiliza um recurso didático adequado ao tema, os estudantes enxergam novas possibilidades de aprendizado por meio desses meios estratégicos. Além disso, têm a oportunidade de aprender de acordo com suas especificidades.

Dentre os diversos recursos didáticos que podem ser utilizados, destacam-se quadro, giz, livros, artigos, trabalhos acadêmicos, apostilas, apresentações em PowerPoint, músicas, filmes, exercícios físicos, ilustrações, CDs, DVDs, passeios, brincadeiras, construção de maquetes e muitos outros (Ferreira, 2007).

É essencial destacar que o recurso didático não deve ser inserido na aula de forma aleatória, mas sim planejada, com um propósito claro e alinhado ao conteúdo. Esses meios complementam o ensino, facilitando o entendimento dos estudantes. Segundo Costoldi e Polinarski:

Os recursos didáticos pedagógicos surtem maior efeito nas aulas apresentadas aos alunos do ensino fundamental (séries iniciais), por serem ainda crianças e se interessarem muito mais por aulas diferentes torna-se mais fácil para uma criança se envolver mais durante a aula com recurso pelo “espírito de brincadeira” que ela ainda possui (Costoldi e Polinarski, 2009, p. 4).

Assim, percebe-se que os recursos didáticos tornam as aulas mais atrativas e participativas. Quando o professor adota essa estratégia, o estudante sente-se pertencente ao processo de construção do conhecimento transmitido, facilitando a ampliação do aprendizado de ambos. Ademais, o professor das escolas do campo pode utilizar aspectos relacionados à realidade dos alunos como exemplos para motivá-los e engajá-los nas aulas. Como afirmam Souza (2007) e Costoldi e Polinarski (2009):

O professor deve ter formação e competência para utilizar os recursos didáticos – pedagógicos que estão ao seu alcance e muita criatividade, ou até mesmo construir juntamente com os alunos, pois, ao manipular esses objetos a criança tem a possibilidade de assimilar melhor o conteúdo. Os recursos didáticos não devem ser utilizados de qualquer jeito, deve haver um planejamento por parte do professor, que deverá saber como utilizá-lo para alcançar o objetivo proposto por sua disciplina (SOUZA, 2007; COSTOLDI e POLINARSKI, 2009, p. 111).

De acordo com Souza (2007), é importante que o professor da escola do campo planeje adequadamente suas aulas para garantir o melhor desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem. Cada temática debatida nas escolas do campo possui características específicas que auxiliam na produção de recursos didáticos adaptados. Mesmo que alguns conteúdos sejam desafiadores, a criatividade do professor é essencial para tornar o uso dos recursos eficaz.

Rêgo (2006) destaca a importância de envolver os alunos na construção dos recursos didáticos, pois isso torna a assimilação dos conteúdos mais efetiva. Além disso, segundo Rego e Rego (2006), os professores devem adotar alguns cuidados básicos na utilização desses recursos:

1. Dar tempo para que os alunos conheçam o material, permitindo que o explorem livremente.
2. Incentivar a comunicação e troca de ideias, discutindo os diferentes processos, resultados e estratégias envolvidas.
3. Mediar, sempre que necessário, o desenvolvimento das atividades, por meio de perguntas ou indicações de materiais de apoio.
4. Realizar uma escolha responsável e criteriosa dos materiais.
5. Planejar antecipadamente as atividades, conhecendo bem os recursos a serem utilizados.
6. Estimular a participação dos alunos e de outros professores na adequação do material.

Nesse sentido, é fundamental que os recursos sejam planejados e estruturados levando em consideração o desenvolvimento de cada aluno e os objetivos de cada aula. Segundo Passos (2006):

Qualquer material pode servir para apresentar situações nas quais os alunos enfrentam relações entre objetos que poderão fazê-los refletir, conjecturar, formular soluções, fazer novas perguntas, descobrir estruturas. Entretanto, os conceitos matemáticos que eles devem construir, com a ajuda do professor, não estão em nenhum dos materiais de forma a ser abstraídos deles empiricamente. Os conceitos serão formados pela ação interiorizada do aluno, pelo significado que dão às ações, as formulações que enunciam, as verificações que realizam (PASSOS, 2006, p. 81).

De acordo com essa concepção, percebe-se a relação entre os objetos e a organização dos mesmos, pois cada estruturação exige uma meta a ser cumprida e uma estratégia a ser formulada, alinhada às situações recorrentes do cotidiano dos estudantes. Esse processo leva a questionamentos constantes em busca de novas soluções. Além disso, os recursos didáticos são de extrema importância para a adaptação dos estudantes ao conteúdo, uma vez que, com essa abordagem, os estudantes se sentem envolvidos em todo o processo de aprendizagem e adaptação ao ensino.

De acordo com os Parâmetros Curriculares Nacionais (2000), é fundamental adotar estratégias de ensino que favoreçam uma melhor compreensão, pelos alunos do campo, dos objetivos de seus estudos. Além disso, é importante permitir que esses estudantes participem ativamente do processo de elaboração de recursos didáticos. A oportunidade de expressarem suas ideias e experiências, assim como de testarem seus próprios modelos explicativos, possibilita a organização e a aplicação prática dos conhecimentos adquiridos. Esse processo promove a construção e reconstrução de novos saberes em condições de igualdade entre alunos e professores, contribuindo para que ambos alcancem aprendizagens significativas. Dessa maneira, os alunos do campo são motivados e valorizados como sujeitos ativos no processo de ensino-aprendizagem.

RESULTADOS E DISCUSSÃO: DIAGNÓSTICO DOS RECURSOS DIDÁTICOS NAS ESCOLAS DO CAMPO

A realização desta pesquisa surgiu da necessidade de mapear os recursos didáticos utilizados nas escolas do campo, com o objetivo de identificar como esses recursos contribuem para o processo de ensino-aprendizagem, especialmente em temas relacionados à educação do campo no contexto escolar.

No entanto, participaram desta pesquisa professores e professoras da Escola Municipal de Ensino Fundamental Firmo Santino da Silva, localizada no município de Alagoa Grande – PB (foto 1), e da Escola José Bonifácio Barbosa de Andrade, situada no município de Sumé – PB (foto 2). O objetivo foi compreender as metodologias empregadas em suas aulas, com a utilização de recursos didáticos.

Foto 1 - Escola Municipal de Ensino Fundamental Firmo Santino da Silva, município de Alagoa Grande – PB



Fonte: Daiane Silva Lima.

Foto 2 – Escola José Bonifácio Barbosa de Andrade, Município de Sumé – PB



Fonte: Fabiano Custódio.

Antes de iniciarmos as reflexões sobre as perguntas direcionadas aos professores, é importante representá-los pelas seguintes siglas: P1, P2, P3, P4 e P5. Isso facilitará a visualização e a separação das respostas das duas escolas do campo. Com base nisso, iniciamos nossa pesquisa com a seguinte indagação: **O que são recursos didáticos?**

Quadro 1 – Compreensão de Recursos Didáticos

Colaboradores	Compreensão
P1	São recursos utilizados para ministrar aulas
P2	São recursos que utilizamos em nossas aulas e planejamentos de forma didática para o processo de ensino e aprendizagem de nossos alunos.
P3	<i>Meios que temos para ministrar as aulas</i>
P4	<i>São métodos de ensino e estratégias a serem utilizadas com a intenção de tornar as aulas mais amplas</i>
P5	Recurso que utilizamos para preparar e ministrar as aulas.

Fonte: Pesquisa de Campo

Com base na resposta de ambos, percebe-se que a P1 apresenta uma percepção objetiva sobre o que constitui um recurso didático. Por outro lado, a P2 traz uma reflexão mais aprofundada, pois, além de questionar o conceito, destaca a importância do planejamento didático no processo de aprendizagem dos alunos, buscando integrar os recursos didáticos ao planejamento da aula. Diante dessas informações, conclui-se que os professores têm uma concepção clara sobre a utilização dos recursos didáticos como facilitadores do ensino, evidenciando uma fundamentação ampla acerca desses meios metodológicos que favorecem o aprendizado.

Em vista dessa conceituação, questionou-se sobre a importância dos recursos didáticos para a efetivação do ensino.

Quadro 2 – Importância dos Recursos Didáticos

Colaboradores	Compreensão
P1	É importante, pois ajuda no processo de ensino aprendizagem dos alunos
P2	É importante, pois ajuda no processo de ensino aprendizagem dos alunos
P3	Buscamos com os recursos didáticos, levar uma aprendizagem de forma significativa buscando elevar o ensino tirando um pouco do tradicional.
P4	É de grande importância.
P5	<i>Uma importante ferramenta para facilitar a aprendizagem do indivíduo, pois, o material didático o ajuda a alcançar melhor o entendimento do conteúdo que está sendo estudado.</i>

Fonte: Pesquisa de Campo

A compreensão dos professores sobre a importância dos recursos didáticos ressalta o papel essencial desses materiais na promoção de um ensino mais significativo e participativo. Esses recursos contribuem para motivar os alunos por meio de uma abordagem mais atrativa, despertando sua curiosidade e favorecendo a contextualização dos temas trabalhados em sala de aula.

Além disso, observa-se que algumas respostas dos professores são bastante diretas, enquanto outras demonstram maior amplitude, revelando um conjunto de possibilidades. Isso evidencia a grande relevância dos recursos didáticos na vida educacional dos estudantes, pois eles não apenas influenciam o processo de aprendizagem, mas também auxiliam no planejamento pedagógico dos professores.

Seguindo a pesquisa, surgiu a seguinte questão: Como os professores inserem os recursos didáticos no planejamento de suas aulas?

Quadro 3 – Inserção dos Recursos Didáticos nos Planejamentos

Colaboradores	Inserção
P1	Uso os recursos de acordo com os objetivos da aula e habilidades que desejo que os alunos desenvolvam
P2	Planejo minhas aulas em rede todo bimestre com os demais professores da área e quinzenal na minha escola. Em casa planejo cada aula que vou exercer, sempre busco os recursos didáticos de forma que possibilite uma aprendizagem maior dos alunos.
P3	Planejo aulas por meio de planos semanais. Utilizamos vários recursos didáticos
P4	Primeiro analiso o público alvo, em seguida faço a escolha do tema e conteúdo a ser abordado e definido as habilidades que serão desenvolvidas pelos alunos. Com relação a recursos didáticos, meu componente curricular, ele necessita diariamente de materiais didáticos e cabe a mim como profissional da área disponibilizar, criar tais materiais (adaptados) junto com meus alunos para que nossa aula seja concluída.
P5	Planejo utilizando os diversos recursos que disponho. Pois, o currículo é flexível e precisamos utilizar recursos para tornar a aula mais dinâmica e interessante.

Fonte: Pesquisa de Campo

É importante destacar que todas as respostas dos professores das escolas do campo são bastante pertinentes, pois trazem novas maneiras de aprimorar continuamente o ensino. Com base nessa análise, percebe-se que os docentes aperfeiçoam e planejam suas aulas considerando as especificidades de seus alunos. Eles buscam desenvolver suas práticas de forma criativa e envolvente, com o objetivo de oferecer um ensino de qualidade que desperte o interesse dos estudantes e contribua para o desenvolvimento de suas habilidades.

No quadro 3, percebemos que a inserção de recursos didáticos no planejamento, indicada pelos colaboradores P4 e P5, tem como objetivo promover uma aula mais atrativa por meio do uso desses recursos. Eles reconhecem que o planejamento das aulas, aliado à incorporação desses métodos, é essencial para o desenvolvimento dos alunos. Uma boa aula não é aquela que utiliza sempre o mesmo método, mas sim aquela que se atualiza e adapta o ensino de acordo com o contexto em que o aluno está inserido. Além disso, busca proporcionar uma aula que promova o desenvolvimento construtivo de todos os envolvidos nesse processo.

Para alcançar melhor nossos objetivos, foi feita a seguinte pergunta aos participantes: Qual é a importância dos recursos didáticos para facilitar o processo de ensino-aprendizagem dos conteúdos em sala de aula?

Quadro 4 – Recursos Didáticos Como Facilitador

Colaboradores	Facilitador
P1	Relevante
P2	Com os recursos didáticos os alunos assimilam melhor os conteúdos, desenvolvendo suas criatividade e concepções acerca dos assuntos abordados
P3	Os recursos estão ligados diretamente ou indiretamente ao conteúdo.
P4	É importante para que o discente assimile o conteúdo trabalhado.
P5	Acredito que não tem como ministrar uma aula sem utilizar algum recurso.

Fonte: Pesquisa de Campo

De acordo com o Quadro 4, percebe-se a importância da utilização de recursos didáticos na elaboração e explicação dos conteúdos. É fundamental que o recurso didático escolhido facilite a compreensão do tema e esteja diretamem-

te relacionado à temática abordada, bem como ao contexto dos alunos. Por isso, é essencial que o professor disponha de uma variedade de recursos didáticos que contemplem diferentes temas.

Nesse sentido, Parra (1985) destaca que o uso de recursos didáticos valoriza elementos simples, como sons, imagens, construção de maquetes, brincadeiras e materiais lúdicos. Isso ocorre porque, ao utilizar diferentes tipos de recursos, o professor não apenas torna a aula mais interessante e minimiza a monotonia frequentemente associada ao ensino tradicional, mas também promove melhores resultados no processo de aprendizagem.

Portanto, é extremamente importante destacar que o papel do professor é planejar suas aulas considerando as dificuldades dos alunos e adotando uma perspectiva mais ampla em relação à diversidade. É por meio dessa abordagem que os professores podem desenvolver novas estratégias e métodos para estimular a interação e o engajamento dos alunos com os temas propostos. Somente dessa forma, os alunos envolvidos poderão se sentir parte integrante da aula. Além disso, surge mais uma questão relacionada ao uso dos recursos didáticos: quais são os recursos didáticos mais utilizados em suas aulas?

Quadro 5 – Recursos Didáticos mais utilizados

Colaboradores	Recursos Didáticos
P1	<i>Jogos, brincadeiras, dinâmicas, pois os alunos aprendem melhor as temáticas.</i>
P2	<i>Livros, cartazes, textos, desenhos, gravuras, gráficos, data - show, filmes, retroprojetor, slides, quadros, mural e modelos. Utilizo esses recursos, porque são mais disponíveis na escola que leciono.</i>
P3	Livros, didáticos, vídeos, filmes, notebook, projetor.
P4	Slides, vídeos, imagens, textos informativos, para praticarmos leitura e objetos como exemplos. Por que acredito que isso ajuda e facilita o processo de aprendizagem
P5	Livro didático, cartaz, som, TV, lousa, pincel para quadro, xerox, vídeos, material dourado, ábaco, jogos...

Fonte: Pesquisa de Campo

Como podemos observar no Quadro 5, todos os professores utilizam diversos recursos didáticos para facilitar o aprendizado dos alunos em suas aulas. Os mais recorrentes são aqueles relacionados às áreas tecnológicas, como slides, vídeos e projeções. De modo geral, reconhece-se que esses materiais, além do livro didático, são de grande auxílio para a aprendizagem, pois tornam mais acessível o entendimento de conteúdos específicos, contribuindo significativamente para o processo de ensino.

Dessa forma, é fundamental compreender e analisar as metodologias que levam os professores a escolherem e utilizarem determinados recursos didáticos em sala de aula. Cada metodologia apresenta um leque diversificado de possibilidades e horizontes, permitindo que os alunos explorem esses recursos de maneiras variadas.

Em relação a essa questão, Formosinho e Niza (2001) ressaltam que a formação inicial tem como objetivo proporcionar aos candidatos à docência uma formação pessoal e social que integre informações, métodos, técnicas, atitudes e valores científicos, pedagógicos e sociais adequados ao exercício da função de professor. Mesmo assim, a formação inicial é apenas o início de um processo contínuo de atualização e desenvolvimento profissional. Não podemos esquecer que, embora cada professor tenha respostas diferentes, cada um, à sua maneira, compreende a importância dos recursos didáticos na aprendizagem e como sua utilização pode melhorar o desempenho dos alunos.

Pacheco, no prefácio da obra *Formação de Professores e Identidade Profissional* de Braga (2001), afirma que a complexidade das exigências impostas pela sociedade tende a aumentar, uma vez que vivemos em um contexto no qual, infelizmente, os docentes e a escola, de certa forma, assumem uma posição de tomada de decisão frente aos problemas históricos e sociais enfrentados por cada sociedade. Para aprofundarmos e compreendermos melhor esse ponto, foi feita a seguinte pergunta aos participantes: “Você utiliza algum recurso didático para explicar os conteúdos? Se sim, quais são os recursos e como eles são aplicados?”

Quadro 6 – Aplicação dos Recursos Didáticos

Colaboradores	Aplicação dos recursos
P1	Músicas, vídeos e leitura de vários gêneros
P2	Utilizo sempre em matemática, materiais concretos como dominó educativo, material dourado, a dama, o ábaco, material de frações. Utilizo os materiais de acordo com o conteúdo abordado, o dominó é quando tenho atividades com as quatro operações. Divido os alunos em grupos de quatro com e faço os jogos do dominó com eles, assim como o material de frações, a dama eu faço plano cartesiano, mostrando a associação entre o assunto e o jogo. Material dourado e ábaco são feitos nos conteúdos de que são adequados à aprendizagem do sistema de numeração decimal e das operações básicas com números naturais
P3	Sim. Livros didáticos, com exercícios, vídeos explicativos. Aula prática
P4	Sim. Vídeo aula e slides são os mais utilizados nas minhas aulas.
P5	Sim. Utilizo vídeos na TV para complementar o conteúdo que foi explicado oralmente. Utilizo cartazes para introduzir um conteúdo. Utilizo o material dourado para que eles manipulem e aprendam o conteúdo de forma prática.

Fonte: Pesquisa de Campo

O P1 utiliza materiais variados e práticos, enquanto o P2 apresenta um detalhamento preciso de todos os materiais empregados, das metodologias adotadas e dos momentos em que os jogos são mais adequados. Esse cuidado em detalhar suas práticas e a forma como elas são realizadas demonstra competência e comprometimento com seus alunos, bem como com sua atuação na área.

Ao analisar os itens P3, P4 e P5, podemos identificar que eles utilizam amplamente materiais tecnológicos e jogos de tabuleiro para complementar o ensino, o que gera inúmeros aspectos positivos em relação à qualidade do aprendizado oferecido. A utilização desses recursos proporciona a estimulação sensorial dos alunos, contribui para a manutenção da atenção e promove uma maior assimilação dos conteúdos apresentados.

De maneira geral, quando os professores incorporam uma ampla variedade de materiais didáticos em suas aulas, demonstram um compromisso com a qualidade do ensino e oferecem práticas educativas mais ricas, dinâmicas e personalizadas. Diante disso, surge o seguinte questionamento: quais recursos didáticos você considera essenciais para o ensino atual?

Quadro 7 – Recursos Didáticos Essenciais

Colaboradores	Recursos Essenciais
P1	Aqueles que os alunos ficam mais envolvidos.
P2	Jogos didáticos, o uso das tecnologias, o livro ainda é uma. ferrame
P3	Livros, cadernos, notebook, projetor.
P4	Por não ter livros disponíveis para o aluno (no meu componente curricular), acredito que data - show, slides, textos informativos para praticar leitura e imagem, são os que eu considero essenciais para o ensino e aprendizagem do aluno.
P5	Todos os recursos bem utilizados são essenciais.

Fonte: Pesquisa de Campo

Podemos analisar, com essas respostas, a valorização da participação e do envolvimento dos alunos, buscando estratégias que os mantenham interessados no processo de ensino-aprendizagem. Além disso, destaca-se a utilização de materiais variados, como livros e cadernos tradicionais, notebooks e projetores, evidenciando uma abordagem equilibrada e integrada nos métodos de ensino. Ao observar cada resposta, percebe-se a importância do livro como uma ferramenta indispensável, mesmo diante do avanço das tecnologias educacionais.

Essa combinação demonstra uma visão abrangente sobre as diferentes formas de acesso ao conhecimento. Além disso, ao afirmarem que todos os recursos, quando bem utilizados, são essenciais, os professores destacam a importância da adequação e da eficácia na utilização dos materiais didáticos. Ter essa consciência sobre a relevância da qualidade ressalta a questão do comprometimento já mencionada anteriormente. Diante disso, surge mais um questionamento: quais são os principais desafios ao utilizar recursos didáticos no processo de ensino?

Quadro 8 –Desafios

Colaboradores	Desafios
P1	Material disponível
P2	Pouco material disponível, excesso de trabalho burocrático e problemas com necessidade de soluções imediatas, ficando escasso o tempo para orientação do trabalho pedagógico junto ao professor, dificuldade em colocar em prática a proposta do PPP, no que diz respeito à reflexão-ação-reflexão, desenvolvido pela escola e concretizado em sala de aula.
P3	Material de apoio insuficiente, exemplos: material dourado, régua de cálculos, etc.
P4	No meu caso como se faz necessário usar esse recurso quase que diariamente, organizar o aparelho em tempo recorde é um desafio, já que não se tem uma sala específica com o data - show para que ele ficasse conectado permanentemente, o que facilitaria levar a turma até lá e conseqüentemente não perderia alguns minutos de aula.
P5	O desafio é fazer com que a criança adquira o conhecimento de forma lúdica e eficaz

Fonte: Pesquisa de Campo

Diante disso, é importante destacar que, infelizmente, os recursos didáticos oferecidos como suporte aos professores para ministrar suas aulas são insuficientes. Frequentemente, os docentes acabam adquirindo materiais com recursos próprios para tornar suas aulas mais atrativas para os alunos. Isso ocorre porque, mesmo havendo alguns materiais didáticos disponíveis na escola, eles não são suficientes para atender a todas as demandas das diferentes disciplinas e de todos os professores.

Diante das informações obtidas nas respostas dos professores, percebe-se que, apesar de haver conceituações propostas pelo corpo docente e gestores no Projeto Político-Pedagógico (PPP) sobre os objetivos e metas a serem alcançadas, ainda existem desafios. Ao analisar o PPP de uma das escolas, nota-se que tanto a gestão escolar quanto os professores se empenham em oferecer um ensino de qualidade. Mesmo enfrentando a falta de subsídios materiais para a produção de recursos didáticos, eles buscam constantemente criar um ambiente acolhedor, fazendo com que os estudantes se sintam incluídos e pertencentes ao convívio educacional.

Para um melhor aproveitamento do tempo durante as aulas, ambas as escolas deveriam dispor de salas específicas destinadas a momentos diferenciados, como, por exemplo, uma sala equipada com computadores à disposição dos alunos e professores, permitindo um desenvolvimento mais eficiente das atividades que demandem o uso de recursos tecnológicos.

Além disso, seria ideal contar com uma sala equipada com data-show permanentemente disponível para os professores, eliminando a necessidade de instalação e configuração desses equipamentos em sala de aula. Esse espaço já estaria preparado para o uso imediato, otimizando o tempo e contribuindo para um processo de ensino e aprendizagem mais eficaz.

Sem dúvida, tais medidas representariam um grande avanço para a construção do conhecimento e o desenvolvimento dos alunos. Diante disso, surge um questionamento: como os recursos didáticos podem ser adaptados para atender às necessidades de diferentes estilos de aprendizagem?

Quadro 9 - Recursos adaptados

Colaboradores	Recursos adaptados
P1	Conhecer os alunos de forma integral.
P2	Trabalhamos com um público diferenciado, temos que ter consciência de que os recursos didáticos precisam ser adaptados para atender a todos. Quando trabalhava na educação de jovens e adultos, sempre fazia diversos planejamentos, com o intuito de atingir os alunos que tinham maiores dificuldades de aprendizado.
P3	Adaptando de acordo com a necessidade. Exemplos: livros com letras maiores para alunos com deficiência visual.
P4	Através da utilização de diferentes tipos de materiais.
P5	Sabemos que cada pessoa é única e sua aprendizagem também. O professor ministra sua aula, mas cada aluno tem seu ritmo para aprender. Sendo assim cabe ao professor conhecer seu aluno e adaptar as atividades.

Fonte: pesquisa de campo

Diante das falas dos professores, existem diversas formas de adaptação para atender a essas necessidades, pois cada professor possui uma maneira única de ensinar, mesmo utilizando os mesmos recursos didáticos. Da mesma

forma, cada aluno apresenta uma forma singular de aprendizado. Portanto, é fundamental que todos os professores conheçam bem seus alunos. Esse conhecimento facilitará o desenvolvimento das aulas e do processo de aprendizagem, considerando que cada aluno tem características específicas, como identidades, dificuldades, vivências, bloqueios, entre outras.

Se o professor compreender as particularidades de cada aluno, será mais fácil aplicar os recursos didáticos em sala de aula, otimizando tanto a implementação quanto o desenvolvimento do aprendizado e da compreensão dos estudantes. Contudo, a realidade de cada escola, professor e aluno é bastante diversa. Por esse motivo, os recursos didáticos nem sempre estão disponíveis ou são adequados para serem utilizados. Assim, é essencial que os professores estejam cientes das condições de trabalho em seu contexto e das necessidades específicas de seus alunos.

Com base no relato desses professores, é fundamental que o professor e o aluno tenham uma boa convivência e um conhecimento básico de cada sujeito, pois, dessa forma, será mais fácil trabalhar com eles. Quanto à escola, é de grande importância que todos os professores tenham suporte para desenvolver suas aulas e acesso aos recursos didáticos necessários para oferecer uma aula de boa qualidade aos seus alunos. E, em relação aos recursos didáticos, quais são as vantagens do seu uso no ensino?

Quadro 10- Vantagens

Colaboradores	vantagens
P1	Só vejo vantagens
P2	As vantagens seriam o interesse dos alunos, o desenvolvimento de suas atividades, contato com diversos materiais diferentes, assimilar um pouco o ensino tradicional. As desvantagens são a falta de infraestrutura, falta de formação do professor.
P3	Sem resposta.
P4	Não vejo desvantagens, muito pelo contrário. Utilizar recursos didáticos no processo de ensino-aprendizagem é importantíssimo para que o aluno assimile o conteúdo proposto.
P5	Não vejo desvantagens. Todo recurso didático se bem vantajoso para que ocorra a aprendizagem.

Fonte: Pesquisa de campo

Os professores estão cada vez mais utilizando recursos didáticos em sala de aula, pois essa prática tem sido adotada ao longo do tempo, apresentando resultados cada vez mais positivos. Segundo as respostas dos professores entrevistados, o uso de recursos didáticos no ensino oferece muitas vantagens, pois desperta o interesse dos alunos pelas aulas, favorecendo a aprendizagem, o desenvolvimento, a criatividade, o contato com materiais diversos e a assimilação do ensino tradicional. Apesar disso, ainda existem professores que não utilizam recursos didáticos em suas aulas, com o objetivo de proporcionar material de aprendizagem que desperte no aluno a curiosidade, o desempenho e o conhecimento por meio de uma didática diferenciada.

A maioria dos professores vê nos recursos didáticos um processo de ensino-aprendizagem de grande importância para o desenvolvimento dos alunos. Assim, eles adquirem melhor seus conhecimentos e assimilam os conteúdos com maior positividade. Diante dos resultados, a utilização de recursos didáticos no ensino é essencial. Portanto, os professores precisam contar com uma base de qualidade para obter os materiais, sendo fundamental a formação e capacitação de todos os educadores, para que possam, cada vez mais, desempenhar um bom trabalho no desenvolvimento do ensino e aprendizado de seus alunos.

Com base nas análises realizadas, qual é a importância da diversificação de recursos educacionais didáticos para o engajamento dos alunos?

Quadro 11- Engajamento

Colaboradores	Engajamento
P1	As aulas se tornam mais atrativas, com isso os alunos assimilam melhor as temáticas.
P2	Um bom recurso didático, bem como sua diversificação, auxilia na aprendizagem dos docentes.
P3	Recursos adaptados aos alunos de acordo com as aulas.
P4	Por serem ferramentas que auxiliam no processo de ensino não só do aluno como também do próprio professor, explorar diferentes meios de recursos é essencial nos dias atuais visando a melhor compreensão dos conteúdos abordados.
P5	Quanto mais diversificado a curiosidade aumenta e o interesse também.

Fonte: Pesquisa de Campo

Isso proporcionará aos mesmos uma variedade de atividades e abordagens de ensino, oferecendo aulas atrativas com o intuito de que os alunos possam compreender melhor as temáticas desenvolvidas nas aulas. Conforme mencionado pelo Pr2: ‘Um bom recurso didático, bem como sua diversificação, auxilia na aprendizagem dos docentes.’ Diante desse relato, está comprovado que os recursos didáticos escolhidos e utilizados pelos docentes em sala de aula possuem grande relevância no desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem e têm como principais objetivos: facilitar, estimular e enriquecer a vivência diária dos professores e alunos.

Os professores devem destacar que os recursos precisam ser adaptados aos alunos, de acordo com as temáticas abordadas nas aulas. No entanto, essas ferramentas têm o objetivo de auxiliar e explorar diferentes meios de recursos, proporcionando maior visibilidade nas práticas didáticas atuais, o que possibilita uma melhor compreensão por parte dos alunos. Dessa forma, os alunos se tornam mais motivados e interessados em participar das aulas, o que resulta em um ambiente de aprendizagem mais dinâmico e interativo, onde se sentem valorizados e envolvidos no processo de aprendizado.

A educação nas comunidades rurais no Brasil ainda tem muito a se desenvolver. A falta de políticas educacionais voltadas para esse fim caracteriza a desvalorização do homem do campo, limitando a vida de seus filhos. Uma das questões mais consistentes é a falta de estrutura nos transportes escolares, as péssimas condições das estradas, especialmente no período de chuva, e as instalações precárias das escolas. Diante disso, foi questionado como os recursos didáticos podem ser adaptados para a realidade e as necessidades específicas da educação no campo.

Quadro 12- Adaptação dos recursos

Colaboradores	Adaptação dos recursos
P1	Conhecendo a realidade dos alunos e comunidade. Mas infelizmente a educação do campo enfrenta muitos desafios, principalmente nos tempos de chuva.
P2	Todo material didático que utilizo, não precisa de adaptação para a educação do campo, ele já contempla em sua maioria das vezes quando percebo que precisa retratar melhor o contexto do campo, busco outros subsídios, trabalho muito a realidade do aluno e com os conteúdos abordados.

P3	Sem resposta
P4	É adotar metodologias de acordo com a realidade dos estudantes. Sempre buscando a melhor compreensão do público alvo.
P5	Acredito que hoje mesmo sendo a escola do campo, dispõe de tecnologia para que os recursos sejam pensados e aplicados da melhor forma possível.

Fonte: Pesquisa de Campo

Através da abordagem discutida pelos professores entrevistados, os recursos didáticos podem ser adaptados para atender às necessidades e à realidade dos alunos, quando necessário, pois isso dependerá da temática abordada na aula. Segundo o Pr2: “Todo material didático utilizado não precisa de adaptação para a educação do campo, ele já a contempla. Na maioria das vezes, quando percebo que é necessário retratar melhor o contexto do campo, busco outros subsídios. Trabalho muito com a realidade do aluno e com os recursos abordados.” Diante dessa fala, é viável concluir que é de grande importância adotar metodologias de acordo com a realidade dos alunos, proporcionando uma contextualização de aprendizagem que assegure um ensino de qualidade. O uso dos recursos didáticos deve respeitar e valorizar a realidade dos alunos do campo, desenvolvendo um ensino que atenda às necessidades específicas da educação no campo.

Sendo assim, o objetivo é caracterizar a forma como será abordada a temática da aula, os materiais utilizados e como será desenvolvido o recurso didático com os alunos. Salienta-se que é fundamental caracterizar a organização do trabalho pedagógico nas escolas do campo, tendo em vista que o principal objetivo é identificar os tipos de materiais e recursos didáticos disponíveis nas escolas do campo, para que esses recursos sejam pensados e aplicados da melhor forma possível para os alunos do/no Campo.

Considerando a importância da contextualização dos recursos didáticos na realidade dos estudantes, é primordial que, ao utilizar esse recurso tão imprescindível, o professor esteja ciente de que, certamente, estará mais propenso a alcançar êxito na preparação de seus alunos, não apenas no âmbito conceitual, mas também preparando-os para toda a vida. E qual seria, então, a importância da contextualização dos recursos didáticos nesse contexto?

Quadro 13 - Contextualização

Colaboradores	Contextualização
P1	É importante, pois permite que o aluno perceba que os conteúdos são ferramentas que os prepara para enfrentar o mundo, permitindo-lhes resolver situações de maneira mais eficaz na sua realidade.
P2	É uma forma de aprendizado integral, contextualizar os recursos didáticos com a realidade do docente e dar sentido ao que ele está acostumado a viver e demonstra de forma educacional sua origem e aproxima o conteúdo de forma com suas vivências, tornando o ensino significativo para eles.
P3	Sem resposta.
P4	Aproximar a realidade do aluno com os assuntos abordados, desperta a atenção e o interesse dos mesmos, pois eles se sentem valorizados e se identificam mais com o que está sendo estudado.
P5	É de suma importância que o professor disponha do recurso e este esteja relacionado ao objetivo que o processo de ensino aprendizagem.

Fonte: Pesquisa de Campo

Entretanto, com a análise da questão acima, pode-se observar que o uso da contextualização dos recursos didáticos na realidade dos alunos se destaca. Caso seja proporcionada uma contextualização com o intuito de melhorar a aprendizagem dos alunos, visando à procedência de vivências pessoais e dos acontecimentos do contexto deles, será possível abordar as dificuldades, problemáticas e particularidades desses sujeitos. Os recursos didáticos são ferramentas que contextualizam a realidade dos alunos, relacionadas ao processo de ensino/aprendizagem, preparando-os para enfrentar o mundo e permitindo-lhes o desenvolvimento e a construção da identidade, em que o aluno terá uma preparação eficaz de saberes para resolver e lidar com a sua realidade.

Segundo o P4, aproximar a realidade do aluno dos assuntos abordados desperta sua atenção e interesse, pois ele se sente valorizado e se identifica mais com o que está sendo estudado. Considerando as observações feitas, é de grande importância que os professores utilizem em sua metodologia de ensino uma contextualização com seus recursos didáticos, de forma que esses estejam relacionados aos objetivos e às necessidades dos alunos, além de contribuir para o processo de ensino-aprendizagem e para a construção e formação dos sujeitos.

CONSIDERAÇÕES

Os recursos didáticos são utilizados para facilitar o processo de ensino-aprendizagem dos alunos. Percebe-se que a combinação de diferentes estratégias é essencial na construção dos recursos didáticos a serem utilizados em sala de aula para explicar determinadas temáticas.

Diante de tudo o que foi ressaltado ao longo da construção da pesquisa, é importante destacar que esses recursos didáticos são de suma importância, pois tornam as aulas mais dinâmicas e participativas, incentivando o envolvimento dos alunos e seu desenvolvimento contínuo em determinados assuntos. Isso facilita a assimilação de grande parte dos conteúdos propostos.

Durante a pesquisa, foram feitas as seguintes perguntas: Quais os recursos didáticos utilizados pelos professores das escolas do campo em sala de aula? Como esses recursos são empregados na mediação das atividades docentes? De que maneira esses recursos contribuem para o processo de ensino-aprendizagem nas escolas do campo?

De acordo com os resultados, identificamos que os recursos didáticos mais presentes nas escolas do campo são: livros didáticos, cartazes, lousa, pincel para quadro, jogos confeccionados pelos próprios professores(as), brincadeiras, dinâmicas, data show, entre outros. Diante dessa ênfase, é importante abordar como esses recursos didáticos são utilizados na mediação da atividade docente.

De acordo com a fala do professor de Matemática, ele destaca que costuma utilizar materiais concretos, como dominó educativo, material dourado, dama, ábaco e materiais para frações, sempre de acordo com o conteúdo abordado. Nesse contexto, ele utiliza o jogo de dominó quando há atividades relacionadas às quatro operações. Para um melhor aproveitamento, o professor divide os alunos em grupos de quatro e realiza o jogo com eles. Da mesma forma, com os materiais de frações e a dama, ele constrói um plano cartesiano, mostrando a associação entre o conteúdo e o jogo. O material dourado e o ábaco são usados para trabalhar conteúdos relacionados ao sistema de numeração decimal e às operações básicas com números naturais.

Para um maior aprofundamento, uma das professoras destaca que utiliza vídeos na TV para complementar o conteúdo que foi explicado oralmente. Ela também faz uso de cartazes para introduzir um tema e emprega material dourado, permitindo que os alunos o manipulem e aprendam o conteúdo de forma prática.

Verificamos que as escolas não dispõem dos materiais necessários para a construção dos recursos didáticos. Em diversas situações, para proporcionar aulas mais dinâmicas, os professores precisam arcar com os custos, a fim de contemplar suas aulas com recursos didáticos que contribuam para o desenvolvimento educacional de todos os envolvidos. Dessa forma, é possível proporcionar aulas mais proveitosas e enriquecedoras, influenciando os alunos a desenvolverem suas habilidades por meio do uso desses recursos.

Portanto, a utilização desses recursos didáticos na sala de aula pode tornar os alunos mais criativos, despertando sua curiosidade e permitindo que tanto os professores quanto os alunos aprendam com os recursos disponíveis durante cada aula, propondo uma nova forma de pensar. Esse método de ensino irá contemplar novas formas de aprender, novas maneiras de pensar, refletir e interpretar. Além disso, é por meio desses recursos que os estudantes desenvolverão mais curiosidade e vontade de aprender, fazendo com que, mesmo com poucos recursos disponíveis, a diferença seja notável. Isso resultará em um ensino de qualidade, facilitando cada vez mais o processo de aprendizagem para todos os envolvidos.

REFERÊNCIAS

BASTOS, K. M. de; FARIA, J. C. N. de M. **Aplicação de modelos didáticos para a abordagem da célula animal e vegetal: um estudo de caso.** 2011. Disponível em: <https://www.conhecer.org.br/enciclop/2011b/multidisciplinar/aplicacao%20de%20modelos.pdf>. Acesso em: 19 jul. 2024.

BRAGA, F. **Formação de professores e identidade profissional.** Coimbra: Quarteto Editora, 2001. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/>. Acesso em: 21 jul. 2024.

COSTOLDI, Rafael; POLINARSKI, Celso Aparecido. **Utilização dos recursos didático-pedagógicos na motivação da aprendizagem.** In: *I Simpósio Internacional de Ensino e Tecnologia*, 2009.

DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. e colaboradores. **O planejamento da pesquisa qualitativa: teoria e abordagens**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2006.

FERREIRA, S. M. M. **Os recursos didáticos no processo de ensino-aprendizagem: estudo de caso da escola secundária Cónego Jacinto**. 2007. 69 f. Monografia (Bacharelado em Ciências da Educação e Práxis Educativa) - Universidade Jean Piaget de Cabo Verde, Grande Cidade da Praia, Santiago, Cabo Verde, 2007.

FORMOZINO, J.; NIZA, S. **Iniciação à prática profissional: a prática pedagógica na formação inicial de professores**. Lisboa: INAFOP, 2001. Disponível em: https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/28980/1/ulfp025548_tm_tese.pdf. Acesso em: 13 set. 2024.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**. 11. ed. São Paulo: Hucitec, 2008.

PARRA, N.; PARRA, I. C. C. **Técnicas audiovisuais de educação**. 5. ed. São Paulo: Pioneira, 1985.

PESSOA, A. C. R. G.; LINO, L. de G.; SILVA, C. E. da. **O uso de jogos no ciclo de alfabetização: estratégias desenvolvidas por docentes em processo de formação**. In: *Anais II Congresso Brasileiro de Alfabetização: Políticas públicas de alfabetização*, Recife, 2015.

PARRA, N. **Didática: dos modelos à prática de ensino**. *Anais do 3º Seminário - A Didática em Questão*, v. 1, p. 80-102, 1985.

PASSOS, Cármen Lúcia Brancaglion. **Materiais manipuláveis como recursos didáticos na formação de professores de matemática**. In: LORENZATO, Sérgio. *Laboratório de Ensino de Matemática na Formação de Professores* (p. 77-92). Campinas: Autores Associados, 2006.

Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio. Brasília: SEMT, 2000. Disponível em: <https://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/blegais.pdf>. Acesso em: 13 set. 2024.

RÊGO, Rômulo Marinho; RÊGO, Rogéria Gaudêncio. **Desenvolvimento e uso de materiais didáticos no ensino de matemática**. In: LORENZATO, Sérgio. *Laboratório de Ensino de Matemática na Formação de Professores* (p. 39-56). Campinas: Autores Associados, 2006.

SOUZA, S. E. **O uso de recursos didáticos no ensino escolar.** *I Encontro de Pesquisa em Educação*, Arq. Mudi, 11 (Supl.2), p. 10-4, 2007.

SILVA, Ivanna Nunes Monterazo; ALVES, Jully Viviane de Albuquerque; BARRETO, Carla Joana Santos. **Maquetes e jogos educativos como recursos didáticos para o ensino da Vulcanologia no ambiente escolar.** *Terra Didática*, Campinas, SP, v. 19, n. 00, p. e023008, 2023. DOI: 10.20396/td.v19i00.8671756. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/td/article/view/8671756>. Acesso em: 19 jul. 2024.

CAPÍTULO 7

MAPEAMENTO DOS RECURSOS DIDÁTICOS UTILIZADOS NAS AULAS DAS CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS EM DUAS ESCOLAS CIDADÃS INTEGRAIS TÉCNICAS NO CARIRI PARAIBANO

Mylena Vicente da Silva
Michele Maria Vieira Sousa
Raiane Silva Lima
Elielma Trajano de Melo
Fabiano Custódio de Oliveira
Doi: 10.48209/978-65-5417-459-7

INTRODUÇÃO

Este artigo foi desenvolvido em virtude das ações realizadas pelo programa PET/CDSA/UFCG Gestão Pública, Política e Cidadania. No programa, nossas atividades são fundamentadas nos três pilares da educação: Pesquisa, Ensino e Extensão. Nesse contexto, uma das atividades realizadas no primeiro semestre de 2024 foi a realização de uma pesquisa com o tema "Uso dos recursos didáticos por professores das Ciências Humanas e Sociais no ensino médio". A partir disso, inicialmente, surgiram alguns questionamentos: Como os professores utilizam os recursos didáticos em sala de aula? Esses recursos são utilizados de forma adequada? A escola contribui para a construção e confecção dos recursos didáticos? Esses recursos utilizados contribuem para a formação dos alunos?

O objetivo geral é identificar e analisar como os recursos didáticos são utilizados pelos professores nas aulas de Ciências Humanas e Sociais nas Escolas Cidadãs Integrais (ECITs) dos municípios de Livramento e Prata, no estado da Paraíba. Também são objetivos específicos: mapear os principais recursos didáticos utilizados pelos professores nas aulas de Ciências Humanas e Sociais

e compreender como o uso desses recursos pode contribuir para o processo de ensino e aprendizagem nas aulas.

De acordo com Eichner et al. (2019), ao planejar sua aula, o professor deve, antes de tudo, buscar conhecer as dificuldades apresentadas pelos alunos, para que consiga alcançar êxito no que foi programado. Isso porque, quando um assunto é abordado apenas para cumprir o horário da aula, ele não contribui para a aprendizagem do aluno e, além disso, desmotiva a frequência às aulas. Dessa forma, o mesmo cuidado deve ser tomado ao criar ou utilizar um recurso didático. Primeiramente, é necessário observar se o recurso se adequa à aula planejada e como ele pode contribuir para o desenvolvimento das habilidades dos alunos. Muitos acreditam que basta pegar qualquer material e usá-lo na aula, porém, não é bem assim. Se o recurso didático for utilizado de maneira inadequada, em vez de ajudar o aluno, pode prejudicar ainda mais seu desempenho.

Souza (2007) sugere que utilizar recursos didáticos no processo de ensino-aprendizagem é importante para que o aluno assimile o conteúdo trabalhado, desenvolvendo sua criatividade, coordenação motora e habilidade de manusear objetos diversos, os quais poderão ser utilizados pelo professor na aplicação de suas aulas. Podemos comparar uma criança que utiliza jogos educativos e assiste a desenhos que estimulam sua fala e coordenação com uma criança que não faz uso dessas ferramentas. Ao chegar em sala de aula, qual delas estará mais avançada? É claro que aquela que fez uso dos recursos. Mesmo assim, os jovens e adolescentes inseridos no ensino médio aprendem mais quando são estimulados.

É notório que o uso de recursos contribui para a evolução do aluno, pois fica mais fácil assimilar algo quando temos exemplos concretos, a partir do contato com algo prático. Isso não desconsidera a explicação do professor, que é essencial e também um recurso importante para a formação teórica do aluno. No entanto, se esse conteúdo for agregado a um recurso didático, como vídeos, por exemplo, aprimora ainda mais a memória do aluno, deixando o aprendizado gravado em sua mente.

Quirino (2011) defende que esses recursos são responsáveis por compor o ambiente de aprendizagem em sua totalidade, estimulando o aluno e desper-

tando seu interesse. Com isso, favorece-se o desenvolvimento da capacidade de percepção e observação, além de aproximar o aluno da realidade. No entanto, como foi citado anteriormente, o recurso didático só trará resultados se for bem utilizado, com foco nas particularidades dos alunos, pois cada um possui seu tempo de aprendizagem e sua forma de assimilar os conteúdos. Portanto, é necessário que esse processo estude bem os alunos e saiba aplicar as estratégias da melhor forma possível.

REFERENCIAL TEÓRICO

O âmbito educacional, assim como outras esferas da sociedade, ao longo do tempo e com a chegada de novas tecnologias, tem passado por algumas transformações, como a utilização de data show e televisão. Embora esses recursos não sejam usados com frequência, já estão inseridos nas escolas. Atualmente, tem crescido a necessidade de incorporar cada vez mais recursos didáticos dentro dos muros das escolas. Com os constantes avanços tecnológicos, os estudantes têm cada vez mais contato com novas funcionalidades que a internet e o meio digital proporcionam. Portanto, passar a maior parte do tempo em uma sala de aula apenas ouvindo explicações de conteúdo, diante de um quadro, torna-se uma tarefa tediosa e desgastante.

De acordo com Santos e Belmino (2013, p. 2):

Na era da tecnologia, o docente tem que estar receptivo às mudanças tecnológicas, no sentido de dispor aos educandos novos recursos tecnológicos, visando um aprendizado mais condizente com o mundo atual. Mas isso nem sempre é uma tarefa fácil devido à sobrecarga de atividades a que o professor está submetido, impedindo um contato mais frequente com novos recursos didáticos.

Para a referida autora, a inserção desses recursos na sala de aula é fundamental, tendo em vista que estamos imersos na era da tecnologia e somos diariamente expostos a esses recursos. Aulas monótonas, restritas à leitura e ao discurso do docente, tornam-se cansativas. Vale ressaltar que o discurso do docente e a leitura de material didático são fundamentais, porém, quando as aulas se limitam a isso, elas se tornam exaustivas, especialmente em turmas

de adolescentes. No entanto, sabe-se que o planejamento de aulas nem sempre é uma tarefa simples, pois um professor não leciona para uma única turma, e muitas vezes nem em uma única escola. Planejar adequadamente diversas aulas é, portanto, um desafio. Além disso, realizar especializações para trazer novidades às aulas, com o objetivo de torná-las cada vez mais atraentes, também enfrenta obstáculos, devido à sobrecarga de trabalho e à falta de tempo que a maioria dos professores enfrenta.

Porém, isso não justifica a contínua realização de aulas monótonas, baseadas apenas em livros, quadros e fala. É necessário que haja um jogo de cintura no manejo das aulas, ou seja, saber utilizar os recursos didáticos; porém, estes devem estar inseridos no contexto da aula, visando alcançar um objetivo, seja para aproximar a realidade dos estudantes ou até mesmo para demonstrar na prática alguma teoria do livro didático ou conteúdo da aula.

[...] “os recursos didáticos são de fundamental importância no processo de desenvolvimento cognitivo do aluno”, uma vez que desenvolve a capacidade de observação, aproxima o educando a realidade e permite com maior facilidade a fixação do conteúdo e consequentemente, a aprendizagem de forma mais efetiva (Costoldi e Polinarski ,2009, p. 2 apud Santos e Belmiro, 2013, p.3).

Diante disso, é visível que a utilização de recursos didáticos dentro das salas de aula, além de fornecer uma flexibilidade na forma de abordar o conteúdo, traz benefícios cognitivos, a partir do momento que aproxima o conteúdo da realidade do aluno, fazendo com que o mesmo possa analisar o que está sendo trabalhado, bem como opinar, e assim favorecer um diálogo entre docente e discentes, além de proporcionar reflexões de ambas as partes, em torno da temática que está sendo abordada.

Outro fator relevante é o preparo do professor para utilizar esses recursos didáticos na sala de aulas, eles não podem ser usados aleatoriamente, mas devem estar interligados com o conteúdo da aula, devem ter um objetivo a ser alcançado naquela aula.

O professor deve ter formação e competência para utilizar os recursos didático-pedagógicos que estão ao seu alcance e muita criatividade, ou até mesmo construir juntamente com os alunos, pois, ao manipular esses

objetos a criança tem a possibilidade de assimilar melhor o conteúdo. Os recursos didáticos não devem ser utilizados de qualquer jeito, deve haver um planejamento por parte do professor, que deverá saber como utilizá-lo para alcançar o objetivo proposto por sua disciplina (Costoldi e Polinarski, 2009, p. 111 apud Souza, 2007 apud Santos e Belmino, 2013, p.5).

Posto isso, é notório a necessidade de um propósito na utilização desses recursos. Quando o autor se refere a criação de recursos didáticos, jogos educativos são um ótimo exemplo, pois a criança compreende melhor quando participa da criação daquele recurso, entendendo seu desenvolvimento, e assimilando com o conteúdo.

É fundamental para nossa pesquisa apontar por meio do referencial teórico diferentes discussões sobre o uso de recursos didáticos na área das Ciências Humanas e Sociais, como também, apresentar alguns recursos didáticos que já se mostraram eficazes como facilitadores do processo de ensino/aprendizagem no contexto escolar.

A utilização dos recursos didáticos durante o processo de ensino aprendizagem de Sociologia apresentam múltiplas e importantes funções, possibilitando também, o desenvolvimento de algumas habilidades propostas pela referida disciplina, a saber: pensamento crítico-reflexivo, desnaturalização e estranhamento dos fenômenos sociais. (Cavalcante, 2016, p. 35)

Nesse sentido, Moura (2011) aponta que os recursos didáticos visuais e audiovisuais são extremamente importantes para o contexto da aprendizagem na área de Sociologia. A partir de uma imagem, por exemplo, é possível despertar nos alunos a criticidade e a imaginação sociológica. No campo das Ciências Sociais, a prática do olhar e o contato com o mundo social por meio da visualidade tornam possível a reflexão e o levantamento de questionamentos que podem contribuir para a compreensão das problemáticas sociais. O autor sugere que, ao utilizar imagens e filmes como recursos didáticos auxiliares na prática de ensino, os docentes devem ter em mente que esses recursos não devem servir apenas como suporte para a transmissão do conteúdo e das temáticas da disciplina, ou simplesmente pelo fato de atrair os jovens com algo comum ao seu cotidiano. É necessário, principalmente, desenvolver nos alunos a capacidade

de aprender a imaginar e refletir sobre a vida social de forma crítica, sem perder a sensibilidade humana.

[...] os recursos didáticos ou de ensino, como ele prefere chamar, podem ser classificados em: recursos humanos e recursos materiais. Para este autor os recursos humanos são o professor, o pessoal da escola, os alunos e as pessoas da comunidade que participam do processo da educação. Já os recursos materiais são classificados em: gustativos; olfativos; táteis; visuais; auditivos, audiovisuais. (Karling, 1991 apud Cavalcante, 2016, p. 36)

Dessa forma, é importante destacar que ambas as duas formas de recursos didáticos também precisam ser interligados durante o processo de ensino e aprendizagem. Hoffmann (2017) aborda como o teatro pode ser um recurso didático bastante significativo para o ensino de Sociologia, isso porque este recurso assume uma ligação interdisciplinar com a arte, a partir dele os conteúdos sociológicos podem ser trabalhados pelos docentes fortalecendo o processo de ensino/aprendizagem na formação crítica e reflexiva dos alunos.

[...] o uso do jogo na história escolar é capaz de produzir uma nova relação entre professor e alunos e entre estes e o conhecimento histórico escolar na medida em que: os estudantes são motivados a autonomamente produzir o conhecimento histórico no contexto dos aspectos cooperativos e competitivos do projeto didático lúdico; e há a oportunidade para a construção do estudante/jogador enquanto sujeito ético que fala, escuta, obtém respeito sobre suas opiniões e respeita as opiniões dos colegas. (Silva, 2016 apud Silva et al., 2020, p. 384)

Diante disso, percebemos a importância dos jogos como recurso didático no ensino de história. Este recurso pode contribuir para o aprendizado e a formação humana dos discentes de forma lúdica e criativa. Segundo Savi e Ulbricht (2008), os jogos digitais começaram a ser explorados como recurso didático a partir do momento em que os pais se preocuparam com a quantidade de tempo que os filhos passavam diante das telas de videogames. Assim, esse recurso, em sua forma digital, passou a ser incorporado ao fazer pedagógico docente, como facilitador do ensino e aprendizagem, a partir da elaboração de objetivos voltados ao desenvolvimento intelectual e cognitivo dos discentes. Ainda são poucos os contextos em que os jogos digitais educacionais são utilizados, pois os professores enfrentam desafios na utilização desses jogos.

No artigo produzido por Silva; Egidio; Colete (2022) é abordado como os recursos didáticos são eficazes para trabalhar com a temática da educação ambiental. Diante disso, os autores refletem sobre a importância de construir um recurso didático a partir de materiais recicláveis: “esse processo de elaboração e aplicação do material é uma ação que pode contribuir com a motivação e o despertar da curiosidade dos estudantes durante as atividades propostas” (Macedo et al. 2019 apud Silva; Egidio; Colete, 2022, p.58). Dentre os recursos didáticos citados estão: as histórias em quadrinhos; jogos; mapas conceituais; produção de jornal, entre outros.

[...] a utilização de recursos cinematográficos pode promover um grande impacto no processo de ensino e aprendizagem, pois permite que os estudantes discutam entre si e com os professores os temas abordados no filme, como preservação e conservação da natureza, a fim de sensibilizá-los para uma mudança de atitude em relação aos problemas ambientais de forma crítica. (Moura e Santos, 2021 apud Silva; Egidio; Colete, 2022, p. 57)

Dessa forma, observamos a importância do uso de filmes como recurso didático eficiente para o debate de temáticas que estejam relacionadas aos conteúdos que serão abordados na disciplina, pois este recurso permite que os alunos possam realizar uma reflexão crítica do contexto apresentado no filme com a realidade social vivenciada.

[...] os mapas conceituais são recursos didáticos que podem ser bem explorados no ensino da EA. Além disso, é um recurso que pode ser desenvolvido tanto pelo professor quanto pelos estudantes devido à facilidade que a execução deste material apresenta e pelo enriquecimento que pode oferecer às atividades propostas. (Oliveira e Amaral, 2020 apud Silva; Egidio, Colete, 2022, p.59)

Dessa maneira, podemos observar a importância de mais um recurso didático eficaz e facilitador no processo de ensino e aprendizagem. Os mapas conceituais são um recurso excelente para desenvolvimento do conhecimento dos discentes.

Segundo Beleza (2023, p.14) “A utilização de jogos no processo de ensino e aprendizagem pode promover a construção de novas descobertas, desenvolver e enriquecer a personalidade dos alunos[...]”. Diante disso, Rodrigues et al. (2016) em sua pesquisa observou o uso e a criação de um jogo enquanto

recurso didático auxiliar para o ensino de Geografia. O recurso foi elaborado de acordo com o conteúdo Paisagens Geográficas do Rio de Janeiro e foi inspirado em um jogo já conhecido chamado de Super Trunfo, assim, as cartas foram confeccionadas pelos próprios alunos, e os critérios utilizados no jogo passaram-se no conteúdo estudado na disciplina de Geografia.

METODOLOGIA

Antes da realização da pesquisa, foi necessário realizar reuniões para garantir que tudo ocorresse corretamente. Essas reuniões contaram com a participação de todos os membros do grupo PET/CDSA, de forma presencial e, em algumas ocasiões, remota. Durante as reuniões, foram apresentadas as questões que seriam formuladas aos professores que, posteriormente, participariam da pesquisa. O tutor, juntamente com os demais petianos, fez observações sobre o questionário apresentado. Após essas observações, realizamos alguns ajustes. Ao término desses ajustes, o questionário foi enviado para cinco professores – quatro mulheres e um homem – que lecionam no ensino médio e concluíram sua formação em anos distintos.

A revisão bibliográfica contou com a busca de artigos para fundamentação teórica da nossa pesquisa, utilizamos o google acadêmico como fonte de pesquisa, buscamos os artigos a partir das seguintes palavras: Recursos didáticos+Educação+Ciências Humanas e Sociais; Recursos didáticos+Educação+Sociologia; Recursos didáticos+História; Recursos didáticos+Educação+Geografia e Recursos didáticos+Educação+Filosofia.

A pesquisa utilizada foi de caráter qualitativo, a técnica de coleta de dados utilizada foi o questionário direcionado aos professores que atuam nas aulas de Ciências Humanas e Sociais, esses professores(as) puderam explicar como a utilização dos recursos ocorrem em sala de aula.

Hartmut Günther diz:

Uma distinção mais acentuada entre a pesquisa qualitativa e a pesquisa quantitativa diz respeito à interação dinâmica entre o pesquisador e o objeto de estudo. No caso da pesquisa quantitativa, dificilmente se escuta o participante após a coleta de dados. Uma inclusão de acontecimentos e conhecimentos cotidianos na interpretação de dados depende, no caso da pesquisa quantitativa, da audiência e do meio de divulgação.

Apesar deles terem respondido de forma online, eles tiveram a liberdade de explicar como a utilização dos recursos didáticos funciona, e se os recursos ajudavam na aprendizagem dos alunos de forma significativa, pela percepção deles.

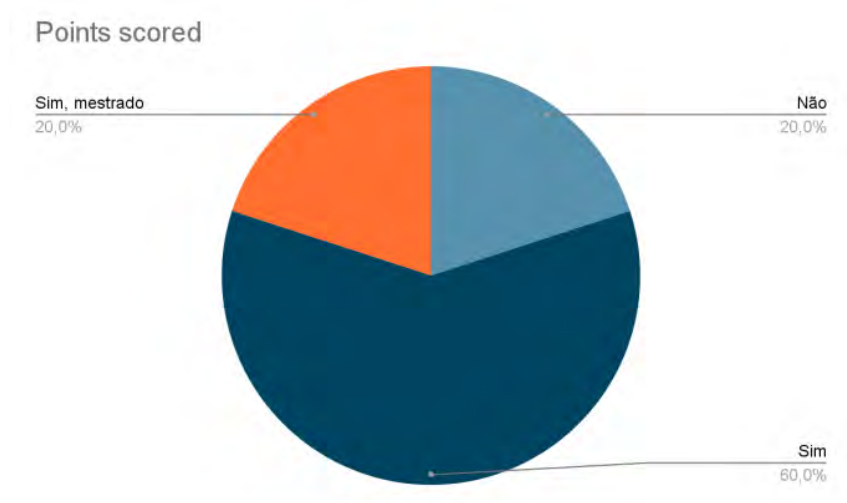
RESULTADOS E DISCUSSÃO: BREVE DIAGNÓSTICO DA UTILIZAÇÃO DOS RECURSOS DIDÁTICOS NO CONTEXTO ESCOLAR DAS ECITS

Diversos autores, como Rafael Castoldi (2009) e Regina Maria Rabello Borges (2005), apresentam publicações sobre a importância da utilização de materiais didáticos e os benefícios para a aprendizagem. Sabendo disso, nosso objetivo foi verificar se os professores das Ciências Humanas e Sociais atuantes nessas duas Escolas Cidadãs Integradas Técnicas do Estado da Paraíba (ECITs) possuem um bom leque de conhecimentos sobre o uso desses instrumentos pedagógicos e se o uso desses recursos impacta positivamente os estudantes. Para isso, foram escolhidas as seguintes questões contidas nos questionários: preâmbulo do perfil do professor: (“formação - graduação”, “ano de conclusão da graduação” e “situação profissional: docente efetivo ou temporário”); “tem pós-graduação?”; “quais recursos didáticos você costuma utilizar em sala de aula?”; “de que forma você utiliza os recursos didáticos?”; “você considera que existem algumas desvantagens no uso de recursos didáticos em sala de aula? Se sim, quais?”; “como o aluno reage ao ver que a aula terá um componente para melhor compreensão do conteúdo?”; e “você considera importante o uso de recursos didáticos como facilitador do processo de aprendizagem do aluno?”.

O formulário obteve como respondentes os docentes graduados nas licenciaturas de História, Ciências Sociais e Geografia. Os cinco professores que responderam a pesquisa se formaram do ano de 1994 a 2020. E por fim, compõe-se por um professor efetivo e por quatro professores temporários.

Iniciamos a pesquisa perguntando sobre a formação continuada dos professores atuantes nas escolas. De acordo com o gráfico 1, indica que 1 (20,0%) docente possui mestrado, 1 (20,0%) docente não possui pós-graduação e que 3 (60,0%) dos docentes possuem pós-graduação lato sensu.

Gráfico 1 - Formação Continuada



Fonte: Pesquisa de Campo

Em relação ao uso dos recursos didáticos, o Quadro 1 mostra que quatro dos docentes indicaram os recursos mais comuns, como livros, quadro e TV. Apenas a professora 4 trouxe uma variedade maior de alternativas. Observamos que a docente que respondeu a essa questão foi a única da pesquisa que cursou o mestrado. É importante considerar que, quanto maior o nível de formação, maior será também a compreensão sobre o processo educacional.

Quadro 1 - Recursos Didáticos Mais Utilizados Pelos Docentes

COLABORADORES	RECURSO DIDÁTICOS
Professor 1	Livro, TV, Data show, Lousa e etc
Professora 2	Livros, quadro, tv, artigos, pesquisas
Professora 3	Livro, Quadro, TV, Notebook
Professora 4	Livros, revistas, folders, cartazes, textos, mapas; desenhos, gravuras, gráficos, ilustrações, histórias em quadrinhos; computadores, datashow, filmes, slides, quadro, mural
Professora 5	Tv e computador e mapas

Fonte: Pesquisa de Campo.

Buscamos também entender como os docentes utilizam os recursos didáticos em suas aulas. Essas questões nos trazem indagações interessantes. Primeiramente, podemos observar no Quadro 2 que a primeira resposta, ‘depende do momento’, é evasiva e não responde à questão proposta. Isso nos leva a questionar se esse docente utiliza os recursos didáticos de forma improvisada ou se existe uma estratégia envolvida em sua didática.

Posteriormente, seguem-se três respostas nas quais os recursos didáticos são utilizados como aporte metodológico, relacionados ao conteúdo. Essa é uma postura importante, pois é essencial que os materiais pedagógicos utilizados tenham a finalidade de contribuir para a aula. É necessário que sua utilização esteja alinhada aos objetivos da aula proposta.

Quadro 2 - Forma de Utilização dos Recursos Didáticos

COLABORADORES	RECURSO DIDÁTICOS
Professor 1	Depende do momento
Professora 2	Tv, gincanas em sala de aula sobre o assunto, brincadeiras, vídeos, tudo relacionado ao conteúdo
Professora 3	Como aporte metodológico nas aulas
Professora 4	Atrelando aos conteúdos, de forma que facilite a aprendizagem e otimize a compreensão do conteúdo
Professora 5	Nas aulas dialogadas e contextualizadas

Fonte: Pesquisa de Campo

A última questão escrita diz: 'nas aulas dialogadas e contextualizadas', o que nos faz refletir sobre o que esse docente considera um material didático. Afinal, o quadro, os lápis e o livro são materiais presentes em sala de aula todos os dias e são recursos didáticos. Todos os materiais de apoio pedagógico, quando utilizados, são recursos pedagógicos.

Em seguida, ficamos instigados a descobrir se os professores consideravam a existência de desvantagens no uso desses materiais. De acordo com o Quadro 4, três dos docentes responderam que não. Um dos professores indicou que existem problemas quanto ao uso de recursos tecnológicos. Silva (2015) aponta os desafios da inserção das tecnologias em sala de aula, mas

também ressalta que seu uso pode ser uma ferramenta interessante para o estudante. Assim sendo, percebe-se que, embora existam dificuldades, trata-se de um processo que pode ser adaptado devido à demanda dos próprios alunos por tecnologia.

Quadro 3 - Você considera que existem benefícios no uso de recursos didáticos em sala de aula? Se sim, quais?

COLABORADORES	BENEFÍCIOS DOS RECURSOS DIDÁTICOS
Professor 1	Sim, todos que anteriormente citei
Professora 2	Excelente, mesmo sendo ensino médio eles sempre estão interessados em coisas novas
Professora 3	Sim, pra enriquecer a exposição dos conteúdos
Professora 4	Sim. Torna a aula mais atrativa e facilita a execução dos conteúdos
Professora 5	Sim! As aulas se tornam mais atrativas para os estudantes

Fonte: Pesquisa de Campo

Em seguida, buscamos investigar a reação dos estudantes em relação aos recursos didáticos. No Quadro 04, verificamos que as respostas dos estudantes a esse tipo de metodologia são positivas. Além disso, acreditamos que a utilização desses instrumentos seja essencial no contexto das ECITs, tendo em vista que a implementação desse modelo nas escolas paraibanas aumentou significativamente a carga horária, o que tornou as aulas mais longas e, muitas vezes, pouco atrativas pouca atrativas.

Quadro 4 - Como o aluno reage ao ver que a aula terá um componente para melhor compreensão do conteúdo?

COLABORADORES	RECURSO DIDÁTICOS
Professor 1	Acham interessante
Professora 2	De forma muito positiva
Professora 3	Se interessa pela discussão
Professora 4	Se sentem mais motivados, pois desperta a atenção dele
Professora 5	Reagiram de maneira mais participativa

Fonte: Pesquisa de Campo.

Em relação à forma como os recursos didáticos são importantes para a aprendizagem, de acordo com os professores, o quadro 5 apresenta três docentes que responderam “sim”; um respondeu “Com certeza, eles amam coisas novas” e outro escreveu “Sem dúvidas, sim”. Castoldi (2009) nos indica que os professores fazem uso dos recursos didáticos como uma alternativa para o que o ensino tradicional não consegue atender. Assim, podemos perceber que os docentes de fato se dedicam a oferecer um ensino mais apropriado, além das questões interativas.

Quadro 05: Você considera importante o uso de recursos didáticos como facilitador do processo de aprendizagem do aluno?

COLABORADORES	RECURSO DIDÁTICOS
Professor 1	Sim
Professora 2	Com certeza, eles amam coisas novas
Professora 3	Sim
Professora 4	Sim
Professora 5	Sim

Fonte: Pesquisa de Campo

É importante salientar que todos os professores pesquisados afirmaram que os estudantes possuem conhecimento sobre a relação entre os recursos didáticos e os conteúdos. Dentre os respondentes, três afirmaram que esclarecem a finalidade da utilização de recursos didáticos. Esse é um bom sinal, tendo em vista que, ao saber dessa informação, o aluno compreende que o professor não está utilizando o recurso didático apenas para tornar a aula mais divertida, nem como um improviso por não ter se preparado corretamente para a aula. Ao relatar que utilizará um recurso didático como estratégia de ensino, os estudantes se interessam mais em compreender o desenvolvimento do tema por meio do recurso.

No entanto, também é importante destacar que dois dos docentes apenas assinaram afirmando que sim, sem justificar a razão pela qual essa informação deveria ser esclarecida. Isso nos leva a questionar: será que esses docentes têm

conhecimento do motivo dessa conexão? A situação é preocupante, pois, se o professor não tiver conhecimento e, conseqüentemente, não souber explicar, o estudante poderá desenvolver outras interpretações sobre o recurso didático utilizado.

Em suma, as lacunas nas respostas desses professores evidenciam a importância da formação continuada em relação aos recursos didáticos como uma estratégia para aprimorar as metodologias educacionais. Como nos orienta Souza (2007), o docente precisa possuir competências e conhecimentos para utilizar adequadamente os recursos didáticos. Sem essas habilidades, é possível que os instrumentos sejam usados sem uma finalidade clara em relação aos conteúdos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo tem como objetivo identificar e analisar a utilização de recursos didáticos no ambiente escolar pelos professores nas áreas de ciências humanas e sociais. Na metodologia, foi possível observar todo o processo, desde o momento inicial, quando a ideia era apenas uma concepção, até a sua concretização e envio aos professores.

Na sequência, foi abordada a parte do referencial teórico, com o objetivo de fornecer fundamentos concretos ao artigo, e não apenas opiniões. A questão do uso de recursos didáticos nas escolas não é algo novo, porém, atualmente, tem ganhado maior visibilidade. Os professores estão percebendo como esses recursos podem e devem ser diversificados, com foco na melhoria da aprendizagem dos alunos. Sabe-se que, com os diversos meios de acesso à informação, os alunos podem se entediar se o(a) professor(a) utilizar apenas o quadro, livros e textos, embora estes também sejam essenciais tanto para a formação profissional quanto para o desenvolvimento pessoal, pois quem lê possui mundos inteiros em sua mente.

Os resultados da pesquisa foram apresentados e debatidos, sendo estes obtidos por meio de um questionário. Após a apresentação dos resultados, foi necessário analisar as respostas novamente, pois um professor informou que

não possuía pós-graduação, mas, em seguida, mencionou uma data de formação. Também foi preciso realizar alterações na apresentação visual, transformando o gráfico 4 em um gráfico de pizza, para melhorar a compreensão da divisão. Outro ponto observado nas respostas dos professores, no que se refere à utilização de recursos em sala de aula, foi que o uso desses recursos ainda não é tão frequente quanto deveria, o que ocorre pela falta de uma formação específica sobre recursos didáticos para esses professores de Ciências Humanas e Sociais. Embora eles saibam que essa metodologia auxilia o aluno(a) a absorver melhor o conteúdo, muitas vezes não sabem como utilizá-la, nem como adaptá-la às necessidades de cada aluno e suas especificidades.

Após a pesquisa como foi dito anteriormente, ficou claro que muitos professores não sabem como lidar com o recurso como um aliado, muitas das vezes culpam os recursos pela não aprendizagem do aluno, esquecendo-se de se perguntar, será que eu como professor(a) conseguir adaptar o recurso que eu vou usar em sala? Porque ao se fazer essa pergunta ele pode ver onde ocorreu o “erro” e assim encontrar uma solução para aquele problema. O Estado deveria ofertar uma formação específica para esses professores.

REFERÊNCIAS

BELEZA, Wemerson Sousa. **O uso de jogos e atividades lúdicas como recurso didático no ensino de Geografia.** 2023.

BORGES, Regina Maria Rabello e SCHWARZ, Vera. **O papel dos jogos educativos no processo de qualificação de professores de Ciências.** Rio de Janeiro. 2005.

CASTOLDI, Rafael et al... **A Utilização de Recursos Didático-Pedagógicos na Motivação da Aprendizagem.** I Simpósio Nacional de Ensino de Ciência e Tecnologia – 2009 ISBN: 978-85-7014-048-7. Disponível em: <https://atividadeparaeducacaoespecial.com/wp-content/uploads/2014/09/recursos-didatico-pedag%C3%B3gicos.pdf>. Acesso em: 04 jul de 2024.

CAVALCANTE, Joyce Alves. **Os significados da utilização dos recursos didáticos no processo de ensino/aprendizagem da sociologia: uma análise a partir de professores e estudantes do ensino médio.** Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal de Campina Grande. 2016.

EICHNER, Anthony Scapin et al. **Contribuições da utilização de recursos didáticos na aprendizagem de estudantes do ensino médio.** Compartilhando saberes. UFSM. 2019

GÜNTHER, Hartmut. **Pesquisa Qualitativa Versus Pesquisa Quantitativa: Está é a Questão?.** Pesquisa e teoria. Vol. 22 n.2. 2006

HOFFMANN, Gabriela. **OS CONHECIMENTOS DE POLÍTICA NA DISCIPLINA DE SOCIOLOGIA DO ENSINO MÉDIO: CONTEÚDOS, METODOLOGIAS E RECURSOS DIDÁTICOS.** V Encontro Nacional sobre o Ensino de Sociologia na Educação Básica. p.2017.

MOURA, Lisandro Lucas de Lima. **Imagem e conhecimento sobre o uso de recursos didáticos visuais nas aulas de Sociologia.** Cadernos de Pesquisa Interdisciplinar em Ciências Humanas, v. 12, n. 100, p. 159-182, 2011.

QUIRINO, V. L. **Recursos didáticos: Fundamentos de Utilização.** 2011. 31f. Trabalho de Conclusão de Curso – Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2011.

RODRIGUES, Alex de S. et al. **Produção de jogos digitais como recursos didáticos na prática pedagógica.** Revista do Seminário Mídias & Educação do Colégio Pedro II, v. 2, p. 1-4, 2016.

SANTOS, Ovídia Kaliandra Costa; BELMINO, José Franscidavid Barbosa. **Recursos didáticos: uma melhoria na qualidade da aprendizagem.** Fórum internacional de pedagogia, v. 5, p. 1-12, 2013.

SAVI, Rafael; ULBRICHT, Vania Ribas. Jogos digitais educacionais: benefícios e desafios. **Revista Novas Tecnologias na Educação**, v. 6, n. 1, 2008.

SILVA, Geiza Santos da; EGIDIO, Jonatha Anderson Fraga; COLETE, Claudia Caixeta Franco Andrade. **Educação e Meio Ambiente: um estudo bibliográfico sobre recursos didáticos.** Revista Brasileira de Educação Ambiental (RevBEA), [S. l.], v. 17, n. 5, p. 54–64, 2022. DOI: 10.34024/revbea.2022.v15.14026. Disponível em: <https://periodicos.unifesp.br/index.php/revbea/article/view/14026>. Acesso em: 20 jul. 2024.

SILVA, Ione de Cássia Soares da et al... **As Novas Tecnologias e aprendizagem: desafios enfrentados pelo professor na sala de aula.** Revista Em Debate (UFSC), Florianópolis, volume 16, p.107-123, 2016.ISSN e 1980-3532. Disponível em:<https://periodicos.ufsc.br/index.php/emdebate/article/view/1980-3532.2016n15p107/33788>. Acesso em: 16 jul de 2024

SILVA, Lucas Victor et al. **A pesquisa sobre jogos como recursos didáticos no campo do Ensino de História no Brasil: um estudo do estado do conhecimento.** História & Ensino, v. 26, n. 2, p. 374-399, 2020.

SOUZA, S. E. **O uso de recursos didáticos no ensino escolar.** In: I Encontro de Pesquisa em Educação, IV Jornada de Prática de Ensino, XIII Semana De Pedagogia da UEM: “Infância e Práticas Educativas”, Anais... Maringá: UEM, 2007.

CAPÍTULO 8

A UTILIZAÇÃO DE RECURSOS DIDÁTICOS POR PROFESSORES DE SOCIOLOGIA DO ENSINO MÉDIO DO CARIRI PARAIBANO

Vinícios Matheus Dos Santos Farias
Maria do Socorro Soares de Almeida Filha
Luciana Severina da Silva
Fabiano Custódio de Oliveira
Doi: 10.48209/978-65-5417-459-8

INTRODUÇÃO

O debate sobre a utilização de recursos didáticos na educação básica é de vital importância, considerando que eles são necessários para que o educador tenha uma boa desenvoltura em sala de aula. No entanto, é importante destacar que se esses recursos em alguns momentos são usados de maneira desconexa e além de promover uma aula improdutiva, o professor vai fazer com que os alunos percam o interesse em sua disciplina e nos conteúdos lecionados. Sendo assim, Souza (2007) destaca que o uso dos recursos didáticos por professores da educação básica em sala de aula requer não só planejamento, mas, orientação, formação e domínio de conteúdo por parte do docente, pois, a utilização dos mesmos requer a junção entre a teoria e a prática.

Além disso, Souza (2007, p.113) ainda aponta que “utilizar recursos didáticos no processo de ensino-aprendizagem é importante para que o aluno assimile o conteúdo trabalhado, desenvolvendo sua criatividade, coordenação motora e habilidade ao manusear objetos”, visto que esses recursos normalmente são utilizados em resolução de situações problema, ligadas a contextos socioculturais e socioeconômicos dos alunos. Sua utilização em sala põem os educandos em primeiro plano no processo de construção das suas aprendizagens, ou seja, eles são os próprios responsáveis por desenvolver seus conhecimentos, a partir da orientação do professor.

Esta pesquisa teve como objeto de estudo 15 professores(as) que estão lecionando a disciplina sociologia na educação básica, no território do Cariri Paraibano, sendo eles de instituições públicas e privadas. Os escolhemos tendo em vista que, a partir dos seus olhares e experiências, podemos identificar qual é a contribuição profissional da utilização de recursos didáticos no ensino médio e como os mesmos estão sendo trabalhados nas escolas do cariri paraibano. Desta forma, esse trabalho tem por objetivo apresentar a percepção de professores de sociologia do ensino médio sobre os benefícios de se utilizar esses recursos na execução das aulas e demonstrar, a partir das falas dos professores, os principais desafios encarados para utilizar esses recursos didáticos nas aulas de sociologia.

Está pesquisa foi realizada pelo grupo PET Interdisciplinar Gestão Pública, Política e Cidadania, da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), do Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido (CDSA), que está localizado no município de Sumé, Cariri Ocidental paraibano. Esse grupo surgiu em 10 de dezembro de 2010 em um contexto de expansão das instituições federais de ensino superior do Brasil com o intuito de potencializar as atividades de ensino, pesquisa e extensão dos cursos de graduação em Gestão Pública, Ciências Sociais e Educação do Campo, presentes neste campus (Silva, 2015).

Além disso, esse trabalho também foi apresentado no XXIX Encontro Nacional dos Grupos do Programa de Educação Tutorial, que tinha como tema central “O papel do Programa de Educação Tutorial na Formação de Cidadãos como Agentes de Mudança”, que ocorreu entre os dias 14 a 17 de Novembro de 2024, na UFRPE, na cidade de Recife-PE, nordeste brasileiro. Esse evento tinha o intuito de divulgar as ações de Ensino, Pesquisa e Extensão executadas dentro dos grupos PET espalhados por todo o Brasil, além disso, também tinha como meta refletir sobre como os petianos poderiam agir na sociedade enquanto agentes de mudança. Nesse sentido, esse trabalho se torna relevante, pois ajuda aos educadores a refletir sobre formas de como dinamizar as aulas de sociologia na educação básica, a partir da utilização de recursos didáticos em sala de aula.

RECURSOS DIDÁTICOS: pensando sua evolução no chão da sala de aula

Segundo Carbonneau e Hétu (2001), ao longo dos anos, o uso dos recursos didáticos tem evoluído significativamente. Eles argumentam que no passado, os recursos disponíveis eram limitados, com predominância de materiais impressos, como livros didáticos e enciclopédias, no entanto, com o avanço das tecnologias e as mudanças nas formas como as pessoas aprendem, os recursos didáticos passaram por transformações importantes.

A principal mudança se dá a partir do avanço das tecnologias, pois com o surgimento de computadores, internet, dispositivos móveis e softwares educacionais, os alunos passaram a ter acesso a uma ampla variedade de recursos digitais, como vídeos, simulações interativas, jogos educativos e plataformas de aprendizagem online e isso proporcionou uma experiência de aprendizagem muito mais dinâmica e interativa (Carbonneau e Hétu, 2001).

Em uma perspectiva pedagógica, as abordagens educacionais também se tornaram mais produtivas, pois o professor deixou de ser o centro do processo educacional e o desenvolvimento do ensino-aprendizagem passou a focar na transmissão de conteúdos para os alunos de um modo que os mesmos pudessem construir seu próprio conhecimento, a partir das mediações feitas pelo docente em sala de aula. Neste caso, os recursos didáticos passaram a desempenhar a tarefa incentivar a participação dos alunos nas aulas e a estimular que os mesmos construam seu conhecimento a partir de atividades práticas (Gimeno, 2000).

Carbonneau e Hétu (2001) reconhecem que os alunos têm estilos e ritmos de aprendizagem diferentes, sendo assim, os recursos didáticos também evoluíram para atender às necessidades e preferências individuais dos estudantes. Outra questão importante a ser pontuada é que a utilização dos recursos didáticos da atualidade deve atender a necessidade de estimular uma aprendizagem ativa, em que os alunos sejam encorajados a participar ativamente do processo de aprendizagem, por meio de atividades práticas, projetos de grupo, discussões e reflexões. Além disso, há também uma ênfase na aprendizagem significativa, em que os recursos são projetados para conectar os conteúdos aos conhecimentos prévios dos alunos e às suas experiências do mundo real.

Com as tecnologias, a utilização dos recursos didáticos em sala de aula avançou resultando em um ensino que priorizou os conhecimentos práticos dos alunos. Essas transformações refletem uma compreensão mais profunda sobre como os alunos aprendem e a importância de promover uma experiência de aprendizagem engajadora e personalizada.

Autores como Souza (2007), Lopes (2019), Gimeno (2000), Castoldi e Polinarski (2009) e Carbonneau e Héту (2001) argumentam que a utilização dos recursos didáticos nos processos de ensino-aprendizagem favorece a construção do conhecimento pelos alunos de várias maneiras. A primeira delas, e talvez, a mais importante é o estímulo da participação ativa dos alunos, colocando-os como protagonistas do processo de ensino-aprendizagem dinâmico e significativo. Na promoção de uma educação baseada nas experiências práticas dos alunos, visto que as mesmas auxiliam na memorização dos conteúdos práticos. No estímulo do pensamento crítico, pois os recursos didáticos, se bem utilizados, podem criar ambientes que desafiam os estudantes para pensar criticamente e para resolver situações problemas. Por exemplo, ao utilizar jogos educativos, os estudantes são incentivados a tomar decisões, analisar informações e encontrar soluções para os desafios propostos, resultando no desenvolvimento das suas habilidades de pensamento crítico e raciocínio lógico.

Além disso, as utilizações desses recursos didáticos também contribuem para o estímulo da criatividade e da imaginação dos estudantes; na memorização e assimilação de conceitos, através de recursos visuais como gráficos e diagramas; na contextualização do aprendizado, pois os docentes podem utilizar-se dos recursos para situar os alunos em situações reais do seu cotidiano, tornando a aprendizagem mais significativa e de fácil compreensão; e colaborar para o desenvolvimento de competências e habilidades para o trabalho em equipe, por exemplo, em atividades que envolvam trabalhar em conjunto, a compartilhar ideias e a desenvolver habilidades sociais, como a comunicação e o respeito mútuo (Carbonneau e Héту, 2001).

Pensando a partir da perspectiva dos professores, os recursos didáticos oferecem maior flexibilidade para adaptar os métodos de ensino com base nas necessidades e o ritmo de aprendizagem dos alunos. Desta forma, os docentes

podem personalizar o conteúdo, oferecendo diferentes níveis de dificuldade ou adaptando as atividades para atender às necessidades individuais dos estudantes, possibilitando uma educação mais inclusiva e personalizada (Gimeno, 2000).

De acordo com Lopes (2019) a utilização de recursos didáticos é uma prática fundamental para o processo de ensino-aprendizagem na sala de aula. Eles possibilitam tornar os conteúdos mais acessíveis e compreensíveis, promovendo a construção do conhecimento colaborativo entre os alunos. Possibilita que o docente possa adaptar os seus métodos de ensino, ao incorporar esses recursos de maneira eficaz criando um ambiente de aprendizagem enriquecedora e estimulante. Através dos recursos didáticos, os estudantes também são incentivados a construir seu próprio pensamento de maneira crítica e isso contribui para o desenvolvimento de competências e habilidades essenciais para o século XXI, como por exemplo, o pensamento rápido, o raciocínio lógico e criativo na resolução de situações problema, na colaboração e comunicação em grupo e na autonomia profissional.

METODOLOGIA

Para a realização do presente trabalho utilizou-se uma metodologia qualitativa, através de uma revisão bibliográfica e descritiva, onde o pesquisador primeiro busca conhecer seu problema de pesquisa a partir de um levantamento bibliográfico com referenciais teóricos sólidos sobre o tema e posteriormente, após a aplicação da pesquisa, busca descrever e analisar os dados coletados a partir da frequência dos relatos obtidos e a conexão entre eles (Gil, 2010).

A coleta de dados se deu através de um questionário aplicado para 15 professores(as) de sociologia do ensino médio, atuantes em instituições públicas e privadas localizadas no território do Cariri paraibano durante o mês de maio de 2024. Dos 15 entrevistados(as), 10 são mulheres e 5 são homens, entre eles, 7 são de cargos efetivos e 8 temporários (contratados); além disso, 14 tem formação em Ciências Sociais e 1 é formado em História, mas, atualmente, está cursando uma graduação de Sociologia, então, todos que lecionam a disciplina possuem formação na área de ciências humanas e sociais. Dentre eles, os com

mais tempo em sala de aula têm aproximadamente entre 20 e 30 anos, os demais têm entre 10 e 15 anos, e os mais “novos” têm entre 7 meses a 5 anos.

O questionário foi criado em formato online, com perguntas abertas e fechadas e aplicado através da plataforma *Google Forms*. Tal escolha deu-se em virtude da proporção geográfica em que se encontram esses professores, considerando que a maioria das instituições de ensino só possui apenas um responsável pela disciplina em todos os níveis, o que resulta ter que buscar interlocutores em outros municípios. Além disso, busca do contato desses docentes ocorreu por meio do WhatsApp e utilizamos do método bola de neve, onde pegamos indicações de outros nomes durante a aplicação com os respondentes. Na análise de dados buscamos observar as semelhantes entre as respostas para poder compreender a realidade desses professores.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

O uso de recursos didáticos no processo de ensino-aprendizagem é uma prática amplamente reconhecida como benéfica pelos educadores, o emprego desses recursos contribui significativamente para a apropriação do sistema de escrita alfabética. Dentre os benefícios destacam-se a melhoria na compreensão dos conteúdos por parte dos estudantes, o aumento da motivação e o interesse pela aprendizagem, além da promoção de um ambiente mais dinâmico e participativo em sala de aula (Carbonneau e Héту, 2001).

A utilização de recursos didáticos também está associada à facilitação da compreensão e internalização dos conteúdos por parte dos alunos, uma vez que esses materiais possibilitam uma abordagem mais visual e interativa do conhecimento (Souza, 2007). Nesse sentido, segundo os dados apresentados por Gimeno (2000) na prática educativa os recursos didáticos desempenham um papel fundamental na construção do currículo, pois auxiliam na seleção e organização dos conteúdos a serem ensinados. Além disso, o uso desses recursos possibilita a diversificação das estratégias de ensino, tornando as aulas mais atrativas e significativas para os alunos, promovendo uma maior inclusão e participação ativa dos estudantes.

Os 15 professores entrevistados reconhecem que o uso desses recursos permite atender melhor às diferentes formas de aprendizagem presentes em suas turmas, ademais, o emprego desses recursos também se mostra eficaz na promoção da autonomia dos estudantes, estimulando-os a explorar e manipular diferentes ferramentas educacionais para construir seu próprio conhecimento. Os benefícios da utilização de recursos didáticos listados pelos docentes entrevistados são: Melhoria da compreensão e discussão dos conteúdos, temas e conceitos em sala com os alunos; aproximação da relação professor/alunos, promoção de participação ativa dos alunos e dinamização do processo de ensino aprendizagem; os recursos permitem a saída do ensino tradicional clássico das aulas monótonas e adota uma metodologia mais aproximada da realidade tecnológica dos alunos; auxilia o docente na transposição didática com um ensino contextualizado a realidade cotidiana dos estudantes; ajuda o desenvolvimento da imaginação sociológica dos alunos e a sua apreensão dos conceitos; ajuda na transposição didática da linguagem acadêmica/científica, tornando-a mais fácil para compreensão dos discentes; e promove uma aprendizagem diversificada às realidades dos estudantes, considerando que cada um aprende a sua maneira, segundo seus próprios processos de socialização econômica e cultural.

Eles mostram a importância do uso de recursos didáticos para o desenvolvimento da prática docente mais dinâmica e contextualizada em sala de aula. Segundo os autores Carbonneau e Hétu (2001), o uso desses recursos permite ao professor criar um ambiente de aprendizagem mais dinâmico e interativo, favorecendo a compreensão dos conteúdos pelos alunos acerca do uso de recursos didáticos no contexto escolar. É possível afirmar que esses recursos desempenham um papel fundamental na promoção da aprendizagem significativa e no desenvolvimento das competências dos alunos ao longo do processo educativo.

Já para Gimeno (2000), os recursos didáticos devem ser utilizados pelos professores diariamente porque são ferramentas que auxiliam na transmissão dos conhecimentos de forma mais clara e concisa. Eles podem ser classificados como recursos didáticos concretos, como por exemplo, livros, apostilas e objetos manipuláveis, ou recursos audiovisuais, como vídeos, imagens e apre-

sentações multimídia, diante da diversidade de recursos disponíveis. Cabe aos professores explorar estratégias criativas para incorporá-los em suas práticas pedagógicas visando potencializar as experiências de ensino-aprendizagem em sala de aula.

Quando questionamos aos professores sobre quais recursos eles consideram mais eficazes na condução das suas aulas de sociologia, eles mencionaram com mais frequência Slides/DataShow e Filmes/Vídeos, seguido de Livro Didático, Computador, Celular, Mapas Mentais, Jogos, Charges, Musicas, Quadro branco, Desenhos, Imagens e Televisão.

Os recursos didáticos permitem a diversificação das estratégias de ensino. Cada aluno possui um desenvolvimento de aprendizagem diferente e a utilização de recursos variados pode atender às necessidades individuais de cada um. Alunos visuais, por exemplo, podem se beneficiarem de imagens, charges, desenhos, mapas mentais; enquanto que alunos auditivos podem aprender melhor por meio de vídeos, músicas, jogos e debates em grupo (Castoldi e Polinarski, 2009; Souza, 2007). Dessa forma, constata-se que os recursos didáticos promovem maior inclusão e a participação ativa de todos os estudantes na sala de aula.

Alguns exemplos de recursos didáticos que podem ser utilizados, buscando uma conexão com os benefícios apontados pelos professores incluem o uso de jogos educativos, como quebra-cabeças e jogos de memória, que contribuem para a compreensão dos conteúdos e estimulam a participação ativa dos alunos; e o emprego de materiais manipulativos, como letras móveis e material concreto para representar quantidades matemáticas, que também favorecem a aprendizagem visual e tátil.

Há inúmeras vantagens sobre utilizar os recursos didáticos para execução das aulas de sociologia no ensino médio, dentre elas, nossos entrevistados mencionam com maior destaque: Fazer conexão entre o conteúdo estudado e a realidade do aluno, de maneira que ele possa aprender a partir das suas próprias vivências; tornar as aulas mais atrativas, dinâmicas e divertidas, pois, sabemos que é um desafio fazer com que os alunos prestem atenção nas aulas do ensino médio, principalmente a de sociologia; aumento da compreensão do conteú-

do estudado, visto que o recurso didático aproxima o aluno do tema e facilita seu processo de ensino-aprendizagem; e por fim, proporcionar maior interação entre o docente e os discentes e romper essas barreiras hierárquica comum do ensino clássico.

O uso de recursos variados no processo de ensino-aprendizagem possibilita que o professor passe a não depender exclusivamente do livro didático ou do quadro branco, desapegando-se das aulas tradicionais centradas na exposição do conteúdo (Lopes, 2019). A finalidade específica de todo recurso didático é abrir a mente criativa dos alunos, provocar seu instinto de curiosidade, mostrar pistas em termos de argumentação e raciocínio, instigar ao questionamento (pesquisar) e à reconstrução (Demo, 1998). É por esses e outros motivos que o uso da diversidade de recursos didáticos é de suma importância no ambiente escolar.

Como nem tudo são flores, também há os desafios enfrentados pelos professores e dentre os mencionados estão: Falta de tempo hábil de aula para a execução diversificada de recursos, visto que a sociologia só possui uma aula semanal de 50 minutos; e a escassez de equipamentos eletrônicos e de papelaria oferecidos pela escola que muitas vezes restringe as possibilidades da utilização de alguns desses recursos. Além do mais, outro desafio que afeta quase todos os docentes é a questão da formação continuada, pois, segundo eles aulas diversificadas exigem muita criatividade, preparo e, sobretudo, domínio das tecnologias e alguns deles ainda têm dificuldades para acessar e se adaptar a elas.

Um dos grandes desafios desses docentes de sociologia tem sido despertar o interesse de seus alunos pela disciplina e seus assuntos abordados. Isso faz com que em muitas situações, o ensino se torne desprovido de significados, o que dificulta os educandos a assumirem uma postura crítica e responsável perante seu aprendizado escolar (Bandeira e Chupil, 2015). Faz-se necessário que o poder público faça valer os direitos de uma educação de qualidade, ao passo que deve fortalecer os docentes no ambiente escolar e para que isso ocorra, eles devem ser preparados por meio de formações continuadas, para poderem educar de uma forma ágil e significativa os seus alunos em sala de aula.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo dos anos, o uso dos recursos didáticos tem evoluído significativamente. No passado, os recursos disponíveis eram limitados, com predominância de materiais impressos, como livros didáticos e enciclopédias, no entanto, com o avanço das tecnologias e as mudanças na forma como as pessoas aprendem, os recursos didáticos passaram por transformações importantes que ajudam no processo de ensino-aprendizagem dos alunos.

Podemos perceber nos relatos dos 15 professores que a utilização de recursos didáticos é uma prática fundamental para o processo de ensino-aprendizagem na sala de aula, especificamente na execução das aulas de sociologia. Esses recursos, se bem utilizados, podem enriquecer a experiência de aprendizagem dos estudantes, promovendo maior engajamento, compreensão e retenção do conteúdo.

Segundo os professores um dos principais benefícios do uso de recursos didáticos é a possibilidade de tornar o conteúdo mais acessível e compreensível para os alunos, isso porque através deles é possível facilitar a compreensão e a memorização dos conteúdos, tornando-os mais relevantes e interessantes, principalmente aqueles dados de maneira contextualizada.

Os desafios são muitos, principalmente se levar em consideração que as escolas não dispõem de recursos didáticos mínimos, cabendo ao docente tomar toda responsabilidade para si de se capacitar e buscar tornar as suas aulas mais atrativas com seus próprios recursos. Para concluir, no geral, todos os professores que responderam o questionário deixaram registrado que gostariam que no mínimo, as escolas garantissem uma internet de boa qualidade, para que eles pudessem utilizar dos recursos tecnológicos sem interrupções e disponibilizasse um espaço com livros e filmes sociológicos, que garantissem o entrosamento dos alunos com conteúdos ministrados nas aulas de Sociologia.

Cabe a nós, enquanto integrantes do PET Gestão Pública, Política e Cidadania e futuros pesquisadores e docentes, pensar em como ajudar esses professores, seja por meio de promoção de minicursos de formação continuada ou com a produção de recursos didáticos para auxiliá-los em suas aulas de sociologia no ensino médio no território do Cariri Paraibano, onde está localizado a atuação do nosso grupo PET.

REFERÊNCIAS

BANDEIRA, C. M.; CHUPIL, H. **Contextualização e o uso de recursos didáticos: implicações no ensino de biologia**. Caderno Intersaberes, v. 4, n. 5, p. 263 - 275, 2015.

CARBONNEAU, M.; HÉTU, J.C. (2001). Formação prática dos professores e nascimento de uma inteligência profissional. *In*: PAQUAY, L.; PERRENOUD, P.; ALTET, M.; CHARLIER, E. (Orgs). **Formando professores profissionais: quais estratégias? Quais competências?** (P.67-79). Porto Alegre: Artemed.

CASTOLDI, R; POLINARSKI, C. A. **A utilização de recursos didático-pedagógicos na motivação da aprendizagem**. *In*: II SIMPÓSIO NACIONAL DE ENSINO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA. Ponta Grossa, PR, 2009.

DEMO, P. **Educar pela pesquisa**. Campinas: Autores Associados, 1998.

GIL, A. C. Pesquisa Social. *In*: GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. Ed São Paulo: Atlas, 2010. (p. 26-32).

GIMENO, S. J. (2000). **O currículo: uma reflexão sobre a prática**. Porto Alegre: Artmed. 9.

LOPES, L. C. **O uso de Recursos didáticos na motivação da aprendizagem em ciências**. Trabalho de Conclusão de Curso em Ciências Naturais. Faculdade UnB Planaltina. Brasília, 2019. Disponível em: https://bdm.unb.br/bitstream/10483/26811/1/2019_LoyaneCaldasLopes_tcc.pdf. Acesso em: 18 de julho de 2024.

SILVA, J. I. A. O. Entre Desafios, Estratégias e Táticas: O Programa de Educação Tutorial do CDSA. *In*: SILVA, J. I. A. O. (Org) **Metodologia e práticas: experiências no Semiárido Brasileiro**. Cachoeirinha: Everprint Indústria Gráfica, 2015. p 21- 53.

SOUZA, S. E. **O Uso De Recursos Didaticos No Ensino Escolar**. I Encontro de Pesquisa em Educação, IV Jornada de Prática de Ensino, XIII Semana de Pedagogia da UEM: “Infância e Práticas Educativas”. Arq Mudi. 2007;11(Supl.2). 110-4.

CAPÍTULO 9

EDUCAÇÃO AMBIENTAL NA EDUCAÇÃO BÁSICA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA DE UMA AÇÃO DO PET/CDSA GESTÃO PÚBLICA, POLÍTICA E CIDADANIA

Vinícios Matheus Dos Santos Farias

Rafael Freitas da Silva

Fabiano Custódio de Oliveira

Doi: 10.48209/978-65-5417-459-9

INTRODUÇÃO

No dia 02 de junho de 2023, o grupo PET/CDSA Gestão Pública, Política e Cidadania, promoveu para os alunos da Escola Agrotécnica Deputado Evaldo Gonçalves de Queiroz, do município de Sumé, localizado no Cariri Ocidental Paraibano. Uma oficina intitulada de “Educação e Gestão Ambiental no Semiárido”, em alusão a Semana do Meio ambiente, que em 2023 ocorreu entre os dias 05 e 09 de junho. Essa ação de extensão nasceu após refletirmos sobre a importância de se celebrar o “Dia Mundial do Meio Ambiente” que ocorreria no dia 05 de junho.

Essa oficina teve como eixos de discussão e reflexão os temas sobre: 1) A relação entre os seres humanos e o meio ambiente; 2) A caracterização do bioma do Semiárido Paraibano, especificamente a caatinga; 3) Discutimos sobre os impactos ambientais, suas causas e seus efeitos sobre a biodiversidade, a fauna, a flora e, sobretudo a vida humana; 4) Falamos da importância da educação ambiental nas escolas e nas instituições educacionais; 5) Refletimos sobre a importância de uma boa gestão ambiental e sobre seus benefícios para preservação da biodiversidade e a promoção de qualidade de vida humana; e 6) Por fim, tratamos da desigualdade socioambiental e seus efeitos na vida cotidiana dos alunos e na sociedade contemporânea como um todo.

A nossa ação extensionista foi realizada com os alunos das séries finais da educação básica da Escola Agrotécnica Deputado Evaldo Gonçalves de Queiroz, de Sumé-PB e nela utilizamos os pressupostos da pesquisa qualitativa, através da pesquisa-participante. De acordo com Lakatos e Marconi (2014), a pesquisa participante se preocupa com um nível de realidade que trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

A pesquisa-participante foi escolhida porque visa produzir mudanças (ação) e compreensão (pesquisa), sendo uma tarefa conjunta de compreensão e decisão democráticas baseada na práxis comprometida com a espiral auto reflexiva. Implica desenvolvimento profissional, assumindo transformação educativa dependente do compromisso dos sujeitos envolvidos. Implica, também, ampla autonomia e interação dos sujeitos e não se limita à ação pontual. Visa à reconstrução do conhecimento na ação (reflexão).

Esse trabalho foi apresentado no Congresso Internacional Movimentos Docentes - 2024, que tinha como tema central “Pacto pela formação e valorização docente”, que ocorreu entre os dias 15 a 18 de Outubro de 2024. Esse foi um evento em modalidade remota e foi executado pelo Observatório de Educação e Sustentabilidade da Universidade Federal de São Paulo - UNIFESP.

MEIO AMBIENTE, GESTÃO E EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Com um crescimento ascendente da população, com uma alta de migração habitacional para grandes centros, além de uma cultura de consumismo exacerbado, a relação do homem x natureza e com o meio ambiente (logo, com os recursos naturais existentes) tem sido feita de uma subserviência deste para aquele. Desta forma, é perceptível que os impactos ambientais se apresentam e se formam no meio ambiente onde o homem está inserido, onde o mesmo pode alterá-lo temporariamente ou permanentemente, estabelecendo suas modificações através de ações individuais e coletivas.

De acordo com a resolução do Conselho Nacional do Meio Ambiente (Conama, 1986), entende-se como **impacto ambiental** as alterações causadas pelo desenvolvimento das atividades humanas no espaço geográfico, podendo ser positivos, quando resultam em melhorias para o ambiente, ou negativos, quando essas alterações causam algum risco para o ser humano ou para os recursos naturais encontrados no espaço, afetando diretamente ou indiretamente o meio ambiente.

Pelas ações negativas, os impactos imediatos e futuros são notórios, como a compactação do solo no semiárido, causado pelas atividades pecuárias e utilização de máquinas de grande porte na agricultura, podendo potencializar o processo de erosão e desertificação, além de perda de grandes áreas. Já as ações positivas existem uma busca para corrigir e/ou restaurar os danos causados pelo homem, como limpezas de rios, replantio de árvores e programas de preservação ambiental.

No Brasil, graças à Constituição Federal de 1988 (e o que diz o seu art.225), manter um ambiente equilibrado tornou-se uma obrigação do poder público e da coletividade, com isso, também é necessário à atenção por parte da indústria quanto as suas produções e como elas impactam o meio ambiente. Para tal, o uso da gestão ambiental se mostrou como solução, o qual busca uma diminuição e controle dos impactos ambientais gerados pelas organizações.

A gestão ambiental representa a administração e o controle do impacto humano no meio ambiente, ou seja, saber utilizar de forma consciente e sustentável os recursos ambientais em um determinado espaço e tempo. A gestão ambiental pode ser definida como o caminho mais indicado para atender aos anseios e às necessidades de uma população, de uma cidade ou de uma empresa e, ao mesmo tempo, garantir que os recursos estejam mantidos para as próximas gerações (Garcia et al., 2021; Conama, 1986).

Mas, para manter uma relação entre o humano e o meio ambiente é necessário que haja um processo de educação ambiental. Ela se configura como uma série de ações por meio dos quais o indivíduo e a coletividade constroem valores sociais, conhecimentos, habilidades, atitudes e competências voltadas para

a conservação do meio ambiente, bem de uso comum do povo, essencial à sadia qualidade devida e sua sustentabilidade. Seu objetivo consiste na compreensão integrada do meio ambiente em suas múltiplas e complexas relações, envolvendo aspectos ecológicos, psicológicos, legais, políticos, sociais, econômicos, científicos, culturais e éticos. Ela pode se dar em espaços de educação formal, como salas de aula, seja no ensino fundamental, médio ou superior, ou ainda na não formal, em espaços não escolares, como organizações, associações, grupos de movimentos sociais, projetos, feiras culturais, etc. (Garcia et al., 2021).

Outra discussão que se mostra relevante é sobre a desigualdade socioambiental, que é resultante tanto de questões naturais, quanto de sociais, culturais, políticas e econômicas. Por aspectos naturais, podemos citar a falta de chuvas e o calor intenso nas áreas de clima semiárido, onde causam diversos problemas socioeconômicos, intensificando aqueles já presentes, como a fome e a pobreza. Quanto aos problemas ambientais, o principal deles atualmente é a desertificação. Economicamente, existem privilégios para certa parte minoritária da população, onde há uma plenitude dos direitos ambientais redigidos em nossa Constituição Federal no seu artigo 225 (1988), contraditoriamente, dividindo, na prática, a quem é contemplado e quem não. Tal afirmação acaba entrando em contrassenso com a proposta legal, pois a plena consolidação desse direito não contempla a maioria da população, parte menos favorecida economicamente, desencadeando problemas de saúde por falta de acesso a esses direitos, desencadeando um desenvolvimento social excludente (Garcia et al., 2021).

Uma imagem que muito bem ilustra essa situação é a ainda não completa taxa de saneamento básico presente no Brasil, que corresponde 68,3% dos domicílios com esgotamento sanitário (Rede geral ou fossa séptica ligada à rede) (IBGE, 2019), o qual desencadeia problemas de saúde, e ainda, o acesso à água tratada e potável, recurso essencial para a vida humana. Para um ambiente socialmente justo, é preciso que esteja garantido plenamente o acesso aos direitos sociais que estão inscritos na Constituição Federal de 1988, a todos os cidadãos, sem distinção (Garcia et al., 2021). Para isso, a presença do Estado se faz necessária e latente, podendo operar como um nivelador das desigualdades.

Com isso, a busca por um mínimo existencial deve ser aplicada, a qual consiste na identificação entre os aspectos social e ecológico da dignidade humana, consubstanciada pela evolução dos direitos fundamentais. O direito ao ambiente ecologicamente equilibrado deve ser assegurado a todos, de forma integrada e interdependente com os demais direitos, especialmente aos indivíduos e às comunidades mais vulneráveis, para a salva guarda de riscos e ameaças que expõem o planeta ao desequilíbrio, invocando, assim, a equidade ambiental.

DISCUTINDO A QUESTÃO AMBIENTAL COM OS ALUNOS DA EDUCAÇÃO BÁSICA

A educação ambiental consiste em um conjunto de ações pedagógicas que visam introduzir nos alunos um pensamento crítico/reflexivo relacionado à preservação, conservação e a sustentabilidade do meio ambiente. Ela se torna relevante no espaço escolar, pois busca formar crianças e jovens críticos e conscientes. A conservação do meio ambiente é essencial para ter qualidade de vida, então se faz necessário que os cidadãos aprendam desde cedo a lidar com o meio ambiente, de uma maneira que possa estabelecer uma relação natural, orgânica e sustentável que evite sua degradação (Freire, 2016; Munhoz, 2004; UNESCO, 2005).

Neste sentido, nossa ação ocorreu com as turmas do ensino fundamental II, da Escola Agrotécnica Deputado Evaldo Gonçalves de Queiroz, de Sumé-PB. Ela se procedeu nos seguintes momentos: 1) Palestra expositiva sobre o tema, explorando os conceitos e as teorias sobre o assunto; 2) Discussão com os alunos a respeito dos seus conhecimentos prévios sobre a temática; 3) Atividade prática de produção de desenhos; e 4) Exposição oral dos alunos sobre a atividade. Vejam as imagens a seguir de alguns dos momentos que tivemos com os alunos em sala de aula durante a execução da oficina:

Figura 1 - Primeiro e segundo momento: palestra e discussão sobre o tema da oficina.



Fonte: Registros fotográficos do banco de dados das ações do PET-CDSA

No momento inicial fizemos uma palestra expositiva com os alunos, onde podemos estabelecer um diálogo a respeito da discussão teórica do tema, apresentando-lhes os conceitos de meio ambiente, gestão ambiental, impacto ambiental, educação ambiental, desigualdade socioambiental e suas definições de maneira sucinta. No segundo momento, estabelecemos uma relação mais dialogada sobre a temática com os alunos, onde os mesmos tiveram a oportunidade de expor seus conhecimentos prévios do tema, experiências e suas percepções a respeito das falas que fizemos durante a palestra.

Figura 2 – Terceiro momento: Atividade prática - produção dos desenhos



Fonte: Registros fotográficos do banco de dados das ações do PET-CDSA

No terceiro momento, concedemos aos participantes um tempo para que eles produzirem desenhos retratando o que eles entendiam por educação ambiental, desigualdade socioambiental, meio ambiente ou gestão ambiental. Assim como poderiam reproduzir nos desenhos impactos ambientais que eles presenciavam no meio os quais eles vivem. Esse momento foi muito importante, pois podemos conversar mais de perto com os alunos, retirando dúvidas sobre o tema, ouvindo as suas experiências do dia a dia, refletindo sobre maneiras de como preservar o meio ambiente e pensando sobre ações que podem ser executadas para melhorar a relação do ser humano com a natureza e toda a sua biodiversidade.

Figura 3 – Quarto momento: Exposição final do significado dos desenhos



Fonte: Registros fotográficos do banco de dados das ações do PET-CDSA

Por fim, para concluirmos o encontro, abrimos um espaço para que os alunos fizessem uma breve exposição a respeito do significado e da reflexão levantada durante a criação dos desenhos. Esta atividade prática nos ajudou a perceber como os alunos mantêm relação com o meio ambiente e o que compreenderam com a palestra. Ao montar o mural, eles também puderam retratar para os demais colegas suas experiências de vida, dividindo ideias sobre como preservar o meio ambiente e apontaram maneiras de como melhorar a relação humana com a fauna e a flora do cariri ocidental paraibano e a biodiversidade do Semiárido.

Figura 4 – Registro final com a certificação de participação dos alunos.



Fonte: Registros fotográficos do banco de dados das ações do PET-CDSA

Nessa oficina podemos perceber que os alunos conhecem as discussões que circundam a temática da proteção ao meio ambiente, porém, também percebemos que há poucos momentos para que os mesmos explorem essas reflexões dentro de sala de aula. É válido destacar que obtivemos um retorno muito bacana, visto que os alunos se mostraram empenhados para executar a atividade prática dos desenhos. Neste momento da oficina podemos perceber que os jovens se sentem mais estimulados a refletir sobre questões que envolvem temas como desigualdade. Isso fica claro a partir do momento, onde a grande parte dos desenhos foram sobre impactos ambientais, causadores de ambientes sociais desiguais.

Outro aspecto importante para se destacar é o fato de que esses jovens possuem a consciência sobre os problemas ambientais que os cercam, mas

lhes falta um pouco de estímulo para desempenhar ações, no sentido de agir sobre o meio ambiente de maneira consciente, pensando em formas de como preservá-lo. Eles entendem como ocorrem os processos de desmatamento, queimadas, enchentes, etc., então é preciso estimulá-los para executar uma ação concreta sobre como preservar o meio ambiente que os cercam.

Esse momento com os alunos foi muito importante, visto que podemos sanar muitas dúvidas que eles possuíam sobre as discussões sobre meio ambiente e também podemos abrir um leque amplo de análise que os mesmos podem se aprofundar em outros momentos na escola. O debate sobre desigualdade socioambiental também foi muito rico, porque os alunos se empenharam e trabalharam bem com as discussões propostas e trouxeram bons exemplos da convivência deles mesmos em casa com os familiares, vizinhos, amigos, etc., e poderão aplicar o que eles já tinham conhecimento prévio com o que aprenderam na oficina durante a produção dos desenhos. Apesar das interrupções e os agitos da turma, podemos aprofundar ideias que ainda estavam um pouco rasas na cabeça dos alunos e introduzimos novas análises que eles podem fazer a partir da sua própria ação e convivência dentro do meio ambiente em que eles convivem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Enquanto petianos em formação, finalizamos essa oficina com muitos aprendizados, pois esse contato com a sala de aula é sempre muito importante e rico, visto que além de cientistas sociais e gestores públicos, também somos educadores no final das contas. Nossas ações de extensão com as escolas são sempre muito proveitosas, pois podemos sentir e ter um deslumbre sobre o processo de educar alguém, ser o canal do conhecimento para uma pessoa, entender a responsabilidade que é educar um cidadão para que ele seja um sujeito consciente e responsável no mundo. A gente ensina, mas também aprende junto, são tantas trocas de conhecimento, são tantos debates e discussões que são mobilizados que acabamos saindo desses espaços munidos de grandes aprendizados e ensinamos para nossa atuação profissional e como ser humano com o trato o outro.

Consideramos as ações de extensão de extrema importância, pois através delas podemos romper com essa barreira invisível que existe entre o ensino superior e a educação básica. Essa oficina é a prova viva de que os discentes que estão em formação precisam sentir o chão de uma sala de aula, porque por mais que o curso não seja diretamente uma licenciatura, no final das contas somos todos educadores nos espaços em que almejamos atuar, então, nada melhor que aprender logo no espaço mais desafiador que é a escola.

REFERÊNCIAS

[Constituição (1988)]. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Brasília, DF: Presidente da República, [2016].

BRASIL. Resolução CONAMA nº 1, de 23 de janeiro de 1986. Dispõe sobre a Avaliação de Impacto Ambiental. Ministério do Meio Ambiente. Disponível em: <https://www.ibama.gov.br/sophia/cnia/legislacao/MMA/RE0001-230186.PDF>.

DIANA, Daniela. Educação Ambiental. **Toda Matéria**, [s.d.]. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/educacao-ambiental/>. Acesso em: 1 fev. 2024.

FREIRE, Laísa Maria et al. Entendendo processos de desigualdades socioambientais na sociedade contemporânea a partir da análise crítica do discurso: Contribuições para a formação docente em ciências. Rio de Janeiro, 2016. Disponível em: https://dlwqtxtslxzle7.cloudfront.net/53612135/Artigo_SIAD_28.06_final-with-cover pag. Acesso em: 01 de fevereiro de 2024.

GARCIA, Denise Schmitt Siqueira; GARCIA, Heloise Siqueira; CRUZ, Paulo Márcio. Dimensão social da sustentabilidade e a pandemia da Covid-19: uma análise das desigualdades sociais. Rev. Direito Adm. Rio de Janeiro, v. 280, n. 1, p. 207-231, jan./abr.2021.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. PNSB – Pesquisa Nacional de Saneamento Básico. Rio de Janeiro: IBGE, 2019. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/panorama>>.

LAKATOS, Eva Maria e MARCONI, Marina de Andrade. **Metodologia científica**. 5º ed. São Paulo: Atlas, 2014.

Munhoz, Tânia. Desenvolvimento sustentável e educação ambiental. São Paulo: Contexto, 2004. Disponível em: www.avm.edu.br/docpdf/monografias. Acesso em: 01 de fevereiro de 2024.

PONTALTI, Edna Sueli. Projeto de Educação Ambiental: Parque Cinturão Verde de Cianorte. Disponível em: <http://www.apromac.org.br>. Acesso em: 10 de fevereiro de 2024.

UNESCO. Década da Educação das Nações Unidas para um Desenvolvimento Sustentável, 2005- 2014: documento final do esquema internacional de implementação, Brasília, Brasil, 2005. 120 p.

SOBRE O ORGANIZADOR

Fabiano Custódio de Oliveira



O Professor Dr. Fabiano Custódio de Oliveira é um destacado acadêmico brasileiro com significativa atuação nas áreas de Geografia e Educação do Campo. Graduou-se em Licenciatura Plena em Geografia pela Universidade Estadual da Paraíba (2004) e, posteriormente, concluiu Licenciatura em Pedagogia pela Faculdade IBRA de Brasília (2021). Obteve o título de Mestre em Geografia pela Universidade Federal da Paraíba (2007) e Doutor em Planejamento Urbano e Regional pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2017). Atualmente, é professor efetivo da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), lotado no Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido (CDSA), campus de Sumé, onde atua como Professor Adjunto Nível III em regime de dedicação exclusiva. Na UFCG, coordena o Laboratório de Ensino de Geografia e Educação do Campo (LEGECAMPO) e ministra

disciplinas nos cursos de Licenciatura Interdisciplinar em Educação do Campo e Técnico Superior em Agroecologia. Além disso, integra os programas de Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional (PROFSOCIO/UFCG) e de Mestrado Profissional em Ensino de Geografia (PROFGEO/UFCG). Atualmente é tutor do PET/CDSA/UFCG – Gestão Pública, Política e Cidadania. Tem experiência na área de Geografia, atuando nas seguintes linhas: Ensino de Geografia e Educação do Campo; Educação Contextualizada; Produção e Experimentação de Recursos Didáticos e Estudo da Dinâmica e Produção de Territoriais e Educação Ambiental.

SOBRE AS AUTORAS E OS AUTORES



Italo Tauan Batista Gomes

Aluno da Licenciatura em Ciências Sociais da UFCG e bolsista do Grupo -PET/CDSA – Gestão Pública, Política e Cidadania.

Jackson Emanuel Brito de Oliveira

Aluno da Licenciatura Interdisciplinar em Educação do Campo e bolsista do PET-CDSA- Gestão Pública, Política e Cidadania.

Tainá Carvalho da Silva

Aluna da Licenciatura Interdisciplinar em Educação do Campo e bolsista do PET-CDSA- Gestão Pública, Política e Cidadania.

Dayane Nunes Gonçalves

Aluna do Curso Tecnologia em Gestão Pública e Bolsista do PET/CDSA Gestão Pública, Política e Cidadania.

Yanna Maria Pachêco Gonzaga

Aluna da Licenciatura em Ciências Sociais da UFCG e bolsista do Grupo -PET/CDSA – Gestão Pública, Política e Cidadania.

Emerson Sousa Lopes

Aluno do Curso Tecnologia em Gestão Pública e Bolsista do PET/CDSA Gestão Pública, Política e Cidadania.

Brenda Tamires Oliveira de Araújo

Aluna do Curso Tecnologia em Gestão Pública e Bolsista do PET/CDSA Gestão Pública, Política e Cidadania.

Ingrid Gabriele Lima da Silva

Aluna do Curso Tecnologia em Gestão Pública e Bolsista do PET/CDSA Gestão Pública, Política e Cidadania.

Jordana Dourado de Brito

Egressa do Curso de Licenciatura em Ciências Sociais e do PET-CDSA-Gestão Pública, Política e Cidadania.

Michely Maria Vieira Sousa

Egressa do Curso de Licenciatura em Ciências Sociais e do PET-CDSA-Gestão Pública, Política e Cidadania.

Mylena Vicente da Silva

Egressa do Curso de Licenciatura em Ciências Sociais e do PET-CDSA-Gestão Pública, Política e Cidadania.

Vinícios Matheus Dos Santos

Aluno do Curso de Licenciatura em Ciências Sociais e Bolsista do PET-CD-SA- Gestão Pública, Política e Cidadania.

Maria Simone da Silva Santino

Egressa do Curso de Licenciatura Interdisciplinar em Educação do Campo e do PET-CDSA- Gestão Pública, Política e Cidadania.

Luciana Severina da Silva

Aluna da Licenciatura em Ciências Sociais da UFCG e bolsista do Grupo -PET/CDSA – Gestão Pública, Política e Cidadania.

Raiane Silva Lima

Aluna da Licenciatura em Ciências Sociais da UFCG e bolsista do Grupo -PET/CDSA – Gestão Pública, Política e Cidadania.

Elielma Trajano de Melo

Aluna da Licenciatura em Ciências Sociais da UFCG e bolsista do Grupo -PET/CDSA – Gestão Pública, Política e Cidadania.

Maria do Socorro Soares de Almeida Filha

Graduanda do Curso de Licenciatura Interdisciplinar em Educação do Campo e bolsista do PET-CDSA- Gestão Pública, Política e Cidadania.

Millena Martins da Silva

Graduanda do Curso de Licenciatura Interdisciplinar em Educação do Campo e Egressa do PET-CDSA- Gestão Pública, Política e Cidadania.

Mônica Alves Feitosa

Graduanda do Curso de Licenciatura Interdisciplinar em Educação do Campo e bolsista do PET-CDSA- Gestão Pública, Política e Cidadania.

Rafael Freitas da Silva

Egresso do Curso Tecnologia em Gestão Pública e do PET/CDSA Gestão Pública, Política e Cidadania.

Karla Alexandra Dantas Freitas Estrela

Doutora e Mestra em Educação pelo Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Federal de Pernambuco. É professora substituta da Unidade Acadêmica de Educação do Campo - UAEDUC da UFCG (CDSA - Campus Sumé) na área de práticas pedagógicas em Educação do Campo e atua na coordenação pedagógica em escolas municipais de Queimadas - PB.

REALIZAÇÃO



AGRADECIMENTOS

GOVERNO FEDERAL



UNIÃO E RECONSTRUÇÃO



Universidade Federal
de Campina Grande



**Centro de
Desenvolvimento
Sustentável do Semiárido**



Curso Superior de Tecnologia em

**GESTÃO
PÚBLICA**



TEMAS INTERDISCIPLINARES NORTEADORES NO ÂMBITO DO ENSINO, DA PESQUISA E EXTENSÃO DO PET/CDSA-GESTÃO PÚBLICA, POLÍTICA E CIDADANIA DO CDSA/UFCG

VOLUME 2

www.arcoeditores.com
contato@arcoeditores.com
(55)99723-4952

